



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
almoço oferecido ao presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos**

Palácio Itamaraty, 1º de setembro de 2010

Excelentíssimo senhor Juan Manuel Santos, presidente da República da Colômbia,

Companheiro José Sarney, presidente do Senado Federal,

Senhora Maria Ángela Holguín, ministra de Relações Exteriores da Colômbia,

Senhores ministros da delegação da Colômbia,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,

Companheiros ministros de Estado do Brasil,

Meu caro Lewandowski, ministro da Suprema Corte Federal e também da Justiça Eleitoral,

Meus amigos parlamentares,

Empresários,

Companheiros embaixadores,

Amigos e amigas

Estamos honrados com a presença do presidente Juan Manuel Santos, que escolheu o Brasil como destino de sua primeira visita ao exterior após tomar posse.

Sua presença entre nós oferece oportunidade para aprofundarmos o clima de parceria e de cooperação que sempre caracterizou o relacionamento entre Colômbia e Brasil.

Caro presidente Santos,

Presidimos dois grandes países em desenvolvimento. Estamos determinados a colocar nossas convergências a serviço do bem-estar e da



melhoria das condições de vida de nossas sociedades e da nossa região. Compartilhamos extensa fronteira comum que requer atenção prioritária.

Se no passado a Amazônia pareceu uma barreira que nos separava, hoje queremos torná-la símbolo de comunicação e intercâmbio.

O Acordo sobre residência, estudo e trabalho que assinamos vai melhorar as condições de vida das nossas populações fronteiriças. Colombianos e brasileiros de Letícia e Tabatinga poderão transitar livremente nas duas cidades, trabalhar onde quiserem e seus filhos serão aceitos em qualquer escola dos dois lados da fronteira.

Respondemos ao terrorismo e ao crime organizado por meio de uma integração que privilegia o trabalho, a saúde e a educação para todos. O acordo entre a Polícia Nacional da Colômbia e a Polícia Federal brasileira complementa os esforços de ocupação cidadã de nossas divisas, em contraposição ao tráfico de drogas e de armas e à lavagem de dinheiro.

A cooperação entre o Sena e o Senai para o estabelecimento de Centro de Formação Profissional em Letícia promoverá oportunidades de emprego e renda das famílias na região.

Precisamos pensar conjuntamente a Amazônia. Compreender a riqueza e complexidade dos ecossistemas florestais a partir da experiência dos povos que neles vivem, para saber como explorá-los de forma sustentável. Para isso devemos fortalecer a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica e torná-la instrumento efetivo de ação coordenada entre os países e povos da região.

Caro amigo presidente Santos,

O mundo do futuro será dividido entre países e sociedades capazes de gerar energia própria, com tecnologias adaptadas ao meio ambiente, e aqueles relegados a consumir combustível em condições insustentáveis ou de dependência externa. Tal cenário realça a importância da cooperação no campo da energia renovável.



Propomos uma aliança em matéria de cultivo, processamento e comercialização do etanol e biodiesel, com o propósito mais amplo, inclusive de ajudar outros países em desenvolvimento, sobretudo na América Latina e na África.

Também podemos trabalhar juntos na área de defesa, em pesquisa e desenvolvimento na indústria aeronáutica, naval e terrestre, no projeto do avião-cargueiro da Embraer – o KC-390 – e na produção de lanchas-patrolha. Impulsionaremos dessa forma o comércio bilateral, que apresenta sinais de dinamismo crescente.

Em 2010, as exportações colombianas para o Brasil aumentaram quase 90% e caminham para quebrar o recorde de 2008, de US\$ 830 milhões. É importante consolidar essa expansão e fazer de nossa balança comercial motor do crescimento recíproco.

Medidas inovadoras, como o sistema de pagamentos em moeda local, favorecerão esse projeto, tornando nosso intercâmbio mais ágil e barato.

A conclusão do acordo para o comércio de serviços entre o Mercosul e a Colômbia aumentará a complementaridade de nossas economias e estimulará novos investimentos nos dois sentidos.

Queremos fortalecer a associação da Colômbia com o Brasil e ampliar sua integração na América do Sul.

Os países da região têm com esta grande nação convergências e potencialidades comuns. Somos detentores de megabiodiversidade, possuímos sociedades multiétnicas, riqueza cultural e econômica forte e diversificada.

A Colômbia é o terceiro PIB da região, tem a segunda maior população e é o quarto maior território da América do Sul.

Nossa atuação conjunta nos foros regionais é vital para o encaminhamento das questões de interesse comum, inclusive no âmbito da Unasul, com respeito à soberania e à pluralidade de pontos de vista.

Os Conselhos de Defesa e de Combate ao Narcotráfico são dois



exemplos de mecanismos de cooperação regional em áreas fundamentais.

Amigo Presidente,

Nada justifica o terrorismo como instrumento de luta política. Não somos mais uma região de conflitos, de revolta e de censura. O Brasil é solidário com o povo colombiano em sua luta pela paz, contra a violência.

Cabe a nós fazer da América do Sul uma comunidade de nações dispostas a coordenar ações para que todos possam viver, prosperar em liberdade.

Vivemos, nos últimos anos... tempos, a retomada do desenvolvimento com estabilidade crescente, inclusão social e aprofundamento da democracia. Buscamos uma presença soberana de nossa região no mundo cada vez mais multipolar. Mas nossa região jamais estará solidamente integrada se não nos sentirmos partes desse projeto comum.

Senhor Presidente,

Sua visita é o início de uma nova caminhada conjunta de dois povos vizinhos e amigos, decididos a transformar em atos concretos o ideal de cooperação que nos anima.

Nesse espírito, peço a todos os presentes que levantem sua taça em um brinde à crescente prosperidade da nação colombiana, ao fortalecimento das relações bilaterais e à saúde do presidente Santos.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da conferência “Gênero, Desenvolvimento e Poder”

Foz do Iguaçu-PR, 1º de setembro de 2010

Meu caro companheiro, governador do estado do Paraná, Orlando Pessuti, e sua senhora, Regina Pessuti,

Minha cara companheira Gloria Rubín, ministra da Secretaria da Mulher do Paraguai,

Minha querida companheira Nilcéa Freire, ministra-chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres,

Ministros Fernando Haddad, da Educação; José Gomes Temporão, da Saúde; Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão; João Santana, da Integração Nacional; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; Alexandre Padilha, de Relações Institucionais; Paulo Vannuchi, dos Direitos Humanos,

Meu caro Paulo Mac Donald, prefeito de Foz do Iguaçu, por meio de quem cumprimento os prefeitos da região aqui presentes,

Meu caro companheiro Gustavo Codas, diretor-geral paraguaio da Itaipu Binacional,

Meu querido companheiro Jorge Samek, diretor-geral brasileiro de Itaipu Binacional;

Senhora Rebecca Tavares, representante permanente da Unifem para o Brasil e Cone Sul,

Senhor Arnaud Peral, representante-residente adjunto do PNUD para o Brasil,

Senhoras e senhores representantes das entidades patrocinadoras,
Companheiras e companheiros participantes deste encontro,



Companheiros da imprensa,
Amigos e amigas,

Pelo adiantado da hora, eu vou ler o meu discurso aqui porque no improviso eu demoro muito, e eu sei que vocês estão aqui reunidas para trabalhar e, portanto, têm que dormir cedo, acordar cedo, porque precisam produzir propostas de políticas públicas para as empresas que vocês trabalham, para o Pessuti, que acabou de criar uma Secretaria das Mulheres. E para os prefeitos que ainda não criaram secretaria das mulheres, que criem, porque isso facilita a vida de todos nós.

A desigualdade de gênero não cabe mais no Brasil do século XXI. O esforço para erradicá-la passa, necessariamente, pela troca de experiências e pelo debate de alternativas. É preciso mudar a consciência e a prática, tanto nos governos como na sociedade, em especial no mundo do trabalho. É verdade que as mulheres conquistaram avanços significativos nas últimas décadas. Sua luta possibilitou a modificação de leis arcaicas e garantiu a igualdade de direitos. Hoje as mulheres já provaram que podem comandar grandes empresas e ocupar postos de destaque no poder público, e profissões e atividades antes restritas aos homens, contam com um número cada vez maior de trabalhadoras. Não é justo, portanto, que a mulher continue ganhando menos que o homem, realizando o mesmo trabalho, tão bem ou melhor do que ele, ou que continuem a encontrar, no dia-a-dia das empresas, entraves muitas vezes injustificáveis à ascensão profissional.

É justamente por esse motivo que eu me sinto especialmente honrado em ver tantas organizações reunidas em torno de um projeto como o Pró-Equidade, conduzido pela Secretaria de Políticas para as Mulheres. São, como se sabe, 72 empresas públicas, privadas e instituições governamentais que, juntas, empregam mais de 138 mil mulheres em todo o Brasil. Ao participarem do Programa, elas estão mostrando como é possível fortalecer a igualdade de



gênero, modificando a própria cultura organizacional e as políticas de gestão de pessoas. Mais do que isso, estão servindo de exemplo para todo o mundo do trabalho brasileiro, seja no setor público, seja no setor privado.

Dou os meus parabéns, desde já, portanto, a essas empresas que participam do Pró-Equidade e que estão prestes a aderir aos princípios do empoderamento das mulheres dentro do Pacto Global das Nações Unidas, e em especial às empresas que estão organizando este ciclo de encontros regionais: o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, a CPRM, a Eletrobras, a Eletronorte, a Embrapa, Petrobras, Serpro e Itaipu Binacional, que é a nossa anfitriã aqui em Foz do Iguaçu.

Os debates que estão ocorrendo aqui neste espaço de diálogo privilegiado somente são possíveis graças a um novo momento da democracia brasileira, no qual existe uma nova relação entre o Estado e a sociedade. No que se refere à igualdade de gênero, essa nova relação começou a ficar clara logo no primeiro dia do meu mandato, do primeiro mandato, com a criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres. A Secretaria era uma antiga reivindicação dos movimentos sociais que encontraram, desde 2003, espaços inéditos de participação na elaboração e no acompanhamento das políticas para o setor. Isso se deu, entre outros momentos, nos encontros finais das duas conferências nacionais, com a participação de 320 mil mulheres de todos os rincões do nosso país e nos dois Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres, que envolvem os principais órgãos do governo federal em sua execução. Como resultado dessas políticas, pelo menos 46 novas medidas normativas em benefício das mulheres brasileiras foram promulgadas, com destaque para a ampliação da licença-maternidade e da Lei Maria da Penha, que é o mais importante garante das mulheres do nosso país.

Os principais programas governamentais, como o “Minha Casa, Minha Vida”, dão preferência às mulheres como titulares, pois reconhecem nelas maior comprometimento com o bem-estar dos filhos e da família. Pelo mesmo



motivo, mais de 90% dos responsáveis preferenciais pelo recebimento do Bolsa Família são as mulheres brasileiras.

O caminho a ser percorrido ainda é longo, mas avançamos muito nesses anos. A desigualdade de renda entre as mulheres e homens, por exemplo, finalmente começa a dar sinais de queda no Brasil. Entre 2004 e 2008, houve um crescimento de 14,5% nos rendimentos reais femininos e de 12,4% nos masculinos. Todos ganharam, mas as mulheres ganharam um pouquinho mais. E se alguém tem que ganhar mais, esse alguém é a mulher, porque ela quase sempre acumula muitas responsabilidades, além da dupla jornada de trabalho que muitas vezes a mulher tem que praticar.

A verdade é que as conquistas das mulheres significam avanços extraordinários para toda a sociedade e nós sabemos que tudo isso está sendo obtido graças a muita luta. A emancipação das mulheres, sua inserção cada vez mais autônoma e soberana no mundo do trabalho, na vida social e na política liberta também os homens de seus papéis arcaicos e repressivos, e contribui decisivamente para a construção de uma sociedade mais humana, equilibrada e mais justa.

Minha querida companheira Nilcéa,
Minha querida companheira Ministra do Paraguai,
Companheiras e companheiros,
Delegadas e delegados deste encontro,
Prefeitos,

Eu penso que a igualdade que a mulher está conquistando no nosso país ainda está longe de ser conquistada, embora esteja na nossa Constituição que todos devem ser tratados em igualdade de condições e, portanto, a lei é igual para todos. Mas esse também não é um problema brasileiro; é um problema americano, é um problema argentino, é um problema paraguaio, é um problema italiano, é um problema alemão, é um problema francês, é um problema inglês, é um problema chinês, é um problema da Índia, é um



problema da Coreia, é um problema do Japão, porque é sobretudo um problema cultural, de dominação, que já dura milênios, em que a mulher sempre foi tratada como se fosse cidadã de segunda categoria, [como] se fosse do sexo fraco, e que o homem sempre foi o cidadão de primeira categoria e o sexo forte. Não é uma lei que resolve isso; uma lei começa a resolver. O que resolve isso, na verdade, é o processo de maturidade de evolução política da consciência da sociedade.

Às vezes não é a lei. Às vezes é o comportamento de um companheiro dentro de casa; às vezes é o comportamento não apenas de um companheiro, mas de um companheiro e da família toda. Quantas vezes, em uma mesa de almoço, o marido e os filhos almoçam, levantam e deixam a louça para a mulher lavar, como se ela fosse empregada deles? Quantas vezes os nossos adolescentes, meninos e meninas, vão largando suas peças de roupa pela sala e pelo quarto e a mãe vai atrás, recolhendo, como se fosse quase que uma escrava da família? Quantas vezes uma mulher que trabalha em casa que nem uma escrava, cuida de três, quatro filhos, dá comida para eles de manhã, café, prepara para a escola, prepara o almoço, dá almoço para eles, depois prepara a janta, depois prepara para eles dormirem, dá banho nos filhos, ainda prepara roupa para o marido, e quando alguém pergunta... Lava casa, lava banheiro, lava roupa, não é isso? Aí pergunta... Vai lá o IBGE para perguntar “A senhora trabalha?”, ela fala “Não”. Ela fala não, porque o conceito de trabalho não foi um conceito inventado pelo marido. Talvez os que pensaram no conceito de trabalho eram homens.

Então, o que as mulheres fazem em casa, cuidando dos nossos guris, na verdade, é uma tarefa doméstica, não é trabalho. Fizesse um homem, ‘Pessutão’, uma semana de tarefa caseira; ou o Paulo Bernardo, que está rindo ali do lado; ou o Temporão, que é ministro da Saúde, que diz que a gente resolve o problema da pressão fazendo sexo cinco vezes por semana. Façamos, cada um de nós, um pouco da tarefa que as mulheres fazem, para a



gente perceber o que é trabalho de verdade. Muitas vezes a gente, discutindo no meio dos homens, a gente fala: “Por que uma mulher não quer trabalhar de empregada doméstica e às vezes ela quer trabalhar em uma fábrica, e não quer trabalhar?”. É porque o trabalho doméstico é uma coisa chata para caramba. É uma coisa pesada, é uma mesmice todo dia. Você olha para o lado, não tem ninguém para você conversar, e ainda chega gente em casa pisando nas canelas. E ainda tem pessoas que falam: “Ah, a minha empregada é como se fosse da família. Ela deu o peito para o meu filho, ela cuida da gente há 50 anos”. Aí você pergunta: “Por acaso colocaste essa santa no testamento?”. Não colocaram.

Então, vocês percebem que nós estamos apenas começando – e aí é o meu lado feminino que está falando –, estamos apenas começando uma luta, Nilcéa. Falta muito, porque não é uma questão de lei. A lei é importante, a Lei Maria da Penha é muito importante, mas, depois da Lei Maria da Penha é preciso que as mulheres adquiram coragem de saber que tem uma lei, que o Estado vai lhes dar proteção e que elas podem fazer a denúncia, sem o risco de apanharem o dobro depois.

É todo um processo que nós evoluímos muito, com os CRAS, evoluímos muito com as organizações, os CREAS, ou seja, as coisas começaram a evoluir, mas ainda falta muito para a gente conquistar. De qualquer forma, não tem outro jeito: nós só vamos conquistar se a gente tiver coragem de continuar debatendo, se a gente tiver coragem de continuar cobrando, se os prefeitos do Brasil inteiro forem evoluindo e as mulheres participando das secretarias, se os sindicatos tiverem cota de participação de mulheres, se os partidos tiverem cota de participação das mulheres.

É esse processo, Nilcéa, que está acontecendo no Brasil e que a gente não está percebendo: as mulheres, hoje, elas têm uma participação na escola maior do que os homens, inclusive na qualidade do aprendizado. Elas estão estudando mais do que os homens, mas as mulheres também estão se



doutorando mais que os homens no Brasil. Este ano serão 51% de mulheres formadas doutoras no Brasil, contra 48,5% dos homens.

Eu, hoje, quando vou numa grande obra, Samek, Santo Antônio e Jirau... quando você vai em Santo Antônio e Jirau, quando você vai na Nuclep, ou numa fábrica dessas, as mulheres estão trabalhando de soldadoras. Nos anos 80, soldador era uma profissão insalubre, que era proibido mulher trabalhar. Hoje você vai em Santo Antônio e Jirau, nas duas grandes hidrelétricas em construção, você encontra as mulheres manuseando aqueles caminhões maiores do que este hotel, e felizes da vida porque aquilo, para elas, além de um trabalho, é a liberdade de sair de casa, de poder trabalhar, conhecer outras pessoas.

Eu acho que essa evolução não é possível a gente fazer na lei; a gente faz é no dia-a-dia, é fazendo o que vocês estão fazendo, e a cada dia a gente vai conquistando um milímetro, um centímetro, daqui a pouco um metro, daqui a pouco as coisas estão do jeito que a gente quer. E eu acho que as mulheres precisam evoluir para a conquista política, evoluir, porque não esperem nunca gestos de benevolência de homens. Nós poderemos ser todos simpáticos no discurso, mas adoramos ficar sentados num sofá: “Me traz um café, tem uma cervejinha gelada? Eu não posso levantar porque o meu time está no ataque”. Não é assim, Samek? Não é assim? Eu, se perguntasse aqui quantos destes companheiros, aqui, lavam suas cuecas e suas meias, certamente nenhum lava, nenhum lava, porque nós achamos que é coisa de mulher fazer isso.

Então, meus companheiros e companheiras, eu penso que esses encontros... é um dia em que vocês vão tomar decisões e orientações, mas, sobretudo, é um dia em que nós, homens, precisamos voltar para casa sabendo que nós ainda estamos longe de ser os justos, os democráticos e os equânimes que nós poderemos ser. Ainda tem muitos de nós que vão para o banheiro e pedem uma toalha depois que tomam banho, que acham que a mulher tem que ir lá pegar a meia deles, a cueca. Tudo isso, tudo isso, um dia



vai terminar, e vai terminar com a evolução da espécie, do homem e da mulher, do homem cedendo e da mulher conquistando.

Portanto, eu acho que este encontro que vocês estão fazendo é um momento de vocês conquistarem mais um milímetro, porque faltam apenas quatro meses, Nilcéa, para terminar o nosso mandato, quatro meses. Quando você deixar a Secretaria, eu deixar a Presidência e os ministros deixarem de serem ministros, nós vamos levar um tempo para compreender o que fizemos e o que não fizemos, e a gente vai perceber que por mais que a gente tenha feito, por mais... Eu sei o que você fez, Nilcéa, eu tenho consciência do avanço que as mulheres tiveram nesses sete anos. Por mais que a gente fez, a gente, quando passar quatro ou cinco meses, a gente vai pensar “Poxa vida, poderia ter feito muito mais”, e muitas vezes não fizemos porque não sabíamos que podíamos fazer muito mais. Eu tenho certeza de que quem vier depois de nós vai fazer muito mais do que nós fizemos, e assim a Humanidade vai conquistando a sua democracia e as mulheres vão conquistando o seu espaço nesta sociedade democrática.

Um abraço, boa sorte e que Deus abençoe todas vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
aula inaugural da Unila e cerimônia de assinatura do decreto de criação
da Comissão de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira**

Foz do Iguaçu - PR, 02 de setembro de 2010

Foi em um dia como hoje que eu tive a ideia de criar o Programa Fome Zero. Fazia tanto tempo que eu não comia, que eu achava que não era possível a gente viver de discursos. Mas, hoje é um dia especial, nós vamos levar em conta aqui a fome. Eu passei ali numa cozinha, tinha um peitinho de frango, daqueles secos, que não tem gosto de nada, porque, normalmente, quando a gente vai comer, assim, com muita gente, é um peitinho de frango sem gosto de nada, com legumes que também não têm gosto de nada, e que... caloria e proteína zero.

Bem, eu quero, aqui, apenas copiando uma tradição imposta no México por Pancho Villa, quando eles fizeram a Revolução Mexicana, no primeiro ato que eles fizeram, ele e o Zapata abandonaram as nominatas. Então, eles diziam “mexicanos e mexicanas” e não diziam mais ninguém.

Como aqui tem muita gente e ninguém é candidato, eu só queria cumprimentar os magníficos reitores, tanto o companheiro Héglio Trindade, reitor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, quanto o companheiro Zaki Akel Sobrinho, da Universidade Federal do Paraná. E cumprimentando eles, eu estarei cumprimentando todos os magníficos reitores que estão aqui presentes, todos os prefeitos aqui presentes, todos os alunos aqui presentes, agradecendo a Itaipu Binacional, na pessoa do Cudas e na pessoa do companheiro Samek, que tanto têm trabalhado para que as coisas deem certo. E também as nossas queridas María Alfonsina Medina, da Argentina; Betânia Cristina, do Brasil; Nadia Rocio Ruiz, do Paraguai; e Patrícia



Santos, do Uruguai, por meio de quem eu quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras, alunos, que estão estudando aqui na Unila.

Por mais, por mais, eu queria dizer para vocês que eu vou cansar vocês contra a minha vontade, mas está volumoso.

Bem, primeiro, companheiros, eu queria dizer para vocês... Antes de mais nada, eu gostaria de aproveitar este evento na tríplice fronteira Brasil, Argentina e Paraguai, para dizer que, muitas vezes, nosso olhar autocentrado enxerga as divisas como o lugar onde acaba o país, uma espécie de fundo de quintal da nação e do seu desenvolvimento. Outras vezes, confunde-se a fronteira com uma zona de exceção da democracia, onde o imperativo da segurança dispensaria outros requisitos de coesão social, como o crescimento econômico, empregos, educação, saúde, lazer, urbanismo e vida participativa. Essa visão que acha possível haver segurança sem cidadania esquece que as fronteiras representam também o espaço onde começa um país. Elas formam, de fato, uma espécie de sala de visita da sociedade, a síntese daquilo que somos, daquilo que estamos construindo, daquilo que queremos ser. No caso brasileiro, é bom lembrar: essa sala de visitas tem cerca de 15 mil quilômetros de extensão, abriga 10% da nossa demografia e compreende 588 municípios, distribuídos em 11 estados da Federação. É um enorme salão de visitas, com portas abertas para dez países irmãos. Nenhum órgão ou instituição do Estado brasileiro pode dar conta desse universo isoladamente.

Para que as nossas fronteiras possam representar dignamente o país, por respeito aos nossos vizinhos e a nós mesmos, estamos assinando hoje – eu acabei de assinar – o Decreto de Criação da Comissão Permanente de Desenvolvimento e Integração da Faixa da Fronteira. O nosso objetivo é mobilizar transversalmente as ferramentas e instituições federativas para equacionar desafios e gargalos específicos do desenvolvimento nas divisas nacionais. Ainda não é o PAC das Fronteiras, mas, quem sabe, possa vir a ser uma semente nessa direção.



Meus amigos e minhas amigas,

Quero agora ressaltar que na vida de uma sociedade e sobretudo na rotina de uma fronteira, não há momento mais encorajador do que aquele em que o Estado cria uma escola. Felizmente, desde 2003, a experiência de criar escolas tem se repetido com notável frequência no Brasil. A Universidade Federal da Integração Latino-Americana é uma das 14 instituições federais de ensino superior criadas em nosso governo. Ela integra um esforço inédito para ampliar o acesso da juventude pobre ao ensino superior de qualidade. Faz parte de um mutirão, que está implantando 117 extensões universitárias em todo o território brasileiro. Inclui-se aí a criação de 704 mil bolsas de estudo do ProUni, além da ampliação de vagas de ingresso nas instituições federais, que passaram de 113 mil para 249 mil vagas por ano. Isso tudo, tudo isso acontece simultaneamente. Há uma revolução no ensino profissionalizante, que ganha 214 novas escolas técnicas até o final do meu governo.

A Unila, inaugurada em 16 de agosto, é um caso especial pelo qual temos enorme carinho. Ela se destaca nesse cenário pela singularidade de sua abrangência. Suas portas não se abrem apenas aos moços e moças do Brasil, mas a toda juventude latino-americana. Metade dos seus dez mil alunos, assim como metade dos seus 250 professores que formarão seu corpo docente, virão de países irmãos da América Latina. O campus da Unila, abrigado nas instalações da Hidrelétrica de Itaipu, foi concebido para ser a prefiguração do desenvolvimento regional integrado e solidário que estamos construindo através do Mercosul e da Unasul.

Meus queridos amigos e amigas,

Queridos estudantes,

A Unila é um novo marco histórico na vida dessa fronteira, que vem redimir a sombra de um passado incompatível com as aspirações seculares dos nossos povos. Para vocês, que certamente ainda nem haviam nascido, é



importante lembrar que a construção da Hidrelétrica de Itaipu, iniciada em fevereiro de 1971, coincidiu com um momento sombrio da democracia regional.

Em 1976, enquanto fervilhavam os canteiros de obras, a sociedade paraguaia, por exemplo, experimentava o ápice de uma espiral repressiva, que derramaria o sangue de incontáveis jovens lutadores pela liberdade. No Brasil, vivia-se a ressaca do chamado “milagre econômico”, um acerto de contas doloroso, que cobrava a fatura da abolição da liberdade na condução do nosso desenvolvimento. Crescimento e tirania política marcariam os anos de chumbo em outros pontos da nossa região. O caso brasileiro, porém, passaria à história como a síntese superlativa desse ato da liberdade.

Deixado à própria sorte, sem os contrapesos da democracia, o mercado fez o bolo econômico crescer em nosso país, sem alterar a sexta maior taxa de desnutrição do mundo. Nada mais distante desse paradoxo do que a agenda que perseguimos hoje, na construção de uma América Latina soberana, democrática, cooperativa e justa com seus povos.

Vocês sabem que cada ciclo histórico tem seu núcleo de formulação estratégica. O que se espera da Unila nessa nova etapa da vida latino-americana, não é apenas que ela cumpra o papel de uma instituição acadêmica convencional. Daí o nosso extremo carinho por este projeto, a exemplo do que temos com a Universidade Brasil-África, que também estamos construindo para estreitar a ponte histórica que nos une ao continente africano. O maior desafio da Unila é tornar-se a alma gêmea da integração regional, uma caixa de ressonância, ouvida e respeitada, como um centro avançado de referência e mobilização da inteligência latino-americana. A formação de blocos regionais é o novo escopo da luta pelo desenvolvimento no mundo globalizado. Somente o ganho de escala que esses blocos permitem poderá viabilizar investimentos e saltos tecnológicos inacessíveis a nações isoladas, tornando-as assim menos vulneráveis às instabilidades inerentes ao circuito financeiro globalizado, como vimos na crise em 2007, 2008 e 2009.



Ao preconceito conservador, que nega o alcance do Mercosul e da Unasul, devo lembrar que a América Latina já é o mais importante destino das exportações brasileiras. De janeiro a julho deste ano, 46,7% das nossas vendas de manufaturados foram dirigidas ao mercado regional. Uma integração efetiva, porém, não se faz apenas com trocas comerciais. Não se transforma uma região à revelia do bem-estar de seu povo, à margem dos seus intelectuais e artistas, indiferente às aspirações da juventude. A grande verdade é que as riquezas que nos complementam são maiores do que as assimetrias que nos dividem. Juntos temos as maiores reservas mundiais de minério de ferro, o maior horizonte de terras aráveis do planeta, a maior floresta tropical do mundo, grandes estoques de carvão, petróleo, gás, cobre, bauxita e um potencial hidrelétrico incontestável, de que Itaipu é apenas um exemplo.

A desigualdade social latino-americana, portanto, apontada como a maior do mundo, não tem origem na escassez, mas, sim, em uma lógica perversa de repartição do excedente econômico de natureza secular, mas perigosamente aprofundada nos anos 80 e nos anos 90. A fé cega no absolutismo dos mercados condicionou, então, a trajetória do continente. Circuitos de riqueza e de poder, fadados a concentrar renda e consumo outrora reconhecidos como obstáculo ao desenvolvimento, ganharam o incentivo e a cumplicidade de governos, inspirados em modelos de acumulação impiedosamente regressivos e antinacionais. A fronteira do Estado recuou perigosamente; políticas públicas, em especial, políticas sociais e de infraestrutura perderam espaço na agenda nacional. Do Rio Grande à Patagônia, a bola de neve do subdesenvolvimento ganhou velocidade assustadora.

Felizmente, hoje, esse nosso continente, secularmente dividido e diminuído em sua identidade geopolítica e cultural, vive um novo tempo. Nunca as condições políticas foram tão propícias às metamorfoses do cenário regional, em um duradouro ciclo de desenvolvimento, capaz de reverter e



superar definitivamente carências e inequidades históricas. Algo que parecia ser perdido, ou talvez nunca tenha existido entre nós, começa a pulsar em nossos corações: o sentimento de pertencer a uma mesma comunidade de destino. Ser latino-americano hoje, meus queridos companheiros e companheiras da primeira turma da Unila, significa fazer parte da mais promissora fronteira da luta por justiça social do século XXI.

Dizia o saudoso amigo e economista Celso Furtado que o principal desafio de uma integração regional não é sobrepor o que já existe em cada país, mas, sim, criar novas estruturas que funcionem, elas próprias, como alavancas indutoras de uma outra lógica de desenvolvimento. Esse é o espírito que deve orientar a Unila, esse é o protagonismo estratégico que esperamos dela como caixa de ressonância de um novo e auspicioso capítulo da unidade regional.

Companheiros e companheiras,

A aula inaugural vai começar agora. Isto aqui era um discurso institucional.

Apenas para dizer para vocês algumas coisas que aconteceram na minha trajetória política, que tem a ver com o que nós estamos colhendo hoje. Eu fui ao primeiro aniversário da Revolução Sandinista, em 19 de julho de 1980. Lá eu tive a oportunidade de conhecer toda a direção da Frente Sandinista e lá, pela primeira vez, eu tive a oportunidade de ter uma longa conversa com o presidente Fidel Castro. Lá eu tive a oportunidade de conhecer o Arafat e tive a oportunidade de conhecer outras figuras. Naquele tempo, era um tempo de muita incerteza para a nossa juventude e um tempo de muita inquietação. Eu lembro que a palavra de ordem mais ouvida na Nicarágua, naquele 19 de julho, era uma palavra de ordem que dizia: “Se a Nicarágua venceu, El Salvador vencerá”. E lá estava, próxima à Nicarágua, a Frente Farabundo Martí, há 15 anos tentando, pela via da luta armada, chegar ao



governo de El Salvador, enfrentando uma luta muito sangrenta com os soldados orientados, na época, pelas Forças americanas.

Em 1985... 1982, a gente tinha fundado o PT. O PT tinha apenas dois anos de existência, e pela lógica da legislação política brasileira, a gente era obrigado a legalizar o partido no mínimo em nove estados, e a gente era obrigado a ter pelo menos 20% dos municípios dentro de cada estado legalizado e a gente era obrigado a concorrer à eleição majoritária.

Naquele tempo não tinha propaganda no rádio e na televisão, era um pouquinho de tempo para cada um, e eu lembro que o PT era um partido com tanta gente que tinha participado da luta armada, que às vezes a propaganda do PT parecia um prontuário policial. Tinha gente que dizia: "*Magnus actus* [*actus magnus*]: sequestrador de avião; Manoel da Conceição: perdeu uma perna". A minha era assim... Não, "Altino Dantas, filho de general, condenado a 96 anos de cadeia". A minha era assim: "Luiz Inácio Lula da Silva, ex-engraxate, ex-tintureiro, ex-torneiro mecânico, ex-sindicalista, ex-presos político; um brasileiro igualzinho a você".

Eu fui candidato ao governo e tive, naquela época, 1,25 milhão de votos e me achei o mais derrotado dos seres humanos que disputou uma eleição. Se eu desse... Se eu tivesse tido de voto, em [19] 82, a quantidade de autógrafos que eu dava, eu teria sido eleito governador, porque a gente juntava muita gente nas ruas deste país, mas muita gente; eu não sei se era porque a gente era novidade, não sei se era porque era muito feio, as pessoas tinham curiosidade de ver, ou... O dado concreto é que a gente juntava muita gente, que não se resultou em votos, e eu me senti um trapo. Eu nunca pensei tanto em desistir da política como eu pensei em [19]82.

Em [19]85, eu fui para Cuba e fui ter uma conversa com o Fidel. E o Fidel, então, me alertou para uma coisa que me reanimou. Fidel perguntou para mim: "Meu caro companheiro Lula, por acaso..." Não existia, na história da Humanidade, nenhum operário que tivesse tido, até então, 1,25 milhão de



votos, e ele perguntava para mim: “Você conhece algum lugar do mundo onde um operário obteve 1,25 milhão de votos?”. Não existia. Pois era eu, aquele operário que tinha ficado em terceiro lugar na eleição para governador, em São Paulo, o operário mais votado do mundo; e isso me deu ânimo, me deu um ânimo de acreditar em outras coisas, e aí começamos a fortalecer o nosso partido.

Em [19]85, eu dei uma declaração para a imprensa, publicada em um jornal grande de São Paulo, dizendo que eu não acreditava que um operário pudesse chegar ao poder pela via do voto. Em 1989, eu fui para o segundo turno e tive 47% dos votos. E aí, eu descobri que era possível um operário ganhar as eleições pela via do voto, e em 1990 tivemos uma ideia: convidar toda a esquerda da América Latina para uma reunião no hotel Danúbio, em São Paulo. Era época de Copa do Mundo, 1990. Só para vocês terem uma ideia, quando a gente convidava do Paraguai, chegavam quatro ou cinco organizações do Paraguai; da Argentina chegavam 10 ou 12 organizações políticas de esquerda; do Uruguai era mais unido porque tinha frente ampla, e do Brasil era o PT que convocava e só o PT participava, então era mais unido. Mas a gente convocava, da República Dominicana, 18 organizações de esquerda; de El Salvador, não sei quantas organizações de esquerda, as pessoas não conversavam entre si. Na Argentina, a única coisa que unia os argentinos era o Maradona, e nós criamos, então, o Fórum de São Paulo. Só para vocês terem ideia, em 1993, ou [19]92, em El Salvador, o Chávez foi participar do Fórum, nós não deixamos o Chávez participar porque ele tinha tentado dar golpe na Venezuela, e a gente não deixou ele participar.

O dado concreto é que nós fomos criando uma consciência na esquerda da América Latina que passamos a conviver democraticamente, e hoje todos aqueles que participaram do Fórum de São Paulo chegaram ao poder pela via do voto e muitos estão governando os seus países. A democracia é a mais eficaz... é o mais eficaz instrumento que pode levar um negro a ser presidente



dos Estados Unidos, pode levar um negro a ser presidente da África do Sul, pode levar um torneiro mecânico a ser presidente no Brasil, pode levar um índio a ser presidente na Bolívia, e pode levar um Pepe Mujica, que depois de 14 anos preso e seis anos em uma solitária, virou presidente da República do Uruguai. Somente a democracia é que pode elevar um companheiro como o Colom a ser presidente na Guatemala – ele é um sacerdote maia –, ou pode levar um jornalista como o Mauricio Funes a presidente de El Salvador, ou pode fazer Daniel Ortega voltar ao poder na Nicarágua, o Rafael Correa chegar no Equador, Cristina e Kirchner chegarem na Argentina, o Lugo chegar no Paraguai. Quem imaginava que Dom Lugo chegasse ao governo do Paraguai sem ter sequer um partido político? Somente a democracia é que permite que a gente possa chegar ao poder com uma facilidade, e chegando ao poder, transformar as coisas que nós temos que transformar.

Eu estou dizendo isso porque esta universidade vai formar uma nova consciência política na América Latina. Possivelmente daqui a 10, 15, 20 ou 25 anos, nós já teremos uma doutrina, na América Latina, criada por esta universidade. Possivelmente daqui a 10 ou 15 anos, a gente tenha outros países da América Latina criando universidades similares a esta, com mais alunos de vários países estudando em outros países, como Cuba. O que é que explica que um país pequeno como Cuba, pobre como Cuba, consiga fazer uma universidade e levar gente para estudar Medicina em Cuba? E nós não podemos fazer.

Então, eu tinha quase que uma obsessão de criar uma universidade latino-americana, tinha uma obsessão. E quero agradecer ao companheiro Fernando Haddad, ao Congresso Brasileiro, o esforço que foi feito para que a gente pudesse, antes de terminar o meu mandato, estar fazendo este encontro com vocês aqui. Já está pronto o projeto para a licitação do prédio da universidade, mas, enquanto o prédio não vai aprontando, aqui cabem pelo menos uns quatro mil alunos, e a gente espera que no ano que vem já tenha



guatemalteco aqui, já tenha hondurenhos aqui, já tenha salvadorenhos aqui, já tenha cubanos aqui, já tenha chilenos aqui, já tenha equatorianos aqui, sabe? E esta universidade, ela pode ir crescendo. Hoje são 200 alunos, no ano que vem podem ser mais mil ou mil e duzentos. Aqui a gente pode comportar até uns quatro ou cinco mil alunos. Então, não é porque o prédio não está pronto que a gente não vai fazer com que a América Latina vá se integrando aqui.

Eu quero dizer ao companheiro Fernando Haddad que esta é uma coisa extraordinária, mas eu não estava conformado. Eu queria fazer uma universidade para a África, para o continente africano. O Brasil tem uma dívida histórica com a África, uma dívida que a gente não pode pagar em dinheiro, a gente tem que pagar em gesto, em solidariedade. Então, o que nós fizemos? Foi aprovada pelo Congresso Nacional uma universidade afro-brasileira na cidade de Redenção, no estado do Ceará, onde os primeiros trabalhadores negros, os escravos, se libertaram, e lá nós vamos fazer uma universidade para dez mil alunos – cinco mil brasileiros e cinco mil africanos –, para a gente ajudar no desenvolvimento do continente africano.

Eu acho, queridos companheiros e companheiras... vocês estão acompanhando o que está acontecendo na nossa querida América Latina. Vejam, eu sou o primeiro presidente do Brasil que visitou todos os países da América do Sul, da América Latina e do Caribe; eu sou o primeiro presidente que visitou, em um mandato, mais do que todos os presidentes do Brasil visitaram em toda a história do Brasil, o continente africano – eu já fui a 34 países africanos. Eu já fui o presidente que mais foi ao Oriente Médio. Nos países da América Central, eu fui o único presidente brasileiro a comparecer, porque, lamentavelmente, embora Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil, Venezuela e Colômbia, embora todos nós tivéssemos conquistado a independência entre 1800 e 1822 – o Brasil foi um dos últimos a conquistar sua independência –, a verdade é que nós nos libertamos dos colonizadores, mas,



intelectualmente ficamos colonizados, e economicamente nós fomos ficando subordinados à Inglaterra e aos Estados Unidos.

Eu lembro que quando eu disputei a minha primeira eleição, a grande briga aqui era se a gente ia criar a Alca ou não ia criar a Alca, se a gente ia criar a Alca ou fortalecer o Mercosul. A elite brasileira e a elite latino-americana queriam a Alca para subordinar a gente um pouco mais ao poder americano, e nós queríamos era o Mercosul fortalecido e vencemos com o Mercosul. Hoje ninguém fala mais em Alca.

Argentina e Brasil tinham uma balança comercial de US\$ 7 bilhões. Hoje a balança comercial entre Brasil e Argentina chega a US\$ 30 bilhões, porque tanto a Argentina ficava olhando para os Estados Unidos, como o Brasil ficava olhando para os Estados Unidos. Nós não confiávamos em nós mesmos, nós vivíamos de costas uns para os outros. E o papel que o Brasil joga na América do Sul como o país de maior população, como o país de maior industrialização, como o país de maior PIB é a obrigatoriedade de solidariedade com os nossos irmãos que fazem fronteira. O Brasil não tem que pedir, o Brasil tem que doar porque é assim que a gente constrói. Não adianta o Brasil ser rico, cercado de países pobres. O Brasil tem que ser rico, mas os outros países vizinhos do Brasil têm que estar ricos também, para que a gente possa, entre nós, partilhar e repartir o resultado da riqueza.

Eu lembro que quando Itaipu foi criada, em [19]71, os argentinos achavam que Itaipu era uma arma brasileira para inundar Buenos Aires e ameaçaram o Brasil com a bomba atômica, mas era a lógica, era a lógica. Maquiavel já dizia, meu filho: “É dividir para reinar”. O Chávez me disse que nas aulas que ele dava para as Forças Armadas venezuelanas, a palavra de ordem era a seguinte, dita pelos americanos: “O inimigo é o Brasil”. Os empresários do México têm medo dos empresários brasileiros e não têm medo dos empresários americanos. Então, essa doutrina foi colocada em prática durante séculos para dividir. Então ficavam os presidentes do Brasil e da



Argentina brigando para ver quem era mais amigo de Bill Clinton, de Reagan, de Margaret Thatcher, ficavam brigando.

Eu acho que a coisa mais extraordinária que nós conquistamos na América Latina hoje é a autoestima. Nós gostamos de nós, nós temos orgulho do que nós somos, nós temos orgulho. Nós não temos mais vergonha de ser latino-americanos, nós não temos mais vergonha de encontrar um brasileiro batendo pandeiro embaixo de um viaduto em Amsterdã, ou encontrar com um chileno tocando aqueles aparelhos chilenos ou um boliviano. É melhor estar fazendo aquilo, trabalhando honestamente, do que se estivesse roubando em qualquer lugar do mundo. E nós precisamos valorizar isso.

Eu quero dizer para vocês que termino meu mandato no dia 31 de dezembro. Às 10 horas da manhã do dia 1º estarei entregando a minha faixa presidencial, com a cabeça tranquila e a consciência tranquila de que ainda falta muito para a integração, falta muito. Nós ainda temos muitos resquícios do passado; nós ainda, muitas vezes, confiamos menos em nós; muitas vezes temos dúvida. Mas criar a Unasul, fortalecer o Mercosul, criar o Conselho de Defesa da América do Sul, criar o Conselho de Defesa de Combate ao Narcotráfico, fazer duas reuniões América do Sul/África, duas reuniões América do Sul/Oriente Médio não é fácil. Fazer a primeira reunião, em 200 anos, entre toda a América Latina mais Caribe, a primeira que nós fizemos foi na Bahia, porque não era permitido fazer reunião se não estivesse presente os Estados Unidos.

Então, depois de 200 anos, nós estamos aprendendo a andar com as nossas pernas, a enxergar com os nossos olhos, a falar pela nossa boca e a pensar pela nossa cabeça. E quando isso acontece, aí, sim, nós estamos conquistando definitivamente a nossa independência. E quando isso acontece com uma universidade como esta, eu, ao sair daqui, voltar para a minha casa e terminar o meu mandato, termino com a consciência tranquila de que a semente para a integração, mais importante do que uma estrada ou do que



uma ponte, está aqui, nesses meninos e meninas de blusa amarela, que vão significar o futuro da integração da América Latina.

Um grande abraço e boa sorte para a nossa Universidade da América Latina!

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do seminário Latino-Americano da Rede de Acolhimento Familiar (Relaf)

Foz do Iguaçu-PR, 02 de setembro de 2010

Eu estava com a impressão, quando eu cheguei aqui, que era o mesmo público de ontem. Aí eu percebi que o mesmo público de ontem é o palanque. Aqui mudou muita gente.

Bem, primeiro eu quero cumprimentar dizendo *buona sera*, Padre Juliano, que está lá de Roma assistindo, ouvindo a abertura do nosso Seminário. Eu espero que depois de ouvir o Pessuti e a mim, ao Samek, a todas as pessoas, conte ao nosso amigo dom Cláudio Hummes, que está em Roma também, o está acontecendo em Foz do Iguaçu no dia de hoje.

Quero cumprimentar o nosso companheiro Pessuti, que se não tivesse entrado na política, certamente seria um cantador de música sertaneja, e dos bons, e dos bons. Já teria ganho tanto dinheiro, que teria aberto uma churrascaria em algum lugar aqui. Agora, as mulheres estão se manifestando contra a música do João de Barro, porque o João de Barro é um pouco machista, o bichinho botou para quebrar. Se tivesse a Lei Maria da Penha, ou a Lei Maria do João de Barro, ele ia saber o quanto era bom.

Quero cumprimentar a nossa querida ministra Gloria Rubín, da Secretaria da Mulher do Paraguai,

Os meus ministros Paulinho Vannuchi, Fernando Haddad, da Educação; Márcia Lopes, do Desenvolvimento; José Gomes Temporão, da Saúde; Paulo Bernardo, do Planejamento; João Santana, da Integração Nacional; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral; Alexandre Padilha, das Relações Institucionais; e Nilcéa Freire, da Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Quero cumprimentar o nosso querido, e sempre companheiro, Paulo



Ghisi, prefeito de Foz do Iguaçu. É possível (incompreensível) papel, colar assim? E eu não posso pôr a mão na língua porque a imprensa vai tirar fotografia.

Quero cumprimentar a companheira Matilde Luna, presidente da Relaf,
Cumprimentar o companheiro Gustavo Codas, diretor-geral da Itaipu Binacional, nosso querido representante do Paraguai,

Nosso querido companheiro Jorge Samek, diretor-geral da Itaipu Binacional, representando o Brasil,

Quero cumprimentar a Ivânia Ferronato, coordenadora-geral da Rede Proteger,

Quero cumprimentar a Thelma de Oliveira, secretária estadual da Criança e do Adolescente,

Cumprimentar os companheiros e companheiras integrantes da Relaf,

Quero cumprimentar os caros integrantes da Orquestra Paranaense de Viola [Caipira], da Fundação Acir Gurgacz,

Quero cumprimentar os jornalistas,

Cumprimentar os prefeitos que estão aqui: está o Moacir Froehlich, de Cândido Rondon; está o Edgar Bueno, de Cascavel; o Armando Polita, de São Miguel do Iguaçu; a Ana Carlessi, de Santa Terezinha de Itaipu; a Maria Rita Schmidt [Rita Maria Schimidt], de Santa Helena; a Inês Dias [Gomes], de Diamante D'Oeste; e Telles, de Céu Azul. Se faltou alguém, me desculpem, porque foi o Pessuti que me passou a nominata.

Eu estou numa dúvida mortal porque eu estou com um discursinho bem feito, Paulinho, e eu estou com medo que o coração não fale tão bem quanto o meu discurso. Eu vou ver se leio o discurso, se não agradar no discurso, eu vou ficar olhando para vocês. Eu tentarei complementar com alguma coisa a mais, sempre levando em conta que nós ainda temos que fazer o ato de inauguração da Unila, e lembrando que nós temos que inaugurar uma UPA, e



lembrando que temos outras coisas.

Bem, nossa presença aqui hoje reafirma o compromisso do governo brasileiro de garantir a proteção integral a essa parcela mais vulnerável da população, que são as crianças e os adolescentes. Todos aqui sabemos que a família é o ambiente mais favorável ao desenvolvimento completo de uma criança, e não há dúvida de que ela exerce influência decisiva na formação dos indivíduos. É por isso que temos defendido a necessidade de dar apoio cada vez maior às famílias, conforme preconizado no Estatuto da Criança e do Adolescente, que completou 20 anos de existência em julho, oportunidade em o que nosso governo enviou ao Congresso Nacional um projeto de lei combatendo os castigos físicos às crianças. Fomos criticados por isso, porque disseram que nós estávamos querendo ter ingerência no território da habitação das pessoas.

A convivência familiar e comunitária deve ser articulada com outros direitos sociais, como saúde, educação, esporte, cultura, lazer, profissionalização, entre outros. Quando os direitos de meninos e meninas são violados, seja por agressão física ou psicológica, seja pela negação de suas necessidades básicas, o nosso próprio futuro é que está comprometido. É necessário empenho de toda a sociedade – governos, empresas, igrejas, sindicatos, movimentos sociais, ONGs – para defender com o máximo rigor os direitos das nossas crianças e adolescentes.

Para isso, estamos fortalecendo o nosso engajamento supranacional e a integração regional, que se expressam com força neste Seminário Latino-Americano, um espaço extraordinário de debates, reflexões e troca de experiências. Aliás, o Marco de Proteção de Crianças e Adolescentes da Tríplice Fronteira inaugurado hoje é também resultado desse engajamento. Ele reflete nosso esforço conjunto em cuidar melhor das gerações presentes e das gerações futuras. Este seminário coroa uma trajetória marcada por muitas conquistas do Brasil na condução de políticas públicas voltadas à garantia dos



direitos de crianças e adolescentes, e ao fortalecimento da família.

Em 2003, a Secretaria de Direitos Humanos e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-Ipea, realizaram uma pesquisa para conhecer melhor a qualidade dos serviços prestados pelos abrigos que recebiam recursos federais. E, infelizmente, foram constatadas violações ao direito à convivência familiar comunitária. Diante desse cenário de vulnerabilidade, foi constituído um grupo intersetorial com a participação do governo federal e de vários representantes da sociedade, com o objetivo de elaborar o Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária.

Por conta dessa iniciativa, o Brasil liderou o processo de elaboração das Diretrizes das Nações Unidas [sobre Emprego e Condições Adequadas] para [de] Cuidados Alternativos de Crianças, documento aprovado pela Assembleia Geral no início deste ano. Tanto as Diretrizes quanto o Plano Nacional estabelecem a necessidade imperiosa de reformulação dessas instituições que acolhem grande número de crianças. Elas destacam também o caráter de excepcionalidade e brevidade dos cuidados alternativos. No caso da adoção, sancionamos, em agosto de 2009, a nova lei nacional. Trata-se de um marco legal que assegura o direito à convivência familiar e comunitária.

Antes disso, em 2008, o Conselho Nacional de Justiça criou o Cadastro Nacional de Adoção. O Cadastro é uma ferramenta valiosíssima para os juízes das Varas da Infância e da Juventude, que têm a responsabilidade de decidir o curso desses processos.

Outro cadastro muito importante é o de crianças e adolescentes desaparecidos [Cadastro Nacional de Crianças e Adolescentes Desaparecidos]. Além de agilizar o trabalho da polícia, ele contribui para a identificação dos casos de desaparecimento e possibilita a adoção de medidas preventivas.

Há várias outras ações em andamento, para que possamos aprimorar cada vez mais as políticas públicas específicas para esses grupos



historicamente negligenciados. A Secretaria de Direitos Humanos está realizando o primeiro censo nacional de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua. O censo chegará a todas as capitais e municípios brasileiros com mais de 300 mil habitantes. O objetivo é conhecer os motivos que as levaram a essa situação.

Temos nos esforçado no diálogo com o Poder Legislativo para que seja aprovado com rapidez nosso projeto que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – Sinase, iniciativa verdadeiramente histórica para que o Brasil assegure a reeducação e a plena reintegração social aos adolescentes em conflitos com a lei.

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome está elaborando outro censo nacional. Este censo deverá tirar uma radiografia precisa da situação dos abrigos no país e estabelecer uma estratégia de reordenamento à luz do Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária. Paralelamente a todas as políticas que vêm sendo conduzidas, ampliamos um dos maiores programas de transferência de renda do mundo: o Bolsa-Família, que atende hoje mais de 12 milhões de famílias, como disse a nossa querida companheira Márcia. O Bolsa-Família resgata a dignidade de milhões de brasileiros e devolve a eles a capacidade de sonhar. Mais do que isso, ele permite que nossas crianças cresçam em um ambiente familiar sadio e mais estruturado.

No ano passado, celebramos os 20 anos de implementação da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança e podemos dizer, com orgulho, que fomos o primeiro país a incorporar os princípios da convenção em suas leis. Somos, hoje, referência internacional na erradicação da pobreza, no enfrentamento do trabalho infantil, e da exploração sexual e na diminuição da mortalidade... Queremos e podemos fazer mais e, para isso, estamos certos de que esse intercâmbio é essencial para avançarmos mais, com mais rapidez. Gostaria de destacar o papel fundamental da sociedade civil, que tem



contribuído de forma extraordinária na apresentação de pautas relevantes ao governo federal.

Quero também dar os meus parabéns a todos os que estão engajados nessa causa, especialmente aqueles que tornaram possível a realização desse seminário. Já se disse que a sabedoria de um povo pode ser medida pelo modo como se trata as suas crianças, que o Brasil seja capaz de proteger e valorizar a criança, sobretudo a infância pobre, respeitando a sua dignidade. Não existe outro alicerce mais sólido para construir uma grande nação.

Meus companheiros e companheiras,

Eu poderia ser testemunha do que muitos dos companheiros disseram aqui, mas é importante que a gente tenha a clareza de que cuidar da família, hoje, é tão importante quanto cuidar da economia. Houve um tempo em que, no Brasil, as pessoas diziam que era preciso criar um novo modelo de desenvolvimento, uma nova política econômica, e que estaria tudo resolvido. Eu aprendi que um dos principais problemas que nós construímos no Brasil, sobretudo naquelas décadas que nós considerávamos as décadas perdidas, foi a desestruturação da estrutura da família no país, um pouco causado pela pobreza; a pobreza não justifica tudo, mas a pobreza é como se fosse um caminho cheio de espinhos que por mais que a gente tome cuidado, a gente sempre está arriscado a pisar no espinho. Eu digo isso porque a estrutura familiar, ela foi muito importante para mim, muito. Eu digo sempre que graças ao tratamento que eu recebi da minha mãe, uma mulher que nasceu e que morreu analfabeta, ela não sabia fazer um “o” com o copo, mas uma mulher que com oito filhos não permitiu que nenhum deles desvirtuasse dos objetivos que ela tinha traçado para os seus filhos, que era transformá-los em cidadãos trabalhadores e honestos.

Eu fui o primeiro a ter um curso profissional, eu fui o primeiro a ter uma casa própria, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter uma geladeira, eu fui o primeiro a ter um carro. Tudo isso porque, dentre os oito



filhos, eu aprendi uma profissão. E eu fico imaginando, se você não tem uma estrutura familiar sadia, se o pai e a mãe estão vivendo um processo de degradação da convivência, isso repercute imediatamente no comportamento do filho. Uma casa, por mais pobre que ela seja, ela tem que ser uma espécie de amparo seguro para quem vive situações muito difíceis. Quando o pai e a mãe brigam, quando o Estado não cumpre com as suas obrigações, a tendência natural da maioria dos meninos de rua é não quererem voltar para casa. A casa não é o lugar mais seguro, ora porque o padrasto bebe e bate na mãe, ora porque a mãe bebe e bate no padrasto, ora porque a família briga o tempo inteiro, ora porque os dois batem nessa criança, e essa criança não se sente confortável, em espécie alguma, voltando para casa. Às vezes, um banco de praça, uma sarjeta, dá mais tranquilidade a essa criança do que o retorno à casa. Daí por que é sagrada a estrutura da família.

Eu conto isso, Paulinho, e já te contei várias vezes, eu tinha mais ou menos dez anos de idade e eu andava muito para estudar numa escola chamada Visconde de Itaúna, no bairro do Ipiranga, em São Paulo, andava muito mesmo, andava a pé, porque não tinha dinheiro para a condução e, em uma quinta-feira... toda quinta-feira, eu passava em uma rua que tinha feira e, naquele tempo, a gente não tinha maçã no Brasil, tinha umas maçãs argentinas, umas maçãs bonitas, bonitas. E qual era a criança que não tinha vontade de comer uma maçã argentina? Eu passava na feira e, naquele tempo, se a gente roubasse uma maçã, certamente o feirante não matava a gente, como ocorre hoje, muitas vezes a polícia não atiraria na gente por causa de uma maçã, como ocorre hoje, e eu não tinha coragem de roubar uma maçã, mesmo quando tinha oportunidade, porque eu tinha medo de envergonhar a minha mãe. Essa é a importância sagrada que, sobretudo, a mãe, dentro da família, tem na formação do caráter dos seus filhos. É quando essa criança está comendo ou bebendo pelo cordão umbilical que está formando o seu caráter. Ela sai dali um pouco com aquilo que ela vai ser no seu futuro, e pode



ser mudada, em função da diversidade que esta criança receber, quando estiver fora da barriga da sua mãe.

Então, eu acho que, durante muito tempo, o Estado brasileiro cometeu o gravíssimo erro de achar que era possível recuperar as crianças, sem recuperar as famílias, que era a origem dos problemas das crianças. Não era a criança que era o problema para os pais. Muitas vezes é preciso descobrir se não são os pais que são os problemas para os filhos. Normalmente nós tratamos as coisas com muita facilidade, porque é muito mais fácil empurrar, é muito mais fácil culpar o outro, do que a gente perguntar a gente mesmo, de vez em quando, se olhando no espelho: “Será que eu estou cumprindo com o meu papel adequadamente?”. Quando um filho fuma maconha... Ah, é mais fácil jogar a culpa no vizinho, é mais fácil jogar a culpa na escola, é mais fácil jogar a culpa nos amigos ou, quando ele faz qualquer outra coisa errada, a gente procura sempre alguém para que a gente fique com a consciência tranquila. Se o nosso companheiro Samek errou, é o Lula que é culpado. É mais fácil. Eu vou deitar com a cabeça tranquila e falo: “Olhe, tem alguém culpado pelo erro do meu filho”. A gente nunca... a gente nunca pergunta para o nosso filho... E eu poderia perguntar - que eu sei que tem muitos pais aqui, ... pessoas preocupadas com crianças e com adolescentes - quantas vezes por mês a gente senta dez minutos com nossos filhos para perguntar alguma coisa sobre os problemas deles. Não precisa a gente ficar procurando culpado. Vamos fazer uma autopsicanálise conosco mesmos. Ou seja, quantos dias eu converso com o meu filho por semana, quantas horas eu converso por mês? Porque, normalmente, quando ele não está bem na escola, a primeira coisa que a gente faz é chamá-lo de burro, de preguiçoso, de vagabundo, que não estuda. Quantas vezes nós temos paciência de sentar com ele e falar: “Escuta aqui, o que é que está acontecendo? Algum problema? Eu posso ajudar?”. Imagine a gravidade disso, não na classe média, imagine a gravidade disso nas famílias mais pobres, onde um filho que está na terceira série, que não



sabe nada, sabe mais do que o pai e a mãe, que sabem menos do que ele.

Aí, meu companheiro Paulinho, minha companheira Márcia, é que entra o papel do Estado, não para substituir a família, mas para ter um papel indutor, de criar as condições que essas crianças possam ter a ajuda necessária, fora de casa, que não tiveram dentro de casa.

Fernando Haddad sabe quantas vezes eu pedi para ele o reforço escolar, porque um filho de classe média, ele chega em casa, tem uma tarefa para fazer e ele não sabe, para ele é muito fácil: pega o pai, que é engenheiro, ou a mãe, que é professora, senta ali com ele e consegue ensiná-lo a fazer a tarefa de casa. E uma criança que tem o pai e a mãe analfabetos, que chega com a tarefa em casa e que não sabe fazer, ela vai perguntar para quem? Ela vai chegar no outro dia, na escola, com vergonha de dizer que não fez, com vergonha de dizer que não sabe, e, se ela não souber um dia, um dia, outro dia, outro dia, uma semana, um mês, um mês, ela não consegue aprender. Aí é que entra o papel do Estado, de garantir que essa criança, que não tem dentro de casa as possibilidades que outros têm, que tenha na escola essa extensão familiar para dar para ela a oportunidade, o horizonte de que ninguém é mais burro do que ninguém, de que ninguém sabe mais do que o outro. A gente tem mais ou menos oportunidade, a gente tem mais ou menos chance, mas todos, se tiverem chances, podem ser iguais.

Eu acho que é essa a questão que está colocada para todos nós. Eu quero dizer aqui, a todos vocês: esses dias veio uma lei para eu sancionar, que era para reduzir a jornada de trabalho de assistente social para 30 horas. Eu, eu confesso a vocês que eu era contra, não ia sancionar, não ia sancionar a lei porque, se o problema é porque ganha pouco, precisa de outro emprego, vamos arrumar aumento de salário. Mas aí eu liguei, liguei para a Márcia e falei: Márcia, eu estou aqui, com a lei na minha frente... Não precisou nem ligar para a Nilcéa. Liguei para a Márcia, e a Márcia: "É, Presidente, o senhor é que sabe, mas, olha, as coitadinhas trabalham... Pode ser que algumas ganhem



bem, mas a maioria ganha mal e cuida de problemas, Presidente. Tem muita criança com problema, é muito presidiário com problema, é muito não sei o quê com problema, é muito doente mental com problema, é muita...”. Eu fiquei com tanta dó. O Gilberto Carvalho já tinha comunicado a ela que eu não ia sancionar. Aí eu falei: Gilberto, telefone para ela e diga que eu sancionei, porque eu fiquei convencido, fiquei convencido disso.

Eu quero, eu quero agradecer o trabalho extraordinário que fazem os conselhos tutelares por este país afora, mas, sobretudo, eu queria fazer um chamamento a todos nós aqui; a mim, como Presidente, e a todos que estão aqui. Estejam certos, estejam certos de que o problema está na estrutura da família. Estejam certos. Nós, de vez em quando, precisamos fazer uma reflexão, porque a gente tem capacidade de analisar tudo. A gente elege presidente, a gente elege governador, elege prefeito, elege vereador, a gente elege um monte de coisa. De vez em quando, nós precisamos parar e dar um tempo para nós, parar e dar um tempo, conversar entre família, porque a gente não tem essa chance. Nós não temos uma TV que educa as pessoas. Quer dizer, a gente poderia contar - nem na minha mão de quatro dedos - quais são os programas educativos, em que uma criança liga a televisão e ela vai ter uma coisa realmente educativa, que ela possa gostar. Pelo contrário, ela vê tiros das cinco da manhã à meia-noite, e, hoje... Antigamente, a mãe poderia desligar a televisão; hoje, com controle remoto, a molecada é que toma conta. E nós achamos que não é conosco. O moleque liga a televisão, tem sexo às sete da manhã, às oito da manhã, às nove da noite. Às dez da noite já tem (incompreensível), já tem mais, já tem... e ninguém tem controle, ninguém tem controle, e nós achamos que isso não é conosco.

Então, eu queria terminar contando uma história, Paulinho, que, um dia, o cara me contou numa campanha eleitoral, e eu nunca contei essa história, porque, toda vez que eu ia contar, eu chorava e eu acho que, hoje, eu estou preparado para não chorar. Mas é que diz que tinha uma criança que, todo dia,



o pai, que era que nem o Edésio, assim, advogado, conselheiro de Itaipu, que chegava em casa, toda noite, a criança queria conversar, o pai ligava a televisão, ficava vendo jornal, e o pai falava: “Eu não tenho tempo”. Aí passava semana, horas, sábado e domingo, o pai estava sempre sentado à frente da televisão, sempre fazendo uma coisa e falava: “Eu não tenho tempo, eu não tenho tempo”. Aí, quando foi um dia... O pai falava para o filho: “Você não percebe que eu estou trabalhando? Você não percebe que eu estou trabalhando?”. Aí, um dia, o filho perguntou ao pai: “Pai, quanto custa a sua hora de trabalho?”. Aí o pai falou: “Olha, custa R\$ 50 - Itaipu paga mal -, R\$ 50”. Aí o cara falou: “Você me dá R\$ 50?”, o filho pediu para o pai. O pai perguntou: “Por que você quer R\$ 50?”. Aí o filho falou: “Porque eu quero comprar uma hora de trabalho sua para você me ouvir”. É isso que nós não fazemos, nós não ouvimos. Nós pensamos que ouvimos, mas nós não ouvimos. E agora temos que enfrentar uma coisa que nenhum de nós está preparado, Paulinho, que envolve as crianças, que é a questão do crack. O crack é uma doença mais grave do que todas as que nós conhecemos até agora, que envolvia a droga. E o crack aumenta na medida em que aumenta o combate à cocaína, porque, na medida em que você não consegue produzir a cocaína, a pasta pura é mais barata e é mais mortal, e nós não temos especialidade, ainda, no Brasil. Nós estamos começando agora a cuidar disso, colocamos R\$ 410 milhões no orçamento para cuidar, envolvemos vários ministérios nisso, mas é um trabalho que só será feito... Nós vamos passar dinheiro para as prefeituras, porque, no fundo, no fundo, lá de Brasília a gente não tem condições de cuidar disso. São os prefeitos e a sociedade organizada, em cada município, que vai cuidar disso, senão a gente não acaba com isso. Com uma diferença: é que, uma vez utilizado o crack, a dependência vira total, e nós ainda não temos estudo científico em nenhum país do mundo, Paulinho, de como a gente resolver esse problema. Nós estamos com um grupo de jovens, acho que 450, em vários lugares do Brasil, sendo testados, a gente



pesquisado, para ver se a gente encontra um jeito, primeiro, de ajudar a combater o crack, mas, sobretudo, de não permitir que essa peste caia na mão de crianças e, sobretudo, das crianças mais vulneráveis, que são as mais pobres. Ou seja, muitas vezes é o jeito de fugir do sofrimento.

Então, eu acho que esse é um compromisso que vocês deveriam tirar deste encontro também. A gente fazer uma verdadeira campanha, para ver se a gente consegue erradicar o crack. Nós vamos fazer convênios com os governos fronteiriços, para ver se a gente aumenta, e muito, a fiscalização nas nossas fronteiras, mas, sobretudo, se os prefeitos não se engajarem, as igrejas, a sociedade, os sindicatos, a gente vai ter muitos problemas daqui para a frente.

Eu quero terminar dando os parabéns, mais uma vez, a todos que trabalharam na organização e a todos vocês que se levantam todo santo dia preocupados em estender a mão para alguém que está precisando mais receber do que dar.

Um abraço e boa sorte!

(\$211A)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos brasileiros no exterior, por ocasião da comemoração ao Dia da Pátria

Há oito anos, quando ainda era candidato à Presidência da República, redigi a 'Carta aos brasileiros que vivem longe de casa'. Ao comemorarmos, hoje, nossa Data Nacional, estou feliz em constatar que os compromissos então assumidos foram plenamente cumpridos. De um lado, buscamos assegurar condições de vida digna no Brasil com a criação de milhões de novos postos de trabalho e, de outro, criamos normas e desenvolvemos projetos concretos em benefício dos que decidiram viver no exterior.

Criamos no Itamaraty uma unidade para implementar ações para oferecer atendimento adequado aos emigrados brasileiros. Com isso, foi possível fortalecer os Conselhos de Cidadãos no exterior, implantar programas de regularização migratória na América do Sul e assinar acordos previdenciários com grande número de países. No Japão, inauguramos a Casa do Trabalhador Brasileiro em caráter experimental e lançamos projeto-piloto para permitir saque do FGTS. Melhoramos o atendimento aos brasileiros no exterior com a informatização e a reforma do sistema consular, inclusive para a prestação de serviços nas áreas de educação, previdência, trabalho, saúde e cultura.

Essas ações derivam também de processo de consulta permanente que estabelecemos com nossas comunidades no exterior. Abrimos diferentes canais de comunicação direta, como o Portal Consular, o Portal das Comunidades, e a Ouvidoria Consular, que recebe todo tipo de sugestões e críticas para aprimorarmos o serviço. Mais importante, lançamos o processo das 'Conferências Brasileiros no Mundo' e, em junho passado, promulguei o Decreto nº. 7214, que estabelece diretrizes para uma política governamental voltada aos brasileiros no exterior. Com ele foi instituída a 'Ata Consolidada' de reivindicações da comunidade e criado um Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior.

Esses representantes, eleitos pelas próprias comunidades no exterior, tomarão posse em dezembro, no Rio de Janeiro, por ocasião da III Conferência Brasileiros no

Mundo. Estou certo de que, com a sua colaboração, o trabalho da Conferência adquirirá maior eficácia e dinamismo, com melhor articulação em defesa dos direitos dos brasileiros que vivem fora do país.

Saúdo a todos e manifesto a certeza de que a cada ano teremos motivos para celebrar avanços e para nos orgulhar, seja aqui ou no exterior, deste Dia, que é o dia de todos os brasileiros.

Nesse momento de celebração não posso deixar de registrar um pensamento por aqueles que deixaram suas vidas ou têm vivenciado situações de penúria na busca de realizações pessoais em outros países.

Estamos construindo um país de oportunidades para todos os brasileiros e brasileiras. O Brasil os espera de volta.

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República Federativa do Brasil

(\$62)

06/09/2010



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração de unidades habitacionais dos blocos 11 a 23 do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Urbanização de Assentamentos Precários no Ribeirão Arrudas

Contagem-MG, 08 de setembro de 2010

Eu, primeiro... Depois eu pego aí, querido, depois eu pego.

Eu quero cumprimentar todos os companheiros ministros que estão aqui, os prefeitos, o representante do governo do estado de Minas Gerais, o secretário Fleury,

Quero cumprimentar o prefeito Marcio, de Belo Horizonte,
A nossa prefeita Marília, de Contagem.

Mas eu queria, sobretudo, cumprimentar a companheira Maria Fernanda, da Caixa Econômica Federal, e a companheira Antônia de Pádua, da Central de Movimentos Populares, por intermédio de quem eu cumprimento todos os demais companheiros que estão ali, representando todos os movimentos populares.

E cumprimentar a nossa querida Nildeia, que simbolizou as pessoas que receberam as casas.

Vamos só lembrar aqui, Marcio, vamos só lembrar aqui: Você ainda não era prefeito, a Marília já era, era o Pimentel que era prefeito, e nós viemos aqui no dia 17 de abril de 2008. Nós participamos da assinatura da ordem de serviço para as obras da revitalização do Ribeirão Arrudas. A cerimônia foi realizada na Vila São José, em Belo Horizonte. Eu estou falando do dia 17 de outubro [abril] de 2008. Portanto, vai fazer quase dois anos que nós demos início a essa obra de revitalização do Ribeirão Arrudas, que tem, dentre esse processo, a construção de 900 casas aqui, na região.



Mas o que é importante não são apenas as casas. As casas, elas são sagradas, elas são sagradas. Mas o que é importante é a gente tirar as pessoas de viverem em locais que podem dar enchente ou em local de risco.

A desgraça, Marcio, Marília e Maria Fernanda, de quem mora em um lugar que dá enchente... Se fosse só a água limpa que passasse, a gente dava um jeito. O problema é a quantidade de lama, de sujeira e de doença que fica depois que a água seca. É uma coisa indescritível e somente quem já passou por isso sabe o que é a vida de uma pessoa que mora em um lugar que dá enchente.

Eu, a vida inteira, a vida inteira... Eu não esqueço nunca. Rua Auriverde, 1156, 1956 eu morava nessa rua, nessa casa, que ainda hoje tem o número 1156, na Vila Carioca, em São Paulo, e dava enchente. Então, eu estou falando para vocês que, já em 1956, quando a maioria de vocês não tinha nem nascido, este que vos fala já morava em uma rua que dava enchente, lá em São Paulo.

Depois, em 1964 – também muitos de vocês não tinham nascido ainda – , eu saí desse bairro em São Paulo e fui para um outro bairro em São Paulo, bem longe, fui morar em uma casa novinha, com cheiro de tinta, telha nova. Isso era mais ou menos junho de [19]64. Eu falei: “Estou livre de enchente”. Em dezembro, deu a primeira enchente, um metro e meio de água dentro da casa nova, que ainda tinha cheiro de tinta, e, só naquele ano, nós pegamos três enchentes.

Aí, eu resolvi mudar, mudei para uma outra cidade vizinha, chamada São Caetano, Vila São José, rua Padre Mororó. Eu estou falando de 1968, onde nenhum de vocês também tinha nascido. Padre Mororó nunca tinha dado enchente na vida. Primeiro ano que eu morei lá, 1,4 metro de água dentro de casa. Aí eu falei: “Desgraçou a minha vida”.

O dado concreto, gente, o dado concreto é: o que aconteceu comigo acontece com muita gente pobre neste país, acontece com muita gente que,



muitas vezes, por falta de moradia, por falta de dinheiro para comprar terreno, as pessoas vão morando nos lugares mais arriscados, às vezes na beira de córrego, às vezes na encosta de morro, e as pessoas vão morando. Quando é uma pessoa, duas pessoas, é fácil tirar, mas, quando tem mil pessoas, duas mil pessoas, vira um problema social que é difícil de a gente resolver.

Então, eu tomei uma decisão, de que é preciso a gente começar a fazer um processo de reparação. Porque, eu não sei quando é que vocês vieram morar no Ribeirão Arrudas, eu não sei quando é, se faz 20 anos ou 30 anos, mas o dado concreto é que a economia brasileira, a economia brasileira, (incompreensível) é exatamente os anos 80, Marcio, é exatamente o ano da estagnação econômica do país. Entre 1970 e 1990, ou quase até 2000, foram anos em que a economia brasileira não cresceu, a economia brasileira não gerava empregos, as pessoas ficavam desempregadas e as pessoas iam sendo empurradas para os lugares mais distantes da cidade.

São Paulo, em 70, tinha duas grandes favelas. Aqui, em Minas Gerais, [não] devia ter quase nenhuma favela. Aqueles morros do Rio de Janeiro que a gente vê, há 40 anos, eram fazendas, e que o povo foi ocupando porque não tinha emprego, não tinha salário, não tinha investimento em habitação, e o povo ia nascendo, a família ia crescendo, o povo do Nordeste ia para outros lugares e foi criando o inchaço das cidades brasileiras.

O que eu estou vendo aqui hoje, o que eu estou vendo aqui hoje é um processo extraordinário de reparação nas condições de vida da sociedade brasileira. Eu sei que a casinha ainda é pobre, mas, Nildeia, a primeira casa que eu comprei com a Marisa tinha 33 metros quadrados, era quase 15 metros menor do que a sua, e eu já tinha três filhos, já tinha três filhos. Ou seja, a minha casinha, quando a Marisa entrava no quarto, eu tinha que sair; quando a gente abria a porta da geladeira, tinha que tirar o fogão; quando a gente colocava televisão, a gente ficava de cara com a tela, quase nem enxergava, de tão apertado. Cada quarto era três por três. Era o máximo que a gente tinha.



Às vezes, era 2,80 metros por 3 metros. O banheiro, a gente entrava, para fechar a porta era uma desgraça, gente. Às vezes quase que a gente ficava entalado na porta do banheiro, porque ou saía ou não conseguia entrar.

Então, eu estou contando isso para vocês porque eu estou vendo que vocês estão com um sorriso na cara e eu quero dizer para vocês que a gente só vence na vida se a gente não se desesperar, se a gente não desacreditar, se a gente acreditar que é possível a gente vencer as coisas. Eu sei que muitos de vocês tinham dúvida se estas casas iam sair. Eu sei que muitos de vocês tinham dúvidas: “Será que vão sair as casas ou será que é mais uma promessa?”. Pois saíram as 160, saíram as 208 hoje e vão sair as 900 que estão no programa. Mais do que isso, mais do que isso: não vai ter mais enchente, porque nós vamos canalizar esse córrego, vamos canalizar todo o esgoto, vamos fazer tratamento para devolver o esgoto tratado como água limpa para correr nos rios de Minas Gerais.

É este país que nós precisamos construir e não permitir que o país continue a ser o que era há algum tempo atrás. E é por isso, companheira Maria Fernanda, que eu fico feliz quando você anuncia que a Caixa já contratou 625 mil casas do Programa Minha Casa, Minha Vida. O Programa Minha Casa, Minha Vida é um milagre, a gente não tinha hábito de fazer muita casa no Brasil, a gente fazia por volta de 200 mil casas por ano, duzentas e pouco, aí nós assumimos o desafio de fazer 1 milhão, nós percebemos, Secretário, Marília e Marcio, que a gente não tinha projeto para fazer, nem a Caixa estava preparada, nem os empresários estavam preparados, nem as prefeituras estavam preparadas, nem o governo federal estava preparado e nem os governos estaduais estavam preparados. A gente não tinha terreno, a gente não tinha projeto e a gente não estava habituado a construir casa para as pessoas que ganhavam de zero a três salários mínimos. Ninguém tinha esse hábito.



Pois bem, nós já contratamos 625 mil, se Deus quiser, até o final do ano, vamos contratar 1 milhão de casas, o que é um fato inédito na história deste país, e a partir do ano que vem, a partir do ano que vem, quem estiver governando o Brasil vai contratar 2 milhões de casas para as pessoas mais pobres deste país. Esse é um caso extremamente importante. É que o Brasil... Olha, o dado importante é que nós aprendemos, o dado importante é que os empresários aprenderam, hoje os empresários sabem. Muitos empresários tinham medo de mim, tinham medo de mim. Eles falavam: “Eu vou votar nesse barbudo? Esse barbudo vai tomar a minha fábrica”. Nunca ganharam o tanto de dinheiro que ganham no meu governo, nunca ganharam, nunca.

Esses dias eu fui a Ribeirão Preto, ganhei o título, Marcio, que eu jamais imaginei ganhar: o título de embaixador dos usineiros de Ribeirão Preto. Eu jamais imaginei ganhar. Ora, sabe por quê? Porque nós aprendemos a trabalhar. Esses companheiros que estão aqui, do movimento social – levanta aí –, esses companheiros, muitas vezes, não são compreendidos por prefeitos, não são compreendidos por governo dos estados, e, muitas vezes, não são compreendidos por gente do governo federal. Por que qual é o papel deles? O papel deles é organizar os pobres na periferia e cobrar dos governantes fazerem as coisas adequadas. E eles são testemunhas de que eles nunca abriram mão da autonomia deles, nunca. Nunca deixaram de criticar o meu governo, e nós nunca deixamos de conversar com eles. Aquilo que eles têm direito, eles têm direito; aquilo que eles não têm, a gente fala na cara deles como fala para um filho: “Não posso fazer”. E eles falam na minha cara como se estivessem falando para um filho: “Nós queremos mais”. Assim a gente estabeleceu uma relação com os empresários, com os trabalhadores, com o movimento, com os políticos.

Marcio, eu falo de coração aberto: eu duvido que tenha neste país um presidente que tenha dado o tratamento aos prefeitos que eu dei em oito anos de mandato. Antes de eu chegar à Presidência da República, presidente não



recebia prefeito. É verdade ou mentira, Marília? Presidente não recebia prefeito. Todo mês de março tem uma marcha de prefeitos, os presidentes colocavam a polícia e cachorro policial para não receber prefeito porque prefeito ia lá para pedir dinheiro. Eu não só recebo os prefeitos como tomam cafezinho, ainda, na minha sala toda vez que vão a Brasília, porque nós precisamos que os prefeitos sejam parceiros nossos.

Aqui, o que está acontecendo hoje é a consagração de uma coisa extraordinária: quando um presidente da República é imbecil, quando um governador é imbecil e quando um prefeito é imbecil e os três ficam brigando a troco de nada, quem perde é o povo deste país, do estado e da cidade. Quando o presidente, o governador e o prefeito resolvem trabalhar juntos, a gente vê o milagre, que é o resultado aqui do Residencial Parque dos Arrudas. Aquilo que era um lixo, um esgoto, virou motivo de orgulho para o povo de Minas, para o povo de Belo Horizonte, de Contagem e para o povo do Residencial Arrudas.

Por isso, companheiros e companheiras, a minha alegria imensa. A minha alegria de saber que eu cheguei à Presidência da República porque um dia vocês tiveram consciência política e não tiveram medo de votar em mim, porque um dia vocês acreditaram em vocês mesmos, e eu acho que essa é a grande coisa que eu vou deixar quando eu sair da Presidência da República. É que o povo trabalhador deste país, a classe média deste país e os pobres deste país aprenderam a pensar pela sua cabeça, a andar pelas suas pernas, a enxergar pelos seus olhos e a votarem pela sua consciência e não pelos pseudoformadores de opinião pública deste país. E é por isso que o Brasil está melhorando e é por isso que eu quero dar um grande beijo no coração de cada mulher e de cada homem aqui do Residencial Arrudas, de Minas Gerais e de Contagem.

Um abraço, gente, e até outro dia se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do armazém graneleiro para 100 mil toneladas, da Conab

Uberlândia-MG, 08 de setembro de 2010

Eu quero, primeiro, cumprimentar o companheiro Wagner Rossi, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Cumprimentar o nosso companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades, que veio comigo porque daqui nós vamos a Contagem,

Quero cumprimentar o companheiro Luiz Dulci, que, como bom mineiro que é, todas as viagens que eu faço para Minas Gerais, ele está junto comigo,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Franklin Martins, que o Zé Alencar nomeou o embaixador dele aqui na região do Triângulo Mineiro,

Quero cumprimentar o nosso amigo Odelmo Leão, prefeito de Uberlândia, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos aqui da região,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Alexandre Aguiar, presidente da Conab, por meio de quem cumprimento os diretores, superintendentes e todos os funcionários da Conab,

E também cumprimentar os trabalhadores que ajudaram a construir esta obra,

E quero cumprimentar o nosso querido companheiro Pedro Arraes, que é o nosso diretor-presidente da Embrapa, essa Embrapa que é motivo de orgulho para todo brasileiro que conhece agricultura, para todo cientista; essa Embrapa que é responsável pela revolução na agricultura tropical do mundo, e que agora está levando essa revolução para a América Central, para outros países da América do Sul e, se Deus quiser, para o continente africano. Eu só espero que a Embrapa pesquise e consiga, um dia, fazer com que a jabuticaba não seja tão perecível como é, para a gente ter jabuticaba na geladeira para



comer o mês inteiro. Você sabe que eu tenho muita jabuticaba lá no Torto e tem muita jabuticaba lá no Palácio da Alvorada, mas só faltam dois meses e um pouquinho para eu sair de lá, e aí eu vou precisar que a jabuticaba dure um pouquinho mais, para a gente poder ter jabuticaba para chupar o ano inteiro.

Bem, algumas pessoas poderiam perguntar por que o Presidente da República sai do seu gabinete, em Brasília, e vem a Uberlândia inaugurar o armazém graneleiro. Poderia ficar apenas por conta do Ministro da Agricultura, poderia ficar alguém... por conta do Presidente da Conab. Por que, então, eu saio de Brasília e venho para cá? Uma razão é que política, ela é feita de discursos, ela é feita de obras públicas concretas, ela é feita de crescimento econômico de um país, mas, também, política é feita de exemplos.

Nós, embora aumentamos muito a capacidade de armazenamento do país – nós saímos de 90 milhões de toneladas para 135 milhões de toneladas, no meu governo, de capacidade de armazenamento –, mas, ainda assim, este aqui é o primeiro que eu vim inaugurar, é o primeiro que eu vim inaugurar, e eu não queria deixar o governo sem inaugurar um armazém que passa a ser um símbolo da recuperação da Conab e da valorização da soberania do Brasil.

Veja, ninguém precisa fazer um curso de pós-graduação na Universidade Federal de Minas Gerais para saber da importância do estoque regulador que um país tem que ter. Isso... Se a gente quisesse ser menos presunçoso, a gente aprenderia dentro da casa da gente. Nenhuma dona de casa sai de manhã para comprar apenas um sal que vai usar no almoço ou o sal que vai usar no feijão, na janta. Não. Ela sai e compra um quilo de sal, que vai durar um mês. Tudo o que é não perecível, uma dona de casa, sem nenhum curso de pós-graduação, mas com o instinto de soberania da sua família e de sobrevivência, ela compra sempre tudo o que não é perecível para durar mais de dez dias, mais de quinze dias ou mais de um mês. Quando a inflação estava alta, a gente comprava para durar 45 dias. Eu lembro, Wagner,



que eu ia no Makro... Naquele tempo não tinha a quantidade de cadeias de supermercado que tem hoje, mas eu ia no Makro, lá em São Bernardo, e comprava óleo para três meses. Como a inflação comia o meu dinheiro, eu enchia embaixo da minha pia de óleo, que era uma garantia para enfrentar a inflação.

Então, uma dona de casa, ela nos dá um exemplo de como é que uma nação tem que se comportar na questão alimentar. Um país, não basta produzir a quantidade de alimento que seu povo consome; é preciso que ele tenha uma reserva para garantir situações adversas, para garantir, por exemplo... Imagina uma guerra, em que houvesse um boicote de entrar qualquer produto no Brasil. Nós teríamos que ter um estoque regulador que atendesse a nossa população, eu não sei se por 15 dias, por 20 dias, por 30 dias, mas a gente não poderia estar sentindo falta no primeiro dia.

É por isso que é importante a existência da Conab e é por isso que é importante existir a questão do preço mínimo e é importante existir a regulação. Cabe ao Estado brasileiro tomar cuidado para poder... Por exemplo, recentemente, eu fui à África, tinha – naquela famosa crise do alimento, em 2008 –, tinha muitos países africanos querendo comprar arroz e tinha muito atravessador querendo vender o arroz. Na época, não era você o ministro da Agricultura, mas eu cheguei para o Reinhold Stephanes e disse para ele: olha, lamentavelmente, eu gostaria de ajudar o povo africano, mas, se eu ajudar, vai faltar arroz para o povo brasileiro. Então, nós precisamos garantir a sobrevivência do nosso povo em primeiro lugar, e depois, quando a gente tiver excedente, a gente exporta.

É por isso que foi importante a recuperação da Conab, e ela precisa ser mais forte, porque parece estupidez, mas um armazém como este foi começado, se pensou ele, em 1970. Nós estamos falando de praticamente 40 anos. Depois se investiu um pouquinho de dinheiro. Em [19]89 ele parou porque em [19]89 começou a doutrina de que o Estado não presta para nada,



nós temos que tirar o Estado de tudo e o mercado é igual a Deus, o mercado vai resolver o problema da Humanidade. E hoje está provado que o Estado tem um papel importante, mas que o setor privado tem um papel extremamente importante, e que os dois não são antagônicos; eles têm que combinarem entre si. Cada um tem uma tarefa, e o Estado tem que ser o indutor e o regulador. Ele não pode ficar de fora.

Na época que nós decidimos, Wagner, fazer armazéns, o Banco do Brasil não tinha crédito. É importante os brasileiros saberem que quando eu tomei posse na Presidência da República, em 2003, o Brasil inteiro – do Oiapoque ao Chuí e de Natal a Rio Branco, no Acre –, o Brasil inteiro, só tinha R\$ 380 bilhões de crédito. O Banco do Brasil tinha pouco dinheiro para crédito, a Caixa Econômica tinha R\$ 5 bilhões para financiamento de casa. Então nós decidimos, naquela época, já que o Estado não poderia fazer com o dinheiro dele os armazéns, que a gente, então, pudesse financiar os produtores agrícolas para fazerem os seus armazenamentos, e criamos uma linha especial. Daí surgiu essa quantidade de 46 milhões de toneladas a mais do que aquilo que nós encontramos; uma parte da Conab, mas, uma grande parte, da iniciativa privada.

Ora, é muito melhor para o Brasil ter um armazém grande, vazio, porque não tem alimento, do que a gente ter muito alimento e não ter um armazém para estocar o nosso alimento; é muito mais importante. Então, nós vamos continuar com essa política de armazenamento. Se nós produzimos 147 milhões de toneladas de grãos e temos uma capacidade de estocagem, entre público e privado, de 135 milhões, significa que nós estamos com o problema de estoque resolvido, até porque algumas coisas nós temos a produção de duas vezes, como o milho, por exemplo, com a safrinha que, às vezes, é tão boa ou melhor do que o milho normal, produzido. E como eu acho que o mundo pode avançar tecnologicamente, pode inventar o cientista que quiser, mas o mundo não pode prescindir de comida. E quando se fala em comida, se fala em



terra agricultável; quando se fala em terra agricultável, se fala em sol; quando se fala em terra agricultável, se fala em água; quando se fala em terra agricultável, se fala na qualidade da terra, na qualidade do homem e na quantidade de terra que nós temos para plantar. Quando se fala em alimento, se pensa nas intempéries, e este país não tem furacão, este país não tem vulcão, esse país não tem maremoto, este país não tem neve; este país, de vez em quando, tem uma geadinha, que é, também, para a gente ver um pouquinho... pelo menos uma pedrinha de gelo cair perto do pé de café da gente, ou do pé de soja. Mas este país é um país abençoado por Deus. Então, quando se fala em alimento, se vocês pegarem um gráfico da capacidade produtiva do mundo, envolvendo Estados Unidos, envolvendo a China, envolvendo a Rússia, envolvendo o Canadá, envolvendo países que têm território maior do que o nosso, vocês vão perceber que, em se tratando de terra agricultável, o Brasil é imbatível. Nós temos mais do que todos os países.

Então, isso é uma garantia de soberania nacional que muitos países não têm. É uma soberania nacional que nós ainda não tiramos proveito disso. E por que é que nós temos que estocar? Porque quando o Brasil começa a crescer, o Brasil começa a arrumar inimigos. Vocês conhecem. Aqui tem pai e tem mãe, ou seja, quando dois vizinhos têm duas crianças de oito anos, nove anos brincando, ninguém se importa porque são duas crianças. Mas, quando chegam com 14, 15, já começa... “Olha, esse menino e essa menina não podem ficar tão juntos, não sei das quantas”, sabe? Assim é o mundo comercial. O Brasil ficou grande, o Brasil ficou bonito, e o Brasil ficou importante.

Então, antigamente, era só exportador de café, era só exportador de café. O segundo país produtor de café é o Vietnã, que não faz concorrência conosco, não faz concorrência conosco. Ora, depois a gente passou a ser o maior produtor de laranja do mundo, maior exportador de suco; também não tem problema, porque nós compramos as plantações americanas e nós



produzimos lá e produzimos aqui. Só para vocês terem ideia, eu não sei o número atual, mas o Brasil tinha... só São Paulo tinha 340 milhões de pés de café, contra 90 milhões de pés de café que tinha a Flórida, nos Estados Unidos... Laranja, laranja.

Ora, aí, quando o Brasil começa a ser o maior exportador de café, o maior de carne, o maior disso, começa a ter problemas contra nós, começam a inventar problema na nossa soja, começam a inventar problema no nosso milho, começam a inventar problema no nosso etanol, começam a inventar muitos problemas. E aí nós precisamos ser cada vez mais sérios, cada vez mais competentes, investir cada vez mais, porque nós sabemos que nós poderemos dominar uma parte do Planeta com a capacidade tecnológica do Brasil e com a nossa capacidade produtiva. Nós temos consciência disso.

Por isso, eu quero agradecer ao companheiro da Conab. Dizer que nós precisamos continuar financiando fora e para dentro também financiando, porque vocês viram que quando veio a crise americana, agora, a famosa crise imobiliária americana, tanto a Europa quanto os Estados Unidos, que não tinham um banco como o Banco do Brasil, que não tinham um banco como o BNDES, ou que não tinham uma Caixa Econômica Federal, não tiveram a mesma rapidez de sair da crise que o Brasil teve, porque não tiveram competência de se livrar e criar novos financiamentos. E aqui no Brasil, só para vocês terem ideia, o Banco do Brasil hoje, sozinho, tem mais crédito que o Brasil tinha, todinho, em 2003. A Caixa Econômica, só de casas, neste ano, no ano passado, saiu de R\$ 5 bilhões, em 2003, para R\$ 47 bilhões, em 2009, e vai chegar a R\$ 60 bilhões neste ano, só de financiamento de casas. E o Brasil, que tinha R\$ 380 bilhões de crédito, neste ano chegou a R\$ 1,6 trilhão de crédito.

Tudo isso é pouco diante do que nós podemos ser. Nós podemos ser muito mais. É que houve um tempo que nós éramos dirigidos por pessoas que pareciam muito inteligentes, mas que tinham a sua inteligência colonizada: tudo



dependia dos Estados Unidos, tudo dependia da Europa, e acreditavam muito pouco em nós mesmos. E ontem, por acaso, Dulci, depois de participar do Dia da Independência, eu cheguei em casa ontem à noite e liguei a televisão – foram embora meus filhos –, liguei a televisão mais ou menos umas nove ou dez horas da noite e estava passando aquele filme “Independência ou morte”, com o Tarcísio Meira. Eu estava vendo os discursos, a opressão de Portugal sobre o Brasil, e eu estava pensando: a independência que nós conquistamos em 1822, ela, na verdade, ultrapassou o século XIX, porque a mentalidade das pessoas ficou colonizada. Ou seja, hoje, o Brasil respeita os Estados Unidos, hoje o Brasil respeita a Europa, mas, hoje, o Brasil é dono do seu nariz, anda de cabeça erguida e nós queremos competir em igualdade de condições. Acabamos de fazer uma briga com os Estados Unidos, na OMC, sobre a questão do algodão, e ganhamos. Acabamos de fazer uma briga, com eles, sobre o açúcar, e ganhamos. Porque, antigamente, a gente ia brigar com os Estados Unidos e diziam para a gente: “Não, vai brigar com os Estados Unidos? Eles são muito grandes. Eles são muito grandes. Vai brigar com a Europa? Eles são muito grandes”. Ora, meu filho, um elefante é daquele tamanho; a tromba do elefante vale uns dez ratos, mas coloque um ratinho perto do elefante para ver como o bicho tem medo e se borra.

Então, eu acho que o que nós fizemos foi apenas dizer para os americanos: Nós respeitamos vocês, queremos vocês como parceiro privilegiado nosso, mas nós queremos, também, ser respeitados. Dizemos para os europeus a mesma coisa. E quem é empresário, e você que é ministro, que viaja, sabe que o Brasil nunca, nunca teve condições de andar de cabeça erguida como anda hoje, e é admirado. Eu, uma vez, quando teve aquele atentado nos Estados Unidos, começaram a exigir que os ministros tirassem o sapato para ir aos Estados Unidos. Eu disse para os meus ministros: Quem tirar o sapato deixa de ser ministro. Ou seja: Quem tirar o sapato, deixa de ser ministro, sabe? Porque é para voltar na hora. A gente não exige que eles tirem



o sapato aqui? Por que nós temos que ficar tirando o sapato? Não é nem por causa do chulé, é pela falta de respeito com o cidadão brasileiro.

Parabéns, Uberlândia! Parabéns, Triângulo Mineiro. E olhem, eu queria fazer justiça aqui. É o seguinte: o Odelmo, quando eu vim aqui, da outra vez, lançar e inaugurar um trevo de Uberlândia, de Uberaba, anunciar investimento de quase R\$ 2,7 bilhões de infraestrutura na região, o Odelmo tinha me feito um apelo para que o Ministério da Saúde viesse aqui... fazer o quê? Credenciar, ver o hospital e credenciar. Na hora, eu peguei o telefone e liguei para o ministro Temporão, e ele falou: “Estou indo aí, Presidente”. Mas, por outras razões, não sei quais, hoje eu fiquei sabendo que ele não veio. Então, liguei outra vez para o Temporão e na terça-feira vem uma equipe do Ministério aqui, e eu quero que, quando a equipe chegar aqui, me ligar em Brasília, para a gente resolver definitivamente o credenciamento desse, que é um dos hospitais mais importantes do país.

Um abraço, e boa sorte ao povo do Triângulo Mineiro.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de entrega de 224 unidades no Conjunto Habitacional Três Marias e assinatura de contrato do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Pró-Moradia, referente à terceira etapa do Projeto de Urbanização do Parque São Bernardo

São Bernardo do Campo-SP, 10 de setembro de 2010

Eu, sinceramente, não sei se vocês estão com o frio que eu estou. Talvez porque vocês estão aí, um encostadinho no outro, não estão sentindo o frio que nós estamos sentindo aqui.

Mas deixa eu dizer, Marinho, duas coisas para você. A primeira é que quando o Marinho tomou posse na Prefeitura, eu disse para o companheiro Marinho que, muitas vezes, uma prefeitura deixa de receber recursos do governo federal porque a prefeitura não tem projeto e, se não tem projeto, não adianta pedir dinheiro que nem a Caixa vai dar, nem o governo federal vai dar e ninguém vai dar. E o Marinho, então, tratou de recuperar alguns projetos que já existiam na cidade e que o outro governo, por conta de eu ser de um partido diferente do dele, se dava ao luxo de não fazer nenhuma parceria com o governo federal. Na verdade era a maior demonstração de ignorância um prefeito não querer dinheiro do governo federal para não ter que fazer política junto com o Lula ou junto com o partido do Lula. É o absurdo do absurdo, porque isto aqui poderia estar pronto há quatro anos, isto aqui poderia estar pronto. O Marinho disse que o Maurício comentou isso há quase oito anos e isso ficou parado quase seis anos. Precisou esperar o Marinho tomar posse para que isso aqui fosse retomado. Vocês imaginam a ignorância de um prefeito deixar R\$ 71 milhões voltar para a Caixa Econômica Federal porque “eu não quero trabalhar com o Lula, porque ele é de outro partido político, e eu



sou puxa-saco do governador de São Paulo, eu não posso estar junto com o Lula”.

Quer dizer, não há... Essas atitudes é que têm levado, muitas vezes, o povo brasileiro a amargar sofrimento durante décadas e décadas, porque muita gente que faz política se apequena na hora de fazer as coisas corretas que tem que fazer.

São Bernardo do Campo é uma cidade muito rica, São Bernardo do Campo é uma cidade que não deveria ter a situação degradante que a gente viu no filme que passou aí: pessoas morando em situações totalmente inadequadas. Por que isso aconteceu? Porque o Maurício foi prefeito quando tinha outro presidente da República, quando tinha outros governadores, e a verdade era que o governo federal não investia dinheiro na cidade.

Ontem, Maurício, eu conversei, Marinho, com um prefeito de uma cidade que governou há oito anos. Ele governou dois mandatos e não recebeu R\$ 1,00 do governo federal durante os dois mandatos que ele governou. O governo federal não fazia investimento adequado em habitação, não fazia em saneamento básico, para tratar de esgoto, fazer coleta de esgoto, tratar para depois jogar ele outra vez no rio. Não tratava. Drenagem, então, Marinho, nem pensar. Drenagem não tinha um centavo há décadas. Nós, agora, colocamos R\$ 4 bilhões para fazer drenagem.

O que é drenagem? É você não deixar as pessoas fazerem casa em lugar que você sabe que vai encher d'água, que o solo está cheio de mina embaixo, e você precisa, então, recuperar essa área para as pessoas viverem. Ou seja, é tratar o povo com o mínimo de respeito.

Vocês não prestaram atenção porque vocês estavam fazendo um burburinho muito grande, mas, quando esse moço aqui falou, esse moço citou um número que é importante vocês não esquecerem. Nós, quando começamos a governar, a Caixa Econômica só tinha R\$ 5 bilhões para investir; neste ano, nós vamos investir R\$ 70 bilhões, ou seja, são 12 vezes mais... Não, são 14



vezes mais, são 14 vezes mais. E tudo isso aconteceu porque nós preparamos o Brasil para chegar à situação que chegou.

Eu posso dizer para vocês: nunca se fez tanta casa como nós estamos fazendo hoje. Aqui tem um empresário da construção civil. Essa construção civil brasileira passou 20 anos praticamente quebrando; a cada dia tinha mais gente desempregada, Maurício, se perdeu mais de um milhão de trabalhadores na construção civil, porque foram 20 anos em que não se investia em obra, sobretudo obras grandes e muito menos habitação. Nós estamos batendo todos os recordes.

Então, quando o Marinho vem aqui inaugurar a entrega do primeiro bloco de apartamento... E eu sei que é pequeno, mas eu quero dizer para vocês que a primeira casa que eu comprei no Jardim Lavínia, aqui em São Bernardo, tinha 33 metros quadrados – tinha quase 20 metros a menos do que tem esse apartamento – e morávamos eu, Marisa e dois filhos, e ainda, de vez em quando, recebia o Maurício; de vez em quando recebia outros políticos lá, companheiros do Sindicato. A gente começa pequeno, mas a gente tem que sempre olhar para frente, para a gente conquistar mais.

Eu vi alegria na cara dessas mulheres e desses rapazes que receberam as chaves. Não tem nada mais sagrado para um ser humano do que ter o seu espacinho para cuidar da sua família, por menor que seja. Se a gente tiver emprego, se a gente tiver o salário da gente e tiver um lugarzinho para a gente morar, a gente está onde a gente quer estar, quase que no céu. E estar no céu vivo é melhor do que estar no céu morto.

O Marinho falou em um tal de CEU aqui, e a Tássia falou em um tal de CEU, e quando eles falaram em um CEU, “Porque aqui vai ter um CEU, aqui vai ter um CEU”, eu estava acostumado a ver céu lá em cima. Na verdade, é um Centro Educacional Unificado. Não é que a gente vai para o céu, a gente vai para uma escola de alta qualidade para o povo pobre dessa região aqui, onde os filhos de vocês vão ter cinema, vão ter teatro... Vai ter piscina



também? Não sei se vai ter piscina, aqui é frio. Mas o CEU de São Paulo tinha piscina. Mas vai ter teatro para as crianças, vai ter cinema, vai ter computador, ou seja, os filhos dos pobres vão ter as mesmas coisas que os ricos tinham neste país, e isso a gente tem que levar para todos os lugares, para tratar as pessoas apenas com decência e com respeito. É isso que a gente está fazendo e é isso que este companheiro está fazendo. Depois que ele entrou, a gente já está colocando aqui meio bilhão de reais, meio bilhão de reais, na construção de habitação e saneamento básico. E tem muito mais, Marinho, tem muito mais. Basta ter projeto que tem muito mais. E ele aproveita que é... Ele aproveita...

Hoje nós fomos inaugurar uma UPA ali no Alvarenga. Vocês estavam lá. Aquela UPA é para tratar de primeira, é para as pessoas não sentirem inveja de ninguém neste país e, aos poucos, a gente vai melhorando o Brasil porque nós aprendemos.

Eu confesso a vocês que eu vou deixar a Presidência no dia 1º de janeiro, vou voltar, vou voltar para a minha São Bernardo do Campo, vou voltar a morar aqui, pertinho do sindicato. E pode ficar certo, Marinho, que eu jamais irei te cobrar alguma coisa. Se eu puder ajudar, eu vou ajudar; atrapalhar, jamais. E obviamente, obviamente, que, se eu sou amigo de uma pessoa que possa ter um cargo mais importante e eu precisar pedir uma coisinha para São Bernardo, não terei nenhuma vergonha de pedir as coisas para São Bernardo ou para outra cidade. Afinal de contas, dizem que, às vezes, é melhor ser amigo do rei ou da rainha do que ser o próprio rei ou a própria rainha. Então, vamos tentar melhorar.

Eu quero, Marinho, te dar os parabéns. Quero te dar os parabéns porque eu acho que o Marinho é um companheiro que vai mudar a cara de São Bernardo, ele vai mudar a cara de São Bernardo. Ele tem menos de dois anos de mandato, um ano e meio – ainda não tem dois anos de mandato –, e ele está fazendo uma revolução aqui. E eu sou testemunha de quantas vezes eu



tento procurar a Miriam Belchior para conversar outros assuntos e me telefonam: “Ela está com o Marinho, ela está em São Bernardo”, ou “o Marinho está no gabinete dela, ou Diadema está não sei aonde, ou Santo André”. Ou seja, parece que ela trabalha para o ABC e para o Marinho, e quem paga o salário sou eu. Mas, de qualquer forma, eu não me incomodo porque, como eu vou voltar a morar aqui, então, eu quero que São Bernardo esteja cada vez melhor, cada vez mais bonita e que o povo esteja vivendo cada vez mais feliz.

Portanto, gente, muito obrigado de todo coração. Muito obrigado, Marinho, pelas obras. Muito obrigado, companheiros da Caixa Econômica Federal. E eu quero dar os parabéns a vocês que receberam as chaves e aos que vão receber ainda, que, daqui para frente, vocês vão aprender a morar num apartamento e nunca mais vocês vão querer voltar para uma casinha, porque o apartamento é mais aconchegante e a gente está mais perto de Deus; então a gente pode conversar com ele sem precisar gritar o tanto que eu estou gritando aqui.

Um beijo no coração de cada mulher e de cada homem aqui presente.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da Unidade de Pronto Atendimento 24 horas
(UPA) União/Alvarenga**

São Bernardo do Campo-SP, 10 de setembro de 2010

Vocês sabem que no dia 1º de janeiro do ano que vem, a esta hora eu já estarei de volta, morando em São Bernardo do Campo. E como eu já vou estar com 65 anos de idade, eu vou precisar utilizar esta UPA ou uma mais perto do centro, que eu espero que, dentre as nove que o Marinho vai fazer, faça uma pertinho lá do centro de São Bernardo do Campo.

Mas eu acho, companheiros e companheiras, que o fato de eu estar aqui no Alvarenga, participando da inauguração de uma UPA, para mim tem um significado muito grande. Eu já passei por esta estrada, no Alvarenga, durante décadas e décadas. Durante os anos 60, eu passava por esta estrada aqui quando, na verdade, não tinha casa de lado nenhum, não tinha absolutamente nada. Depois surgiu o Clube da Ford e, agora, eu passei aí, quase que eu não conheço, [diante] da quantidade de gente que está morando nesta região. Também eu vi que o hospital está sendo construído. Eu não sei se ali é Vila Cláudia, eu sei que é perto do Jardim do Lago, onde também eu frequentei muitas vezes as casas de parentes da minha companheira Marisa.

Portanto, eu vou voltar para cá, e vou voltar em um momento especial. Vou voltar em um momento em que o Prefeito da cidade de São Bernardo é um companheiro com quem eu trabalho junto há quase 30 anos, na vida sindical. E esse companheiro teve a competência de virar prefeito da cidade de São Bernardo do Campo, para fazer esta cidade melhor.

Ora, e por que nós decidimos fazer 500 UPAs no Brasil? E por que aqui em São Bernardo vai ter nove? O estado de São Paulo vai ter quantas, o estado todo? Cento e não sei quantas. Bem, qual é o problema? O problema é



que a parte mais pobre da população, que vai morando cada vez mais distante do centro, vai tendo cada vez mais dificuldade de ter acesso aos serviços prestados pelos municípios, que normalmente as pessoas têm que pegar ônibus para ir ao hospital, pra ir ao médico, mesmo quando a situação não é de tal gravidade. Muitas vezes, a gravidade não é medida pelo médico. Às vezes, a gente pensa que é grave e a gente, às vezes, pega... Eu costumei... quantas vezes, Temporão, pegar a Marisa e meu filho, com um ano, um ano e meio, e pegar um ônibus, ficar na fila do ônibus esperando o ônibus. Às vezes, demorava 40 minutos o ônibus, e a gente ia até Santo André, às vezes, para ser atendido. E o povo pobre sofre como... Eu não vou dizer um palavrão, não, mas sofre muito.

Então, Marinho, quando você resolve fazer a UPA numa região como esta aqui, distante do centro, mas perto do povo necessitado, a gente está dizendo para vocês: Olha, nós ainda vamos ter os 200 milhões de habitantes tratados como cidadãos e cidadãs de primeira categoria e não de segunda categoria. E vocês, vocês vão ver a qualidade do tratamento. Na hora que nós sairmos daqui, certamente vai ficar aberto para o pessoal visitar, não é, Artur? Vai ficar aberto. Isso aqui não vai resolver todos os problemas. É importante saber o seguinte: se tiver uma pessoa que vem aqui, e essa pessoa tiver uma coisa grave, que precise ser tratada [de forma] emergencial, essa pessoa não vai receber um recado e dizer: “Olha, você aguarda, que nós estamos vendo se tem uma vaga no hospital”. Aí, quando chega no hospital, a pessoa está morta. Não. Na hora que a gente chegar aqui e tiver um problema grave, essa pessoa imediatamente... Primeiro ela vai tentar... ela vai receber todo o tratamento aqui, aí vai ser colocada em uma ambulância, onde ela vai ser tratada com carinho e vai direto para o hospital, onde vai ter um leito esperando essa pessoa para ser recebida, como todo mundo tem direito de ser recebido.

É por isso que... também uma coisa importante: vocês vão vir aqui e não vão sair daqui com receita, vocês vão sair daqui com remédio. Vocês não vão



sair com receita. Quem vier em uma UPA vai sair daqui com o remédio, porque nós, ao longo da história, cansamos de ver pessoas saírem com receita e morrerem com a receita embaixo do travesseiro, porque não tinha dinheiro para comprar o remédio.

Foi por conta disso que nós criamos a Farmácia Popular, para vender os principais remédios que as pessoas precisam tomar, bem barato. Na Farmácia Popular, o remédio que custa R\$ 30,00, a pessoa paga R\$ 3,00. E aqui vai receber de graça. Aqui é mais barato ainda do que a Farmácia Popular, porque aqui vai ser de graça. Então, a pessoa vai levar o remédio para casa.

Bem, nós ainda temos que inaugurar mais seis... Seis? Mais seis aqui, porque, ao todo, para São Bernardo são nove. Vai ter UPA em Diadema, vai ter UPA em Santo André, vai ter UPA... Só não tem UPA, na verdade, em São Paulo, porque parece que eles não querem.

Agora, Temporão, você poderia ter me explicado. Eu fui à cidade de Tatuí, com o ministro Temporão, receber as primeiras 600 ambulâncias do Samu, feitas em Tatuí. Ao todo vão ser 3.600 ambulâncias no Brasil inteiro. Nós vamos receber as primeiras 600. E lá estava o ex-governador de São Paulo, que fez até discurso, e agora você vem me dizer que ele não participa do Samu? Não põe um centavo? E fez discurso como se colocasse muito dinheiro! Isso é porque eu sou um democrata e deixo eles falarem, mas, na verdade, você poderia ter me avisado antes, porque eu ia cobrar dele, eu ia cobrar dele no palanque: Como é que você vem inaugurar uma coisa em que você não põe um centavo, não ajuda as prefeituras?

Por que não ajuda as prefeituras a custear essas UPAs? É porque ele disse, e esse moço presenciou, é porque eles disseram o seguinte: “Nós não vamos fazer nada, porque nós não queremos trabalhar junto com o governo federal”. É pura ignorância, pura ignorância, porque quando a ignorância entre os governantes prevalece, de alguém não querer fazer uma coisa: o presidente não quer fazer com o prefeito porque não gosta do prefeito; o prefeito não quer



fazer com o governador porque não gosta do governador; o governador não quer fazer com o presidente porque não gosta do presidente. Quando isso acontece, quem paga o “pato” é o povo brasileiro que votou em todos nós para resolvermos o problema da população e não para criar caso para a população.

Por isso, eu vim aqui no Alvarenga, Marinho, orgulhoso, para inaugurar esta UPA, eu espero nunca precisar dela, se Deus me ajudar. Eu, agora mesmo, estou precisando de médico, que estou com problema no ouvido aqui, que eu não posso contar para vocês, mas estou com problema aqui. Mas, eu não vou estrear, não vou estrear a UPA comigo. Ou seja, vai morrer de vontade que seja eu, mas eu não vou estrear. Eu vou... Eu acho, companheiros, eu acho que o povo do Alvarenga deve sempre olhar para aquele menino ali, olha, que eu trato como se fosse um filho meu, esse companheiro aqui. E vocês, vocês vão ter a convicção de que a coisa mais certa que o povo de São Bernardo fez foi votar neste companheiro para ser prefeito de São Bernardo do Campo.

E é com muito orgulho que, no dia 1º de janeiro, eu, do meu apartamento, posso olhar e ver a Prefeitura, onde o meu Prefeito está trabalhando. Agora, se ele não fizer as coisas direito, e brincar, eu posso até me candidatar a prefeito de São Bernardo do Campo aqui para... Mas como o Marinho é meu irmão, eu apenas me contentarei em ser cabo eleitoral dele quando ele for candidato à Prefeitura aqui, em São Bernardo do Campo.

No mais, companheiros, parabéns ao comitê gestor, parabéns ao Movimento da Saúde, parabéns ao povo de São Bernardo, parabéns ao povo do Alvarenga que, se Deus quiser, se Deus quiser, vocês, a partir de agora, serão tratados com dignidade, com respeito, pela prefeitura e pelo governo federal.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser!

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do campus Suzano do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)

Suzano-SP, 10 de setembro de 2010

Bem, primeiro... o Marcelo só esqueceu de dizer uma coisa: é a primeira vez que eu venho como Presidente a Suzano, mas eu vim muitas vezes a Suzano como presidente do PT e como dirigente sindical, visitar muitas portas de fábrica aqui em Suzano. Foi por isso que eu cheguei a Presidente, porque tinha vindo a Suzano antes de ser Presidente.

Bem, eu quero cumprimentar o companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação, companheiro que está fazendo uma revolução na Educação brasileira,

Eu quero cumprimentar o companheiro Alexandre Padilha, ministro da Secretaria de Relações Institucionais, o cara para quem os prefeitos ligam para reclamar. Agora mesmo o Marcelo estava dizendo que os dois hospitais particulares de Suzano fecharam e que ele precisa conversar muito sobre a Saúde, e eu falei: converse com o companheiro Padilha, e não comigo, aqui, para ver o que é que pode ser feito para a Saúde aqui em Suzano.

Quero cumprimentar o nosso querido magnífico reitor Arnaldo Augusto Borges, nosso reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Marcelo de Souza Candido, prefeito de Suzano, por intermédio de quem cumprimento todos os companheiros prefeitos das outras cidades, que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar – vou ver se eu consigo falar o nome dele completo – Masamori Kashiwagi, diretor-geral do campus Suzano do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo,

E quero cumprimentar o nosso querido aluno Maicon Fernandes da



Silva, que falou aqui agora há pouco.

Olhe, eu penso... se este microfone estiver melhor, eu vou falar daqui, deste microfone aqui. Eu queria que vocês prestassem atenção – cumprimentar nossos queridos cadeirantes, aqui –, eu queria que vocês prestassem atenção no discurso feito pelo Reitor e no discurso que fez o Ministro da Educação.

O Reitor estava me dizendo que, alguns anos atrás, todo o orçamento dele para cuidar das escolas técnicas era de apenas R\$ 800 mil. O orçamento para o ano que vem prevê, para ele, uma bagatela de R\$ 120 milhões, ou seja, algumas vezes mais. Isso porque tem muito a ver com o número que o Ministro da Educação falou. Vocês vejam que São Paulo é o estado mais rico da Federação. De todos os estados brasileiros, São Paulo é o estado mais rico. São Paulo tem uma das melhores universidades do Brasil, que é a USP. São Paulo tem, portanto, ensino de qualidade. Mas o que não explica é que pelo fato de você ter ensino de qualidade em São Paulo, você só tenha, no estado que completou quase 500 anos, você só tenha 96 mil alunos estudando em universidade pública do estado. Por quê? Porque 82%, ou um pouco mais, dos alunos que estudam universidade em São Paulo, estudam em escolas privadas e não em escolas públicas.

Portanto, este dado é importante, Fernando Haddad, porque somente o ProUni... já passaram pelo ProUni 234 mil alunos e, nesse momento, nós temos aqui em São Paulo... se o companheiro pegar o meu discurso que está lá, vai evitar que caia toda a papelada ali no chão. Vejam, todos os alunos, todos os alunos que nós temos no ProUni hoje... O que é o ProUni? O ProUni, aqui em Suzano, tem 400 alunos desde 2005. O que é o ProUni? A gente tinha um monte de universidade particular que não pagava todos os impostos. A gente, então, fez uma negociação com as universidades, trocando parte daquele imposto por uma vaga para as crianças pobres da periferia, que



estudavam em escolas públicas, fazerem universidade. Este ano já estamos com quantos, Fernando? Já estamos com 704 mil jovens que passaram pelo ProUni. Aqui mesmo, de Suzano, este ano, vai ter duas jovens que vão se formar em Medicina pelo ProUni. É por isso que tem que fazer, é por isso que nós vamos ter que fazer um hospital em Suzano para esses médicos terem onde trabalhar, porque senão vão trabalhar onde?

Olhem, o fato de um curso novo como o ProUni ter, nesse momento, mais alunos do que todo o sistema de ensino público universitário de São Paulo, demonstra que a elite paulista que governou este estado nunca se importou em colocar os pobres para fazer universidade, nunca. Eles achavam, eles achavam que apenas eles tinham o direito de fazer a universidade aqui, depois fazer pós-graduação em Paris, depois fazer pós-graduação em Chicago, depois fazer pós-graduação em Londres, e os pobres deste país, muitas vezes, não tinham sequer como terminar o Ensino Fundamental. Esta era a verdade nua e crua, pelos números que estão colocados aqui. Não são números inventados. O maior estado da Federação, o estado mais rico do país, o estado que tem mais indústria, a maior renda *per capita*, o estado só tem 96 mil alunos estudando em escola pública do estado. É, na verdade, uma vergonha para o Brasil, e sobretudo para a elite que governou o estado de São Paulo até agora.

Pois bem, dito isso, eu vou dizer para vocês por que a gente resolveu investir em Educação. Eu falo isso até cansar, para as crianças aprenderem. Eu sou filho de uma mulher que nasceu e morreu analfabeta. Minha mãe não sabia fazer um “O” com o copo. Morreu analfabeta. Pois bem, eu fui o único filho dela que consegui estudar mais do que o primário; o único, porque tive a felicidade de fazer um curso no Senai. E esse curso permitiu que eu fosse o primeiro filho dela a ganhar mais do que o salário mínimo, a ter uma casa, a ter uma televisão, a ter um carro, a ter uma geladeira. Eu fui o primeiro de oito filhos a ter tudo isso em casa por causa de uma profissão.



É por isso que nós tomamos a decisão de revogar uma lei feita em 1998 por um Ministro da Educação que tinha sido reitor da Unicamp, portanto ele era muito letrado, ele deveria saber que não deveria ter acabado com a responsabilidade de o governo federal investir em ensino técnico-profissional. Ele achava que o mercado iria resolver o problema do ensino profissional porque, para eles, o mercado resolveria tudo. É como os Estados Unidos e como a Europa: o mercado resolvia tudo, mas quando veio a crise da especulação imobiliária nos Estados Unidos, se não é o Estado, tinha quebrado o país.

Então, nós resolvemos fazer investimento em Educação. Não apenas em Educação, melhorar o Ensino Fundamental, que é da responsabilidade, na maioria dos casos, dos estados e da prefeitura. Nós repassamos dinheiro, mas a responsabilidade, normalmente, é dos estados. A nossa responsabilidade, ela é maior no Ensino Técnico – não é isso? – e no Ensino Superior.

Pois bem, então, vejam uma coisa, o Ministro falou: “Nós saímos de um orçamento de 19 bilhões para um orçamento, previsto, de 70 bilhões”. Nós, em oito anos, já vamos passar para a história como o governo que mais fez universidades neste país: são 14 universidades federais novas, 14 universidades federais novas. Teve presidente, doutorado, com pós-graduação onde vocês imaginarem, que não fez nenhuma universidade neste país, nenhuma. Porque ele já tinha aprendido, ele já tinha aprendido, para que ensinar para os outros?

Agora, nós, nós, os mortais deste país, que sempre fomos tratados como pessoas de segunda categoria, temos o direito, não de ser pedreiros ou ajudante de pedreiros, nós queremos ser engenheiros, nós queremos ser médicos, nós queremos ser professores, nós queremos fazer como um menino como este, que possam passar, e estudar, e ter um curso superior. E não pode ser privilégio, tem que ser uma coisa que atenda as oportunidades para todo mundo.



É por isso que, além das universidades, Reitor, nós vamos chegar já a 118 extensões universitárias. Veja que nós fizemos em Guarulhos, nós fizemos em Diadema, nós fizemos em Santos, em Ferraz, nós fizemos em São Bernardo, em Santo André, vamos fazer em Osasco. E daqui para frente nós aprendemos a fazer, porque os prefeitos, agora, não pedem mais merreca para a gente. Cada prefeito fala: "Eu quero uma escola técnica. Eu quero uma universidade". Por quê? Porque o povo está exigindo, porque as nossas crianças, os nossos adolescentes e os nossos pais estão mais espertos. Todo mundo sabe que é importante estudar. Um jovem sabe que se ele não estudar, ele não vai vencer na vida. Ele tem que estudar, ele tem que aprender uma profissão. Se puder, tem que fazer uma universidade, porque ele precisa casar, constituir família, e ele precisa cuidar da família e ele tem que ser exemplo para sua família. Então, o homem tem que estudar. Este menino aqui, o Maicon, deveria ser um símbolo da juventude de Suzano, porque passar em primeiro lugar não é fácil.

A segunda coisa são as mulheres. As mulheres precisam estudar, porque a mulher com uma profissão, ela vai ter um emprego e ela vai ganhar, não apenas para ajudar o orçamento de casa. Se ela tiver uma profissão, ela pode até ganhar mais do que o marido. O que não é normal é uma mulher que não trabalha fora, fica em casa, muitas vezes aguentar desaforo do marido porque depende do prato de feijão que ele coloca dentro de casa. Sabe, a gente tem que viver junto, homem e mulher, porque a gente se gosta. Nenhum homem tem que morar com a mulher porque não gosta e nenhuma mulher tem que morar com o homem porque ele coloca um prato de feijão. É por isso que a mulher tem que aprender uma profissão, porque quando os "Lulas" da vida chegarem em casa tentando falar grosso, ela fala: "Espera aí, meu filho. Baixa o tom aí! Baixa o tom! Vamos conversar em igualdade de condições aqui", porque as mulheres sabem que elas não podem mais ser tratadas como se fossem o sexo fraco, como se fossem de segunda categoria. A mulher quer ser



tratada em igualdade de condições, quer ganhar o mesmo salário, quer disputar os mesmos cargos e quer disputar as mesmas vagas na universidade. Reitor, neste ano aconteceu uma coisa fantástica. Até o ano passado, os formandos em doutorado, as mulheres eram minoria. Eram, normalmente, 48% de homens que se formavam doutores e... Mulheres eram 48% e os homens eram 51%. Neste ano, pela primeira vez, as mulheres doutoras são 51% e os homens apenas 48%, ou seja, as mulheres, pela primeira vez, passaram os homens.

Então, gente, este país, este país mudou, este país mudou. Eu estou terminando o meu mandato, faltam três meses, nem três meses mais... O tempo corre! Está faltando três meses e uns dias, três meses e quinze dias, por aí. Agora, deixa eu contar para vocês uma coisa, deixa eu contar para vocês: vocês podem viajar para qualquer cidade deste país e podem perguntar para qualquer prefeito, não importa o partido que ele seja, ele pode ser do DEM, ele pode ser do PSDB, ele pode ser do PTB, pode perguntar para qualquer prefeito de qualquer partido. Se ele disser que uma vez o meu governo negou ajuda para a cidade dele porque ele não era do meu partido, ele está mentindo, porque nós nunca perguntamos para que time torce o prefeito ou de que partido é. Nunca! (incompreensível) Aliás, os prefeitos poderiam contar para vocês. Tem prefeitos que foram prefeitos dez anos atrás, nunca receberam um real do governo federal, um real. Teve prefeito que governou oito anos, nunca recebeu um real do governo federal. Eu duvido que vocês encontrem, no Brasil, uma cidade que não tenha uma obra com o dinheiro do governo federal. Duvido que se encontre, no Brasil, uma obra. Tratamento de esgoto, que não se fazia neste país, porque neste país a classe política só queria fazer ponte e viaduto para colocar o nome da mãe, o nome da tia. Ou seja, para eles, era melhor colocar o nome da mãe num viaduto do que fazer um metro de esgoto para as crianças não brincarem pisando em esgoto a céu aberto. Era... a mediocridade era muito grande, e nós mudamos isso, nós mudamos isso. Nós,



agora, com o Programa Minha Casa, Minha Vida, é um milhão de casas que nós vamos fazer neste ano. Já estão contratadas 834 mil casas. Aqui, para Suzano, me parece que são 1.100 casas, já estão contratadas, e você tem, parece, quantas mil? Duas mil e setecentas casas, aqui, para Suzano. Todas as cidades vão ter casa do Programa Minha Casa, Minha Vida. E, para o próximo ano, nós temos dois milhões de casas para fazer nos próximos quatro anos. E a gente quer atender as pessoas de zero a três salários mínimos em primeiro lugar, depois de três a seis [salários mínimos], e depois de seis a dez [salários mínimos]. Mas, primeiro, nós queremos atender as pessoas mais necessitadas, que são as que têm mais dificuldade.

Por isso, meu caro Marcelo, eu estou muito orgulhoso de estar aqui, na sua cidade. Estou muito orgulhoso. Muito orgulhoso porque esta cidade, Mogi das Cruzes, Mauá, Ribeirão Pires, todas essas cidades têm muito a ver com a minha vida, têm muito a ver com a minha luta. Eu fiz muitas greves aqui nos anos 70, nos anos 80, fiz muita agitação. Ele está dizendo que junto com o pai dele, ou seja... E foi tudo isso que me fez chegar onde eu cheguei.

O que eu queria dizer, o que eu queria dizer para a juventude brasileira era que... É o seguinte: o jovem não tem tempo de desanimar, nem uma menina e nem um menino. Não existe essa possibilidade de um adolescente acordar e falar: "Ah, a vida não vale nada, eu não tenho sorte, eu não sei das quantas.". Não há espaço. Quando a gente está chegando aos 65, como eu, aí já começa a pensar que tem mais pouco tempo de vida pela frente. Mas quem tem 20 anos, 18 anos, 17, 14, não tem dia, hora e minuto para desanimar. E vocês precisam olhar em mim como modelo, um modelo (incompreensível): como é que pode, como é que pode um retirante nordestino, que tinha tudo para se contentar em ser pedreiro em São Paulo, virou torneiro e virou presidente da República deste país?

A palavra mágica é não desistir nunca, a palavra mágica é perseverar sempre, a palavra mágica é lutar a cada dia. Se o dia hoje estiver ruim, a gente



tem que fazer o amanhã ser melhor do que o hoje. Se a gente está percebendo, se a gente percebe que o pai e a mãe da gente não têm condições financeiras para dar tudo aquilo que a gente deseja, em vez de desanimar, a gente precisa estudar e batalhar, para dar para os nossos filhos mais do que a gente recebeu dos nossos pais. É assim que a gente tem que levar a vida.

Por isso, meus queridos companheiros, eu vou sair daqui, agora, e vou para São Bernardo, porque nós vamos inaugurar umas coisas em São Bernardo. Quero dizer ao Reitor que estou orgulhoso de saber que este instituto é o de melhor qualidade de todo o estado de São Paulo. Quero dizer a vocês que este instituto começa com 160 alunos, depois vai para 320, e vai crescendo, e vai crescendo, até que a gente tenha, por aqui, por volta de 1.200 alunos. Mas a gente quer crescer sem perder a qualidade e, se Deus quiser, no ano que vem, no próximo ano, no outro ano, eu não sou presidente da República, você pode me convidar para vir aqui, eu virei aqui com muito mais facilidade do que quando presidente.

Um abraço, gente. Que Deus abençoe o povo de Suzano, e parabéns a todas as crianças de Suzano.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega de trechos da BR-101/SC, ordem de início de novo trecho, edital do túnel do Morro do Formigão e contrato do projeto da via expressa de Florianópolis

Criciúma-SC, 13 de setembro de 2010

Bem, eu quero cumprimentar o companheiro Paulo Afonso Vieira, ex-governador do estado de Santa Catarina,

Quero cumprimentar os ministros Paulo Sérgio Passos, dos Transportes, que acaba de falar com vocês; o nosso Márcio Zimmermann, ministro de Minas e Energia, nascido em Itajaí; o nosso companheiro Alexandre Padilha, de Relações Institucionais; e quero também cumprimentar o nosso companheiro Altemir Gregolin, ministro da Pesca e Aquicultura, também nascido em Santa Catarina. Quando vai ao meu gabinete, ele diz que nasceu em Pernambuco, mas ele não tem cara de ter nascido em Pernambuco.

Quero cumprimentar a senadora Selma Elias Westphal,

Quero cumprimentar o senador Neuto De Conto,

Quero cumprimentar os deputados federais, e eu tenho preocupação de citar os nomes dos deputados federais, e depois alguém querer cassar vocês porque eu citarei [citei] o nome de vocês. Então, eu peço desculpa por não citar nomes de deputados aqui e não ser responsável pela cassação de ninguém.

Quero cumprimentar o Clésio Salvaro, prefeito de Criciúma,

Quero cumprimentar o Dário Berger, prefeito de Florianópolis, por meio de quem cumprimento os demais prefeitos,

Quero cumprimentar o Carlos Alberto Justo da Silva, reitor em exercício da Universidade Federal de Santa Catarina,

Quero cumprimentar o Edison do Nascimento. É Edson do Nascimento? Edson do Nascimento? Então, quem escreveu isso aqui colocou o “i” não



existente no 'Edson'. Edson [Edison] do Nascimento, presidente da Câmara Municipal de Criciúma,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Eurides Mescolotto, presidente da Eletrosul,

E quero cumprimentar o companheiro Hideraldo Caron, diretor de infraestrutura rodoviária do DNIT,

Cumprimentar o companheiro João José dos Santos, superintendente regional do DNIT em Santa Catarina,

Cumprimentar os empresários que estão trabalhando nesta obra em Santa Catarina,

Cumprimentar os companheiros trabalhadores mineiros, que eu sei que tem aqui,

Quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras que estão aqui,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa,

Quero cumprimentar a juventude que está aqui,

Quero cumprimentar as pessoas que estão à minha direita, lá, do lado de lá da margem, e as pessoas que estão ali no Morro, à minha esquerda,

Quero cumprimentar uma senhora que está lá na janela da casa dela, com a bandeira do Brasil, atrás de nós, ali.

Bem, meus companheiros e companheiras,

Eu vou ser breve, mas é importante que a imprensa perceba o que nós viemos fazer aqui, porque às vezes o principal deixa de ser importante e o secundário ganha importância. Para mim, o importante é que eu vim ao sul de Santa Catarina entregar algumas obras que nós, algum tempo atrás, nos comprometemos de fazê-las, e, como a gente, na medida do possível – porque não depende só de dinheiro e da vontade do governo, depende de outras coisas –, às vezes nem sempre consegue entregar tudo aquilo que é



contratado, eu queria dizer que é com muita alegria que a gente vem aqui entregar o lote 24, com 28.3 quilômetros de extensão e 18 obras de arte. Quando a gente fala “obra de arte” – eu estava falando para o Paulo Sérgio – é preciso que no DNIT vocês expliquem o que é obra de arte porque senão a gente, que é leigo, fica esperando [para] ver se tem um quadro lá, uma pintura, e às vezes é um contorno, às vezes é um viaduto, às vezes é uma ponte. Precisa dizer o que é obra de arte porque nem todo mundo que está aqui e nem eu tem a mesma inteligência dos engenheiros que pensam o projeto.

Também viemos entregar aqui o lote 27, com 28.6 quilômetros de extensão e 12 obras de arte. Às vezes as obras de arte ficam mais caras do que a estrada. O lote 28, também viemos entregar, com 28 quilômetros de extensão e 11 obras de arte. O lote 30, com 28 quilômetros de extensão e 25 obras de arte.

O primeiro contrato do lote 29 – o Paulo Sérgio disse aqui – foi rescindido, porque foi feita uma licitação, ganhou uma empresa, essa empresa chegou no meio do caminho, estava sem fôlego e sem dinheiro, não conseguiu fazer. Entrou a segunda, que também ficou sem fôlego, não conseguiu fazer, e o jeito foi fazer uma nova licitação. E agora vai começar, definitivamente, com a nova ordem de serviço dada pelo Ministro dos Transportes para o trecho... para o lote 29. O lote 29 tem 26 quilômetros de extensão, 2 quilômetros de contorno e 21 obras de arte. Vejam só: estão previstos investimentos de R\$ 282 milhões, ou seja, não é pouca coisa.

Bem, eu queria agora dizer para vocês... Olha, pulei tudo isto aqui do meu discurso porque eu estou vendo gente aí com fome já, abrindo a boca, mastigando saliva, e como quando eu ganhei o governo eu criei o projeto [programa] Fome Zero, eu quero fome zero aqui, neste público.

Paulo Sérgio, se eu estiver certo ou errado, você me corrija aqui, mas, até agora, os investimentos federais em rodovias de Santa Catarina já somam R\$ 2 bilhões e 400 milhões. É isso? Não, isso aqui já foi pago, mas aqui não



está dizendo. Aqui está dizendo: “Os investimentos federais em rodovias de Santa Catarina já somam R\$ 2 bilhões e 400 milhões, aplicados nos últimos anos”. Isso aqui é dinheiro pago. E quanto é o total de investimentos? Pega os seus papéis aí, pegue, pegue seus papéis aí e veja, veja. O total de investimento – é bom a imprensa anotar para cobrar depois –, o total de investimento, segundo o Ministro dos Transportes, segundo o diretor do DNIT, aqui, e segundo o diretor do DNIT para (incompreensível) rodoviária, o Hideraldo, que é gaúcho, o total de dinheiro colocado em Santa Catarina para transporte é de mais de R\$ 5 bilhões, até agora pagos R\$ 2 bilhões e 400 milhões. Em manutenção, restauração e conservação já foram pagos R\$ 418 milhões até 2009. Para 2010, estão sendo aplicados mais R\$ 140 milhões. É isso? Então, se a gente imaginar R\$ 418, 518, 558 milhões para restauração, são 15 contratos em andamento, que abrangem todas as rodovias federais do estado: BR-101/SC Sul, 153, 158, 163, 280, 282, e 470. É isso? Em fase final de elaboração de projeto o Programa de Restauração e Manutenção de Rodovias, etapa dois: são quatro lotes no valor de R\$ 17 milhões e 500 mil, com extensão total... Aqui é só projeto, não é isso? São 1 milhão e 275 mil... 1.275 quilômetros, que a gente vai fazer restauração também. Isso é contrato de cinco anos. Muito bem.

Em decorrência... Eu não vou dizer aqui, eu não vou falar de enchentes aqui. Em decorrência das enchentes que atingiram Santa Catarina há pouco tempo, entre novembro e dezembro de 2008, foram aplicados pelo Ministério dos Transportes R\$ 130 milhões em obras emergenciais para a contenção de encostas nas BRs 101, 280, 282 e 470, de dezembro de 2008 a dezembro de 2009.

Bom, eram esses os números que eu queria citar, porque, em política, tem um tipo de político que pensa que está falando a verdade e vai na televisão e fala: “Porque eu mato a cobra e mostro o pau”. Na minha turma, a gente mata a cobra e mostra a cobra morta. Eu citei esses números aqui porque como



agora tem campanha política, tem programa na televisão, todo mundo agora sabe tudo, todo mundo vai fazer tudo, vocês não terão mais nenhum problema depois das eleições porque vai estar tudo resolvido, eu queria que os candidatos dissessem em que momento da história de Santa Catarina um só presidente da República, em um mandato, fez 20% do que nós fizemos por Santa Catarina, em estrada. Podem pegar Fernando Henrique Cardoso, podem pegar Itamar, podem pegar o presidente Sarney, podem pegar o presidente Collor, podem pegar o presidente Figueiredo... Querem mais? Podem pegar todos juntos e ver se todos juntos colocaram aqui em Santa Catarina o dinheiro que nós colocamos no Ministério dos Transportes. Porque em campanha política as pessoas podem falar tudo. A única coisa que as pessoas não podem prescindir é de falar a verdade; a única coisa que as pessoas não podem prescindir é de falar a verdade. E eu sei que a verdade é dura, a verdade dói, mas se os políticos falassem mais a verdade, se os políticos falassem mais a verdade, possivelmente o povo tivesse mais condições de escolher melhores políticos em época de eleição.

Fazer uma obra dessa magnitude não é fácil. Às vezes, a gente fica... eu fico dando exemplo de coisa muito prática que acontece na vida da gente e, às vezes, eu fico dando exemplo de futebol, mas, hoje, eu estava brincando com um assessor de imprensa meu e eu dizia para ele... que ele falava assim para mim: "Presidente, quando eu não estava no governo, eu achava que tudo era fácil de fazer e achava que o governo não tinha competência para fazer. Agora que eu estou no governo, eu percebo que é tudo muito difícil para fazer". Aí eu falei: "Você descobriu a diferença entre a teoria e a prática".

O Djavan tem uma música muito famosa em que ele fala: "O dia tem 24 horas, mas, na prática, ele tem tarde, manhã e noite". É muito fácil pegar uma menina que ainda não é mãe e falar para a menina... Ela falar... "Dar comida para um filho recém-nascido é fácil, é fácil. Ele chorou, dá um peito, ele chorou, dá mingau, ele chorou, dá mamadeira". É preciso saber se ele aceita. Quantas



vezes a gente vai colocar papinha na boca de uma criança, ele mete a mão, derruba, enche a boca, joga fora? Quantas vezes a gente fica lá meia hora em uma coisa que poderia ser resolvida em dois ou três minutos?

Fazer obra neste país é assim, é exatamente assim. Entre a gente fazer o projeto executivo de uma obra, a gente conseguir licença ambiental, a gente fazer o processo de licitação, a gente aguentar os processos judiciais que uma empresa que perde abre contra a empresa que ganha, a gente ficar brigando na Justiça com o Tribunal de Contas da União, que muitas vezes levanta suspeita – as suspeitas às vezes são verídicas, às vezes são infundadas, e ninguém arca com a responsabilidade de você paralisar uma obra um ano... Eu, agora, no carro, vinha falando com um empresário a pedido do Paulo Sérgio. A Ferrovia Norte-Sul: Teve um trecho da Ferrovia que pararam a obra um ano – não foi um dia –, um ano, achando que a obra tinha sobrepreço. Depois de um ano, prova que a obra não tem sobrepreço e aí manda a obra continuar. E a pergunta que a gente faz é: Quem é que assume a responsabilidade desse prejuízo de um ano de uma obra parada neste país porque alguém resolveu parar a obra?

Eu conto todo santo dia: Depois, quando a gente resolve tudo, a gente pensa que está tudo pronto, aparece alguém do Ministério Público e acha que tem um erro, e entra com um processo. Às vezes leva mais quatro meses, cinco meses, um ano, e a obra parada, vocês passam na rua, veem máquina parada, as coisas não andam. Aí, todo mundo acha que tinha roubo mesmo, todo mundo acha. E, quando tem roubo, a gente pega, quando tem roubo, a gente pega. Vocês viram o que aconteceu, agora, no Amapá. Só tem um jeito de um bandido não ser preso neste país: é ele não ser bandido. Porque, se for bandido e a gente descobrir, a gente pega. Houve um tempo em que não era assim, houve um tempo em que era mais fácil levantar o tapete e jogar para baixo. Agora não. Então, é muito difícil.

Por isso que eu quero dar os parabéns ao companheiro Paulo Sérgio e



ao DNIT, porque eu tenho cobrado deles. Aqui tem um – eu não vou dizer maldito, não, eu vou dizer: – tem um túnel vindo de Osório para cá, um túnel de 1800... Que eu falo mais nesse túnel do que eu falo no nome da minha mulher. Porque, eu fui lá tentar fazer o primeiro furo desse túnel, com aquela máquina, aquela broca grande. Cheguei lá, me frustrei porque a minha segurança não deixou eu subir na máquina e fazer o furo. Voltei sem fazer o furo. Mas o furo começou e eu, todo mês, perguntava para o Hideraldo: “Cadê o túnel? Cadê o túnel? Cadê o túnel?” Um dia, deu terra mole – eu não sabia que terra mole era mais difícil do que terra dura, eu não sabia. A ignorância não permitiu eu saber que terra mole era mais difícil do que se fosse uma terra dura. Até pedra é mais fácil do que terra mole. E vai o túnel, e vai o túnel, está quase pronto, está quase pronto, está acabando, está quase chegando no final. Um belo dia, parou o túnel. Seis meses parado o túnel. Encontraram uma perereca, aquelas verdinhas. E aí foram estudar se a bichinha estava em extinção. Levou seis meses. Uma obra de bilhões de reais, máquinas paradas, salários de trabalhadores para pagar... Ficou parado, e a culpa não é de ninguém, a culpa é nossa mesma, que fazemos as leis e que vamos criando empecilhos para nós mesmos. Depois de seis meses, descobriu que a pererequinha não estava em extinção. Solta a pererequinha e começa o túnel outra vez. Aí, esse túnel está andando, agora está andando. Eu estou para inaugurar ele há cinco meses, mas agora precisa colocar ventilador no túnel, precisa colocar luz dentro do túnel. E, como aqui no Brasil não tinha os apetrechos modernos, foram comprar na China. E esses desgraçados desses aparelhos estão no navio e não chegam nunca. Eu, todo dia, pergunto para a Maria: “Afundou algum navio vindo da China com as peças do meu túnel?” Não afundou, então estou com esperança de que, até o dia 31 de dezembro, à meia-noite, quando o Brasil inteiro estiver olhando lá para o Rio de Janeiro, para a queima de fogos, eu vou estar dentro do meu túnel inaugurando, à meia-noite, esse famoso túnel de Osório.



Eu estou pedindo para os meus ministros escreverem nos livros as coisas hilariantes. Outro dia, eu fui visitar o canal do São Francisco. É um canal de 642 quilômetros que leva água do São Francisco para Rio Grande do Norte, Paraíba, uma parte de Pernambuco e Ceará, que é a parte mais seca do Nordeste, chamada “semiárido”. São 12 milhões de pessoas que vão ter água para beber. O coitado de D. Pedro, em 1847, queria fazer. Ele era imperador, ele poderia ter feito, mas não deixaram. De D. Pedro, já veio D. Pedro I, já veio D. Pedro II, já veio a República e, até agora, não conseguiram fazer esse maldito canal. Pois bem – você viu que eu falei que nem manezinho agora: “canal” (com sotaque). Eu, então, resolvi, como eu já carreguei água de pote – vocês não sabem o que é carregar água de pote, pote de barro. Por isso é que o meu pescoço não cresceu; está aqui, olha, está quase pescoço e ombro colados. Com dez anos de idade carregando pote na cabeça, a cabeça achatou, o pescoço encolheu. Mas, como eu sei o que é isso, como eu sei o que é isso, eu coloquei quase que como uma questão de honra fazer o canal do São Francisco. Aí, de vez em quando, eu dizia: “A Bahia é contra porque a Bahia diz que o rio é dela”. Aí, de vez em quando, “Alagoas é contra porque diz que o rio é de Alagoas”. Aí, de vez em quando, “Sergipe é contra porque o rio é de Sergipe”. “Minas Gerais era contra porque o rio nasce em Minas Gerais”. Espera aí, esse rio não é nem da Bahia, nem de Sergipe, nem de Minas e nem Alagoas. Esse rio é de 190 milhões de brasileiros, porque está no território nacional. É um rio nacional. Como é que um brasileiro pode negar água para outro brasileiro?

Aí nós conseguimos, depois de cinco anos, fazer projeto financeiro, fazer projeto executivo, visitar todos os estados, fazer audiência pública, responder 500 processos, começou o canal. Uma obra maravilhosa, parece uma serpente, uma sucuri no meio do Nordeste assim, cortando o Nordeste para tudo quanto é lado. Uma belo dia, está lá explodindo uma pedreira e o general pega uma pedra na mão e fala alto: “Essa pedra parece uma machadinha



indígena”. Aí, tinha uma antropóloga lá. A obra parou seis meses até estudar, ver se aquela machadinha era uma machadinha indígena.

Eu estou contando isso para vocês porque, essa estrada aqui, nós tivemos problema, problema. Problema como aquela rodovia no aeroporto lá, ligando o aeroporto a Florianópolis, que fizeram um pedaço e tem outro pedaço sem fazer; eu estava quase fazendo um arranha-céu para poder terminar aquilo. Mas é uma coisa assim que nós criamos, a culpa é nossa. Nós criamos uma indústria de fiscalização e de proibição que é uma coisa maluca.

Agora eu vim inaugurar exatamente por isso, porque, para mim, depois de todo o sofrimento, depois de ver que a obra estava parada, depois de ver que a empresa quebrou, depois de ver que a segunda quebrou, depois diziam que tinha uma perereca, depois diziam que tinha que fazer o túnel do Formigão, depois tinha que fazer a ponte de Laguna, depois... Eu falei: “Eu vou a Santa Catarina. Eu vou a Santa Catarina para dizer ao povo de Santa Catarina que a gente pode ter dificuldade, mas quando a gente tem vontade, não existe nada impossível”. E eu, junto com vocês, ainda iremos ver essa estrada toda duplicada, para que milhões de argentinos e uruguaios venham passear no nosso país e para que a gente possa passear de carro lá com segurança, com a família dentro do carro, sem ninguém beber, sem ninguém bater e sem ninguém se machucar. É por isso que hoje eu vim aqui inaugurar esses trechos aqui, e dizer para vocês: Esperem, que eu ainda voltarei aqui – não aqui, em outro lugar, mas aqui na [BR]101 –, antes de terminar o meu mandato.

Porque cada ministro meu tem um compromisso. Até dia 31 de dezembro, à meia-noite, eles têm que trabalhar e tem que apresentar proposta, tem que colocar no documento. Eu quero tudo registrado em cartório, tudo registrado em cartório. Cada universidade vai receber cada centavo que foi gasto no meu governo nos dois mandatos; cada universidade, cada sindicato, cada grupo empresarial, cada deputado, cada senador, cada jornalista vai



receber cada metro de coisa que foi feita no meu governo, cada centavo pago. Porque, neste país, nem agenda de ex-presidente a gente sabe. Como eu passei por aqui para cuidar deste país, então eu quero prestar conta à sociedade brasileira. Nós fizemos isso e é isso que está pronto, e que daqui para frente os outros prestem conta.

Um grande abraço, companheiros, que Deus abençoe e até outro dia, se Deus quiser!

(S211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da primeira etapa das obras de recuperação do Porto de Itajaí

Itajaí - SC, 13 de setembro de 2010

Bem, eu quero primeiro cumprimentar o governador do estado de Santa Catarina, o governador Leonel Pavan,

Quero cumprimentar o catarinense Márcio Zimmermann, ministro de Minas e Energia do meu governo,

Quero cumprimentar o Alexandre Padilha, ministro da Secretaria de Relações Institucionais,

Quero cumprimentar o catarinense Altemir Gregolin, ministro da Pesca e Aquicultura,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Augusto Wagner, ministro interino da Secretaria de Portos, e dizer para vocês que o nosso companheiro Pedro Brito estava para chegar hoje aqui, mas, em função de um atraso no avião de seis horas, em Miami, ele não pôde chegar. As pessoas pensam que só atrasa avião no Brasil. Em Miami também atrasa e ele, por conta disso, não pôde chegar aqui.

Quero cumprimentar os companheiros deputados federais,

Quero cumprimentar o companheiro Jandir Bellini, prefeito de Itajaí, por meio de quem cumprimento os demais prefeitos presentes,

Quero cumprimentar o vereador Luiz Carlos Pissetti, presidente da Câmara Municipal de Itajaí,

Quero cumprimentar o companheiro Eurides Mescolotto, presidente da Eletrosul,

E quero cumprimentar o nosso companheiro Antônio Ayres dos Santos Júnior, superintendente do Porto de Itajaí,



Quero cumprimentar o Charles Alberto Passos, presidente do Sindicato dos Estivadores, em nome de quem cumprimento todos os trabalhadores, aqui presentes,

Cumprimentar os companheiros da imprensa,

Cumprimentar os companheiros trabalhadores, que estão trabalhando no Porto, porque vocês carregaram o piano, e nós estamos tocando aqui, agora, esse piano.

Queria dizer para vocês da importância de vir a Santa Catarina hoje, inaugurar a primeira etapa da recuperação do Porto de Itajaí, e também fui à BR-101 inaugurar os quatro lotes que ficaram prontos, fomos assinar o contrato de licitação para a ponte... Onde que é mesmo? Em Laguna. Uma ponte de quase três mil metros de comprimento. E fomos dar ordem de serviço para outros lotes, o lote 29 da 101, que duas empresas que tinham ganho a licitação, quebraram, não conseguiram fazer e precisamos licitar outra vez. E agora estamos aqui, neste porto, inaugurando a primeira parte. Segundo o meu ministro interino, ainda este ano, vamos vir aqui inaugurar ele totalmente, inaugurar ele totalmente. E, se Deus quiser, ainda este ano, ainda este ano começaremos a dragagem para levar o calado de 11 para 14 metros e poder colocar navio aqui, com maior potencial de carga, para ajudar a região.

Bom, eu, sinceramente, não acreditava que fosse possível a gente recuperar este porto com a rapidez que ele foi recuperado. Não acreditava. E eu quero debitar isso, Ministro, à competência dos trabalhadores, à sua disposição e à disposição dos empresários, porque aqui se chegou a trabalhar em três turnos, sem parar, 24 horas por dia, para que nós pudéssemos chegar à situação que nós estamos hoje. E eu espero que a gente possa fazer o mesmo, para que a gente possa concluir a segunda parte do porto e entregá-lo definitivamente ao povo de Itajaí e começar a dragagem, para que este porto



se transforme ainda em um porto mais importante do que ele já é, para Santa Catarina e para o Brasil.

Mas é importante, também, a gente dizer que não foi, não foi fácil chegar aonde nós chegamos. Não tem coisa pior em política do que a falta, às vezes, de sinceridade, de companheirismo, a falta de lealdade. A gente tem política por mandato, a política passa e a gente continua vivendo, e o que a gente leva, na verdade, é a amizade que a gente construiu, é o direito de poder cumprimentar na rua as pessoas, de falar bom dia, falar boa tarde, chamar de companheiros. E nós fizemos, nós fizemos, nos últimos dois anos, mais de R\$ 5 bilhões, que não estavam previstos no orçamento, para cuidar das intempéries.

É verdade que tinha enchente aqui, no Vale do Itajaí, é verdade que tinha seca no Chapecó, é verdade que tinha seca no Rio Grande do Sul, é verdade que tinha excesso de água no Maranhão, é verdade que tinha chuva demais na Bahia, é verdade que tinha seca demais em outros estados, e a última, agora, é a enchente de uma coisa que não estava nem na previsão dos meteorologistas, que foi aquela enchente que pegou o estado de Pernambuco e o estado de Alagoas, que era uma chuva prevista para cair em alto-mar e, de repente, por conta das intempéries e, possivelmente, por conta da irresponsabilidade do ser humano no trato do seu planeta – porque a gente pensa que isso aqui nunca vai acabar, e cada um acha que pode fazer o que bem entende – a chuva, que era para cair em alto-mar, caiu no sertão, arrasando com praticamente 20 cidades, nos dois estados, e que a gente vai ter que reconstruir agora mais de 80 escolas, vai ter que reconstruir mais de 30 mil casas que as pessoas perderam, e tudo isso é dinheiro que não estava previsto no orçamento e que você precisa priorizar esse dinheiro.

Aqui, no estado de Santa Catarina, as pessoas não sabem, mas eu leio muito as coisas e me informo muito. Aqui, hoje e essa semana, tentaram criticar que eu vinha inaugurar uma obra inacabada. Na verdade, na verdade,



nós estamos inaugurando... Eu sei, eu sei que nós estamos vivendo um ano de política, e ano de política é sempre um ano diferenciado, é sempre um ano em que aparecem todas as denúncias do mundo, é sempre um ano que termina as eleições, as denúncias acabam, ou seja, é sempre um ano complicado. Eu vivi isso há muito tempo, porque, todo mundo sabe, eu já fui candidato muitas vezes, já perdi três eleições diretas. Então... Mas eu aprendi a não fazer disso um motivo nem de ódio e nem de dizer inverdades.

A verdade que eu poderia dizer para vocês, e falo sem medo de errar, falo aqui se tiver intelectuais, historiadores, falo aqui para a imprensa, falo aqui para os trabalhadores e falo para os políticos: eu duvido que, na história deste país, teve um presidente que tratou Santa Catarina como eu tratei.

Eu nunca, eu nunca me preocupei, eu nunca me preocupei se o prefeito era do PP, se o prefeito era do PSDB, se o prefeito era do PT, do PMDB, do PTB, do PDT, do PSC, do PRP, do PCdoB... Eu nunca perguntei! Eu duvido que o prefeito desta cidade, que era do PT, possa dizer que eu tratei ele melhor do que eu trato o prefeito que não é do PT, que ganhou as eleições aqui. Eu duvido! Porque eu aprendi a ser republicano, e quando a gente é republicano, a gente não quer saber qual é o time que a pessoa torce, a gente não quer saber qual é a religião da pessoa; a gente quer saber se a pessoa tem uma função pública e, se ela faz um pleito, aquela função pública, aquele presidente tem que atender. É assim, é assim que eu trato. E pode perguntar, pode ir ao Rio Grande do Sul. Para não ir muito longe, pode ir a São Paulo, onde o principal adversário político meu é de São Paulo, e veja se quando eles tinham um presidente da República, ele foi tratado com respeito e com a decência que eu dou a ele, e dei a eles até agora. Porque é assim que eu sou. É assim que eu sou e a gente não muda depois de velho. Foi assim que eu aprendi com a minha mãe, é assim que eu aprendi na minha vida política. E como aos 65 anos a gente não tem mais tempo de mudar, eu tendo a morrer sendo assim do jeito que eu sou, mas sem perder nunca o direito de olhar na cara das pessoas.



No dia em que eu não puder olhar na cara de um homem e de uma mulher, eu, na verdade, é melhor deixar de fazer política porque eu perdi o respeito por mim mesmo. Por que eu estou dizendo isso? Eu estou dizendo isso porque, vira e mexe, eu recebo jornais aqui do estado, recebo colunas, e vira e mexe eu vejo um engraçadinho dizer que não veio para cá o dinheiro que nós colocamos para a emergência. De vez em quando eu vejo... E não é verdadeiro, não é falso, não é justo comigo isso, e não é justo com o governo isso. Não é justo pela relação que é assim porque tem que ser assim. Pergunte para qualquer cidade deste país, para qualquer governador.

Veja, aqui, agora começaram a dizer: “Não, porque o dinheiro das enchentes de Santa Catarina foi para a Bahia”. Não é correto com o governo federal, não é correto com a relação republicana que eu estabeleci com Santa Catarina, não é correto com a relação que eu mantenho com os prefeitos, independentemente de partido, que eu mantive com os senadores, que eu mantive com os deputados, sem querer saber de que partido. O que eu sabia era que este estado precisava de ajuda. E se este estado precisava de ajuda, o governo federal fez. E eu queria saber se tem algum historiador aqui, se tem algum jornalista, daqueles que menos gostam do meu governo, para fazer um levantamento e saber se em alguma enchente da história de Santa Catarina o governo federal agiu com a rapidez que eu agi aqui em Santa Catarina.

Eu sei que lamentavelmente Freud dizia *“que tem algumas coisas que o ser humano não consegue controlar”*, uma delas são as intempéries. A gente não consegue controlar. A gente está aqui inaugurando uma obra bonitinha, nova, mas vai que daqui acontece uma mudança, como aconteceu o tsunami, ou como muitas vezes aconteceu outras vezes, e destrói? Veja quantas vezes o Japão se prepara para evitar o terremoto e quando vem o terremoto... Veja quantas vezes os Estados Unidos se prepararam. Então, Freud dizia: *“as intempéries são incontroláveis: dependem do tamanho, da força e da velocidade.”* Outra coisa que ele dizia que a gente não podia controlar nunca



era a questão da velhice. A velhice derruba tudo. Não vou dizer o que derruba porque todo mundo aqui sabe. E a outra coisa que ele dizia, a outra coisa que ele dizia era a relação humana. A relação humana é uma coisa muito complicada. A gente nasce, convive com a pessoa, morre e a gente não consegue saber o que tem na cabeça da pessoa. Às vezes, você pensa que a pessoa é inimiga e a pessoa é amiga, vem você e pensa que a pessoa é amiga. E para a gente ver isso não tem nada melhor do que um divórcio litigioso. Eu não sou advogado, mas eu conheço muita história de advogado que vai para a Justiça tratar de divórcio... Casais que até outro dia ficavam “meu amor daqui, meu amor de lá”, ou seja, quando chega na hora do divórcio é ódio esparramado para tudo quanto é lado. E isso vale para a política, isso vale para tudo na vida. Isso vale para tudo.

Vocês estão lembrados daquele juiz, o Lalau? Quem denunciou ele não foi nenhum estranho, não foi nenhum estranho, foi um genro. Porque genro é aquele cara que a gente não conhece, que chega de bermuda na casa da gente [dia] de domingo, deita no sofá da gente, vai à geladeira e pega a cerveja gelada da gente, ainda torce contra o time da gente e ainda leva a filha da gente. É isso. Então, essas coisas a gente não consegue resolver com muita facilidade. E na política, a política seria mais fácil se a gente fosse honesto uns com os outros. Eu tenho certeza de uma coisa, eu tenho certeza de uma coisa: Santa Catarina, a Bahia, Pernambuco, Alagoas, o Rio Grande do Sul, não teve um estado que sofreu problema de intempéries que nós não colocássemos como prioridade. Um único estado, independentemente de que região do país ele era, porque nós tínhamos que cuidar de todos com carinho. E quem está sem casa não pode esperar.

Veja, historicamente, companheiros, historicamente essa enchente da Bahia, de Alagoas e de Pernambuco poderia ter sido evitada se ao longo da história se tivesse construído três barragens entre o percurso Recife/Alagoas. Mas custava R\$ 600 milhões, então se achava que era muito caro, não se fez.



Sabe quanto vai custar para recuperar o que foi perdido? Dois bilhões de reais. Então, por conta de não investir R\$ 600 milhões, alguns anos atrás, você, hoje, vai ter que gastar R\$ 2 bilhões para recuperar. E assim é que trabalha o governo federal, assim é que deve trabalhar o governo estadual, assim é que devem trabalhar os prefeitos, assim é que deve trabalhar para gente fazer deste país uma grande nação. Este país não pode mais viver na base da mediocridade, porque quando um governador, um presidente da República e um prefeito agem de forma mesquinha, um criticando o outro, ou um mentindo sobre o outro, quem toma prejuízo é o povo. Não é nem o presidente, nem o governador e nem o prefeito. Por isso eu estou feliz. Se alguém escreveu alguma notinha que eu vinha inaugurar uma obra inacabada, guarda um trechinho para daqui a dois meses dizer: “O Presidente veio inaugurar a obra toda”. E é isso que o povo de Itajaí espera, é isso que o Brasil espera.

Um abraço, gente, e boa sorte!

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do livro "No Planalto, com a Imprensa"**

Palácio do Planalto, 14 de setembro de 2010

Meu caro amigo e companheiro José Sarney, presidente do Senado Federal,

Meus companheiros ministros Franklin Martins, de Comunicação Social; Fernando Haddad, da Educação; Celso Amorim, das Relações Exteriores; Juca Ferreira, da Cultura; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; companheiro Jorge Armando Felix, do gabinete de Segurança Institucional; companheiro Padilha, de Relações Institucionais; e companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, de Assuntos Estratégicos,

Meu querido companheiro André Singer, por meio de quem cumprimento os porta-vozes e secretários de imprensa aqui presentes,

Meu companheiro Fernando Lyra, que certamente não se lembra da primeira vez em que nos encontramos, na cidade de Quipapá, junto com Marcos Freire, Jarbas Vasconcelos e Cristina Tavares, para fazer a nossa peregrinação política. Embora eles não soubessem, eu já estava me preparando para chegar à Presidência da República.

Nosso querido companheiro Presidente da Fundação Joaquim Nabuco e editor do livro "No Palácio [Planalto], com a Imprensa",

Companheiros da imprensa,

Companheiros convidados,

Eu sinto uma profunda alegria ao participar do lançamento desse livro, que registra a memória dos secretários de imprensa e dos porta-vozes da Presidência da República. Todos nós sabemos que, sem o árduo trabalho desses profissionais, dificilmente a sociedade seria devidamente informada



sobre o cotidiano dos governos. Sem eles, não haveria como garantir um fluxo de informações sobre como se tomam as decisões mais importantes para um país. Trata-se, portanto, de uma atividade fundamental em um regime democrático, e que merece ser tratada de forma institucional e transparente.

Nesse sentido, acredito que a edição deste livro em muito contribuirá para que jornalistas, estudiosos e todos os cidadãos que se interessam pela história brasileira nos últimos 50 anos possam conhecer e compreender um pouco melhor o cotidiano da Presidência da República e de sua relação com a imprensa.

Estou certo também de que, em parte, este trabalho poderá servir como uma prestação de contas de nosso próprio governo e da forma como nos relacionamos com os jornalistas. Uma relação pautada pela garantia da independência e da liberdade de imprensa, princípios que sempre fizemos questão de seguir e defender em todas as ocasiões.

A existência de uma imprensa livre e independente, afinal, é um pré-requisito para a existência de uma nação livre e independente. E um país como o nosso, com suas instituições cada vez mais sólidas, não pode prescindir dela.

Meus amigos e minhas amigas,

Com este livro, estamos difundindo melhor o funcionamento da Secretaria de Imprensa. Estamos também registrando as profundas transformações que ocorrem na própria imprensa e que vêm se acelerando nos últimos anos. Durante esse período, ficou cada vez mais claro para todos nós que não existe apenas uma imprensa no Brasil, mas, sim, várias imprensas, cada qual com suas práticas, necessidades e públicos específicos.

Além dos grandes jornais e redes de televisão e rádio, que normalmente já contam com profissionais trabalhando no Comitê de Imprensa do Planalto, é preciso ir além. Devemos atender também à imprensa das capitais de fora do eixo Rio-São Paulo, às emissoras de jornais das cidades do interior, à imprensa popular, à chamada imprensa alternativa, aos portais e aos blogs e à



imprensa internacional.

Para tratarmos toda essa diversidade com espírito republicano, mudamos a estrutura de nossa Secretaria de Comunicação, com a organização de setores específicos. Criamos, por exemplo, o Blog do Presidente [Blog do Planalto] e a coluna “O Presidente Responde”. E eu já concedi, por exemplo, mais de 930 entrevistas nesses oito anos, cerca de 800 delas pessoalmente e 130 por escrito.

Muitas dessas mudanças, sem dúvida, foram aceleradas para nos adaptarmos às novas tecnologias de comunicação. Desde a segunda metade dos anos 90, como se sabe, a internet já havia se tornado uma importante fonte de informação para a sociedade, mas sua real disseminação se deu apenas a partir do início do século XXI. A última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, a PNAD, mostrou que, em 2009, quase 68 milhões de brasileiros acessavam a internet – o dobro do que ocorria há cinco anos – e que mais de 1/4 de todos os domicílios do nosso país já contava com computadores ligados à rede.

A revolução digital nas comunicações está apenas começando, uma vez que o acesso à internet deve crescer, e muito, nos próximos anos, mas seus resultados já são bem visíveis. É impossível, hoje, pensar em jornalismo sem levar em conta os milhares de portais, *blogs* e redes sociais, sem prestar atenção aos novos veículos que, ligados ou não aos tradicionais órgãos de imprensa, estão modificando a forma de se fazer jornalismo. A internet, hoje, permite não apenas transmitir notícias em tempo real, ela propicia também a ampla manifestação dos eleitores, o confronto de informações e a exposição dos diversos ângulos de uma mesma notícia. Mais do que isso, ela tem um caráter essencialmente democrático, ao possibilitar que um número cada vez maior de cidadãos e cidadãs possa participar dos processos de comunicação.

Meus amigos e minhas amigas,

Um pouco dessa experiência está registrada neste livro que está sendo



lançado hoje. Ela pode, talvez, ser aproveitada por um governante futuro. Da mesma forma, é possível que outras práticas de comunicação mais adequadas a um momento histórico diferente deste em que vivemos hoje venham a ser utilizadas pelos próximos ocupantes do Palácio do Planalto. O que esta obra registra é o que vivemos e aprendemos, e também o muito que foi feito antes de nós. Cumprimos, acima de tudo, o dever republicano de tornar o exercício da Presidência cada vez mais transparente e de deixar aos jornalistas, aos estudiosos e ao conjunto da sociedade informações valiosas para a compreensão da nossa história e de nossa jovem e sólida democracia.

Quero, portanto, agradecer aos organizadores deste livro: André Singer, Mário Hélio Gomes, Carlos Villanova e Jorge Duarte. O competente e minucioso trabalho que vocês realizaram preencheu uma importante lacuna na história de nossas instituições. Esse agradecimento é extensivo à Fundação Joaquim Nabuco, que editou esta obra.

Aproveito também para transmitir o meu abraço a todos os jornalistas e ex-secretários de imprensa que vieram participar desta solenidade. Seja assessorando o governo, seja cobrindo o Palácio do Planalto, vocês sempre tiveram uma missão que vai muito além de defender, cobrar ou criticar o governo: a missão de informar e traduzir para a sociedade o funcionamento do núcleo de nossas decisões políticas e, com isso, possibilitar o debate que enriquece e dá vida à democracia.

Eu queria aqui, meu querido André Singer, quebrar o protocolo.

Primeiro, uma inveja danada, porque tem 17 porta-vozes e apenas dois presidentes, um ex. Significa que vocês vivem mais do que nós. Isso significa que, na próxima encarnação, Sarney, nós precisaremos escolher a profissão de porta-vozes, e eles, a de presidente da República. A segunda é que vocês foram porta-vozes e secretários de imprensa no momento em que a internet não tinha o peso que tem, o computador não tinha o valor que tem e o tal do Twitter não existia. Porque, se vocês tivessem um presidente da República



que, ao invés de conversar com os seus porta-vozes, resolvesse “twitter”, aí nenhum porta-voz duraria mais que 30 minutos no poder.

Eu acho que este livro, meu companheiro André, meu companheiro Fernando Lyra, era uma necessidade. Era uma necessidade para que todos nós, brasileiros, tivéssemos algumas informações que nos faltavam. Independentemente do perfil ideológico do presidente da República, ele era presidente da República, ele tinha que tomar decisões, o Congresso Nacional existia, as instituições existiam, se cometiam erros ou acertos tentando acertar, e ninguém mais do que vocês vivia esse cotidiano. Porque também o porta-voz, às vezes, ele funciona como se fosse Deus. Às vezes, o Presidente pensa que não precisa, somente quando precisa criar aquele ministério que o Chico Buarque falou, aquele ministério “do que vai dar”, sabe, aí a gente é obrigado a chamar o porta-voz para ele falar por nós, para evitar que os presidentes tropecem no cadarço.

Então, eu acho que este livro, possivelmente, possivelmente a gente tenha, daqui para frente, uma geração de presidentes que vai saber escolher melhor os seus porta-vozes, vai saber escolher melhor os seus secretários de imprensa e, possivelmente, os próprios secretários, tendo o acúmulo de experiência que vocês tiveram, publicada neste livro, possam acertar mais e errar menos do que a nossa geração acertou e errou.

Um abraço e parabéns, companheiro André Singer.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de divulgação de editais para contratação de obras de conservação, recuperação, manutenção e pavimentação das rodovias BRs 153, 158, 163, 222, 308, 316 e 230 e de assinatura de ordem de reinício de obras da BR-230, no estado do Pará

Belém-PA, 16 de setembro de 2010

Eu estava... Demorei para chegar no microfone porque estava ligando para Brasília para saber se vai sobrar algum dinheiro para fazer outra estrada em outro estado da Federação, porque a quantidade de quilômetros e de dinheiro anunciado aqui, haja trabalho, hein? Haja máquina para mexer essas estradas.

Bem, eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro Paulo Sérgio Passos, ministro dos Transportes,

O companheiro Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República, e o Padilha. Lembrando a vocês que o Dulci já morou dois anos aqui porque foi professor aqui, e que o Padilha, como médico de doenças tropicais, tinha que escolher entre o Acre, Santarém... Quando ele viu a praia do Tapajós, ele preferiu ficar em Santarém e ficou aqui, acho que... Quantos anos? Cinco anos trabalhando com medicina tropical.

Quero cumprimentar o companheiro Duciomar Gomes da Costa, prefeito de Belém,

Quero cumprimentar a nossa querida Maria do Carmo Lima, prefeita de Santarém,

Quero cumprimentar o Geraldo Francisco de Moraes, do Brejo Grande do Araguaia,

Quero cumprimentar o Geraldo Irineu Pastana, de Belterra,

Quero cumprimentar o Helder Barbalho, de Ananindeua,



Quero cumprimentar o Jaime Modesto da Silva, de São Domingos do Araguaia,

Quero cumprimentar a Maria da Glória Silveira Silva, de Tracuateua,

Quero cumprimentar a Marlene Corrêa Martins, de São João do Araguaia,

Quero cumprimentar o Maurino Magalhães de Lima, de Marabá,

Quero cumprimentar o Sidney Moreira de Souza, de Bom Jesus do Tocantins,

Quero cumprimentar o Iran Lima, de Moju,

Cristiano Vale, do Viseu,

Quero cumprimentar o companheiro João Bosco Lobo, secretário estadual de Transportes, por meio de quem cumprimento os demais representantes do governo do Pará aqui presentes,

Quero cumprimentar o companheiro Abidias José de Sousa, presidente do Banco da Amazônia,

Quero cumprimentar a nossa querida Juliana Carepa, representando a nossa governadora Ana Júlia,

Quero cumprimentar os deputados aqui presentes, que eu não posso citar o nome porque a lei não permite,

Quero cumprimentar os empresários,

Quero cumprimentar os dirigentes sindicais,

Quero cumprimentar a imprensa,

E dizer para vocês o seguinte. Em um ano eleitoral, normalmente, no Brasil, quem é representante do Poder Executivo fica um pouco quase que amarrado e amordaçado, porque a partir do mês de junho você não pode fazer convênio com nenhuma cidade, você não pode fazer convênio com nenhum estado, você fica um pouco, um pouco paralisado de fazer qualquer coisa nova. Eu tomei a decisão de não permitir que o processo eleitoral parasse o trabalho



do governo federal. Uma coisa são as pessoas que estão disputando eleições, o que é justo e legítimo, do ponto de vista democrático, e outra coisa é a atuação do prefeito, a atuação do governador e a atuação do Presidente da República, que as coisas precisam acontecer. Porque se a gente paralisa nossa administração seis meses antes de cada eleição, como nós temos duas eleições – uma para prefeito daqui a dois anos e outra majoritária –, você perde um ano num mandato de quatro [anos]. Como você já perde o primeiro ano porque você toma posse com o orçamento do administrador anterior, e um ano é perdido – as obras já estavam contratadas –, você tem dois anos. Essa é a pura verdade: no Brasil nós temos dois anos úteis em que você tem 365 dias por ano para você trabalhar. Os outros dois anos você é truncado no meio [por] seis meses.

Então, eu tomei como decisão não permitir que houvesse qualquer truncamento no processo administrativo do governo federal. Nós temos muitas coisas contratadas. Se a gente não aproveita um momento como hoje e vem aqui para lançar os editais que vão mexer com quase dois mil quilômetros de estrada, isso atrasa três meses para frente, quatro meses para frente, cinco meses para frente. Em vez de você estar inaugurando uma coisa daqui a um ano, você vai estar inaugurando daqui a dois anos.

Ontem, por exemplo, eu estava acertando com o Paulo Sérgio, eu vou visitar a Ferronorte, ou melhor, a Ferrovia Norte-Sul. E nós estamos inaugurando, antes de terminar o meu mandato, praticamente 1.500 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul contra 215 feitos em 17 anos de governos passados. E aí nós descobrimos que tinha um trecho que estava atrasado, mas que vai ser entregue até dezembro ainda. E aí nós descobrimos que esse trecho ficou paralisado um ano. Alguém no Tribunal de Contas da União levantou suspeita de que tinha sobrepreço, exigiu que a Valec retivesse 10% do valor do pagamento, a empresa não concordou, entrou na Justiça, demorou um ano para a Justiça decidir, e agora eu não sei de quem cobrar o prejuízo de



um ano que a nação brasileira perdeu com essa paralisia. Eu, sinceramente, não sei de quem cobrar. As pessoas se acham no direito de poder paralisar. E por que eu estou fazendo isso? Exatamente para ver se a gente não perde tempo.

Eu estou em um estado em que, para a gente decidir fazer uma hidrelétrica, demorou-se 30 anos. Tem engenheiro que se formou, se aposentou e não conseguiu sequer ver o projeto básico aprovado. Por quê? Porque, muitas vezes, nós trabalhamos com coisas que não são reais. Nós temos clareza de uma coisa que disse a companheira Maria do Carmo. O nosso lema não é proibir de fazer as coisas, mas permitir que você faça as coisas bem feitas, permitir que as pessoas possam ganhar, que a construção de uma obra não seja um entrave para quem mora por onde a obra vai passar, mas que seja um benefício para aquelas pessoas que ali moram; que uma hidrelétrica não seja um prejuízo para as pessoas que moram lá, mas que seja uma possibilidade de melhoria de vida das pessoas que estavam lá. É por isso que no projeto de Belo Monte tem R\$ 5 bilhões no projeto para cuidar das questões ambientais e para cuidar das questões sociais, porque a gente não pode permitir que uma mentira atrás de outra vá desmontando uma obra que é necessária ao país.

Eu lembro que, quando nós fomos a Altamira, eu contei uma história sobre Itaipu. Quando foi fazer Itaipu, primeiro os argentinos inventaram que era para inundar Buenos Aires, aí nos ameaçaram com a bomba atômica. Isso, na época do regime militar, então você imagina a confusão que deu. Depois, os contra Itaipu disseram que aquilo ia mexer com o eixo da Terra. Se vocês puderem entrar no Google e pegar o que se dizia na época, vocês vão ver as maiores aberrações. Depois diziam que ia haver uma mudança de clima, que ninguém controlava mais. Depois diziam que a água ia vazar toda porque não era possível suportar um peso tanto de água numa represa. E foram contando coisas, e isso, cada coisa que contava era briga na Justiça, era briga no



Ministério Público, ou seja, as coisas não andavam.

Como é que a gente vai fazer este país andar? A culpa não é de ninguém, a culpa não é de ninguém, a culpa é de todos nós. Individualmente ninguém tem culpa, individualmente a Justiça está certa, individualmente o Tribunal de Contas está certo, individualmente o empresário está certo, individualmente o ministério está certo, o DNIT está certo. Cada um tenta fazer as coisas de acordo como interpreta a lei que nós fizemos e que dá margem a que cada um faça da lei a sua interpretação. Nós não somos conclusivos nas nossas leis. Nós somos ambíguos e permitimos que cada um entenda uma mesma lei de 80 vezes... de 80 formas diferentes. É como se fosse a Bíblia, é como se fosse a Bíblia, a gente vai criando dificuldade para nós mesmos. E isso é que nós estamos tentando mudar no Brasil nesse momento.

Quando eu chego aqui e ouço o Presidente do Basa falar que nós saímos de R\$ 3 bilhões num período passado para R\$ 13 bilhões agora, explica um pouco o desenvolvimento do país. Quando a gente olha os dados do Ministério da Fazenda e a gente percebe que a gente saiu de R\$ 380 bilhões de crédito para 190 milhões de brasileiros, em 2003, para 1 trilhão e 600 bilhões, em 2010, explica o desenvolvimento do país. Quando a gente pega o BNB, que em 2002 emprestou apenas R\$ 262 milhões e que este ano agora vai emprestar mais de R\$ 20 bilhões, a gente começa a perceber o desenvolvimento do país. Quando a gente pega a Caixa Econômica Federal, que dinheiro do Fundo de Garantia, em 2003, ela tinha R\$ 5 bilhões para investir, e este ano vai investir R\$ 70 bilhões, a gente compreende o desenvolvimento. Quando a gente percebe que o Banco do Brasil sozinho, hoje, tem a quantidade de crédito que o Brasil inteiro tinha oito anos atrás, a gente compreende o desenvolvimento do Brasil e a gente compreende porque as coisas estão funcionando.

Mas o Paulo Sérgio deveria dizer aqui, não apenas tentar agradar os paraenses e dizer quantos quilômetros de terra ele vai fazer aqui. É que nós



estamos gastando por mês, hoje, o que se gastava por ano na área de transporte; ele está pagando hoje. Não é contratando, não, é pagando 1,2 bilhão, 1,3 bilhão por mês, quando, na verdade, a gente contratava isso por ano e não pagava, e os empresários também não faziam; era um brinca, brinca de engana. O governo fingia que contratava, os empresários fingiam que faziam, e ninguém fazia nada porque o governo não tinha dinheiro, os empresários não podiam trabalhar de graça, e ficavam as máquinas paradas, enferrujando, até que chegavam, tiravam as máquinas e levavam para outro lugar, e era assim o país. Porque nós ficamos 25 anos atrofiados em investimentos em infraestrutura, 25 anos em que este país se deu ao luxo de não ter dinheiro para fazer investimento em infraestrutura.

Eu digo sempre, que é para memorizar a cabeça das pessoas. O último período de investimento neste país foi no governo Geisel, que, por conta do investimento e ter que tomar dólar emprestado, barato, e depois o chefe do Banco Central americano, Paul Volcker, para resolver o problema da dívida americana, aumentou o juro contratado de 3 para 21%, a gente entrou em uma dívida que a gente não conseguiu mais sair. Aí tivemos as chamadas “duas décadas perdidas”, em que a gente não tinha... O que fazia o ministro da Fazenda, no Brasil? Juntava dinheiro para poder pagar as nossas importações, juntava dinheiro para poder resolver o problema de conta... de crédito de conta corrente, juntava dinheiro para pagar a dívida do FMI. Vocês percebem que nós nos livramos de tudo isso. Ontem eu estive com a Vale do Rio Doce. Somente os investimentos da Vale do Rio Doce para os próximos períodos chegam a R\$ 27 bilhões. Somente a Petrobras, serão 224 bilhões. Tudo isso tem que acontecer entre 2015 e 2020.

Então, este país, este país que o Paulo Sérgio veio aqui anunciar as obras, que o Secretário de Transportes veio falar das obras, que o nosso Presidente do Basa falou, é um país em construção, é um país em um processo de evolução que não pode parar, que não pode acreditar mais em



coisas fáceis, que tem que acreditar que o maior valor – e um valor incomensurável que nós conquistamos nesse período – é a recuperação da autoestima e a recuperação do Estado brasileiro de fazer investimentos neste país, porque o Estado, o Estado... Durante muitos anos, nós fomos induzidos a acreditar que o Estado não podia fazer nada. Até a Eletrobrás não podia participar de licitação de nenhuma hidrelétrica, e Belo Monte só saiu porque nós dissemos aos empresários: “Se vocês acharem que não vão fazer, o governo vai fazer Belo Monte”.

Agora, na crise econômica, a crise criada pela especulação imobiliária nos Estados Unidos, que ainda não resolveu, qual foi o último país a entrar na crise e o primeiro a sair da crise? Foi o Brasil, exatamente porque a gente tinha feito a lição de casa, porque a gente estava preparado, porque a gente tinha juntado os cacos e reordenado este país. Então, eu queria dizer para vocês, companheiros do Pará, trabalhadores, empresários, dirigentes, prefeitos, deputados, secretários, que o Brasil está vivendo um momento que não tem volta, não existe possibilidade de ter retrocesso neste país.

Eu poderia contar uma pequena história para vocês. Três meses atrás, numa reunião... Porque a cada 45 dias eu me reúno com os ministros da infraestrutura para saber o que está acontecendo. É uma espécie de Toyotismo: a gente coloca todo mundo envolvido naquela área, em volta de uma mesa, para saber se é o Iphan, para saber se é o Ibama, para saber se é o Meio Ambiente, para saber se é a Fazenda, para saber se é o Planejamento, para saber quem é, que diabo está atrapalhando a coisa para não sair. E o que nós descobrimos? Nós descobrimos que a empresa que tinha a responsabilidade de fazer a eclusa tinha tirado funcionário da eclusa para fazer as hidrelétricas do rio Madeira. Porque era para inaugurar a eclusa este mês. Fomos obrigados a chamar o empresário e dizer para ele: “Olha, você pode voltar, vai receber a multa que merece, mas nós queremos inaugurar a eclusa”. Agora, parece que vai ficar para outubro, mas isso está se arrastando há



quantos anos? Há quantos anos está se arrastando essa coisa?

E assim vale para quase todas as obras. Tem sempre alguém para meter o dedo e tentar não permitir que as coisas andem. E nós, e nós não brincamos nessas coisas, porque, se tem uma coisa que eu aprendi... Eu tinha medo do segundo mandato, e foi o segundo mandato que me permitiu criar o PAC, e foi o segundo mandato que permitiu a gente, hoje, olhar para a cara de qualquer empresário da construção civil e dizer para ele: “Nunca antes, na história do Brasil, vocês tiveram tanto trabalho, ganharam tanto dinheiro, geraram tanto emprego e pagaram tanto salário”. E não sou eu que tenho que dizer, são eles que têm que dizer. Se for discutir “nunca antes, na história do Brasil”, você passa o dia falando.

Mas, veja uma coisa, veja uma coisa (incompreensível): somente na hidrelétrica de Belo Monte serão investidos, neste estado, nos próximos cinco anos, R\$ 19 bilhões. Alguém tem noção do que significam R\$ 19 bilhões investidos num estado? O que pode gerar de emprego, o que pode gerar de salário, o que pode gerar de riqueza, o que pode gerar de desenvolvimento? O que vem atrás de um investimento desses? Eu fui começar a terraplanagem, porque a minha briga com a Vale do Rio Doce é que ela tinha que fazer uma siderúrgica aqui no estado do Pará. Todo mundo sabe que essa briga ficou pública e notória, foi para a imprensa, porque o Pará não pode se conformar em ser eterno explorador de minério de ferro. É muito importante exportar minério, mas nós queremos exportar valor agregado. Ou seja, entre exportar uma tonelada de minério de ferro e exportar um chip, vamos tentar fazer investimentos na Educação para a gente exportar um chip, e a gente ganhar muito mais dinheiro e ganhar muito mais geração de desenvolvimento para o nosso país.

A gente poderia pegar os investimentos na Educação. Eu não vou fazer comparação com outros governos porque eu sei que ninguém nunca investiu o tanto que nós investimos em Educação. É até uma vergonha, é até uma



vergonha para quem governou este país antes de mim, permitir que exatamente um metalúrgico, que não tem diploma universitário, ser o Presidente que mais fez universidades no país e que mais fez escolas técnicas. É uma...

Então, companheiros, eu quero dizer, Paulinho, que foi muito bom vir fazer esta agenda aqui. Você veja que só num programa do ProUni, aqui, nós temos 11.328 estudantes fazendo o ProUni. Tem uma universidade nova, tem novos quatro campi: Paragominas, Capitão Poço, Parauapebas e Tucuruí, que está começando agora; tem cinco novos campi de ensino técnico: Abaetetuba, Bragança, Conceição do Araguaia, Santarém e a Escola Técnica Agrícola de Marabá, já está com 2.700 alunos no ano de 2010. E nós temos que fazer mais investimentos, os prefeitos precisam cobrar mais investimento em Educação, porque, antigamente, nem os prefeitos pediam e nem o governo federal fazia. Agora, é importante que cada vez que estiver um ministro na cidade de vocês, façam uma placa lá pedindo uma escola técnica, uma, uma... Que é a garantia que a gente tem do desenvolvimento deste país. A garantia que a gente tem é a gente recuperar o atraso do investimento na Educação.

Então, eu quero dizer para vocês da minha alegria, da minha alegria, dizer que valeu a pena acreditar no Basa, valeu a pena acreditar no BNB, valeu a pena acreditar no Banco do Brasil, valeu a pena acreditar na Caixa Econômica Federal, valeu a pena a gente sair de US\$ 39 bilhões do BNDES... R\$ 39 bilhões para R\$ 150 bilhões, valeu a pena. E eu acho que isso vai permitir que quem vier depois de nós tenha muito mais facilidade para governar este país. Vai ter muito mais, muito mais facilidade de governar este país porque o caminho está (incompreensível).

Eu lembro que eu vim, em [19]89, aqui fazer campanha, eu era candidato em [19]89... bom, eu fui candidato muitas vezes, essa é a vantagem de a gente ser velho. Eu vim aqui fazer campanha, eu lembro que uns companheiros me pegaram e queriam que eu fosse num tal de marco zero, lá



em Santarém, assumir o compromisso de que eu ia fazer a Santarém-Cuiabá. Não, não, a Santarém. Eu fui a Santarém e o pessoal queria que eu fosse assumir o compromisso de fazer a Cuiabá-Santarém. Era o marco zero, era uma coisa que tinha lá, era uma roda que tinha em Santarém. Não me digam que não foi lá, porque foi lá que eu estava. E eu falei, eu falei: eu não vou assumir compromisso porque eu não conheço o projeto, eu não sei se tem dinheiro, eu não sei se vou ganhar a eleição e eu não tenho cara para ficar prometendo o que eu não sei se posso fazer. Nem para a Marisa, que eu estou casado há 36 anos, eu faço falsa promessa, por que eu vou fazer para alguém que eu não conheço? Você só tem que prometer aquilo que você vai cumprir mesmo, senão nem a mulher acredita em você. Então, parem de blasfemar.

Então, eu lembro que eu disse que não ia fazer, que não ia discutir. Bom, somos nós que estamos fazendo ela, e não acabamos, não acabamos essa estrada por causa do perfeccionismo do projeto. Quando parecia que tudo estava pronto, depois de envolver 17 ministros, depois de envolver 17 ministros na construção, nós descobrimos que o projeto era velho, que estava superado e que era preciso fazer um projeto novo. E aí fizemos, fizemos direitinho, nós temos que reparar qual é o cantinho do índio, qual é o cantinho do quilombola, para que a gente não faça como antigamente, que a gente atropelava os mais humildes e eles saíam do seu lugar, vinham ocupar a periferia das grandes cidades e virava uma coisa desastrosa: as pessoas morando em lugares inadequados, que encham d'água, que cai barranco e que as pessoas morrem. Então, nós não queremos mais isso, nós não queremos mais isso, não é correto fazer isso, tem espaço para todo mundo, e se a gente vai fazer uma hidrelétrica para servir energia para uma grande empresa, a gente tem que saber que tem alguém que vive do peixe e precisamos cuidar do peixe para aquela pessoa; tem alguém que vive da agricultura, temos que cuidar da agricultura para aquela pessoa. E tudo isso é possível fazer porque nós temos o domínio tecnológico e temos vontade para fazer.



Por isso, companheiros e companheiras, muito obrigado por esta tarde. Eu não vou falar de quilometragem de estrada aqui, porque vocês já estão gastando muita gasolina com os números ditos aqui pelo Paulo Sérgio e pelo nosso secretário de Transportes.

Parabéns e um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração das novas instalações da UFJF**

Juiz de Fora-MG, 17 de setembro de 2010

Eu queria, em primeiro lugar, cumprimentar o meu companheiro ministro Fernando Haddad e, cumprimentando ele, cumprimentar as demais autoridades do meu governo, da cidade e do estado.

Quero cumprimentar os magníficos reitores Henrique Duque Filho, da Universidade Federal de Juiz de Fora; o Antônio Nazareno Mendes, da Universidade Federal de Lavras; e Luiz Carlos [Cláudio] Costa, da Universidade Federal de Viçosa,

Quero cumprimentar a nossa querida Fabíola, que falou aqui, em nome dos estudantes,

E quero cumprimentar a nossa querida Vanessa dos Santos, por meio de quem eu quero saudar os demais integrantes do Grupo Afrolata e do Instituto Cidade, vinculada ao Programa Segundo Tempo, que estão aqui as nossas crianças.

Eu, na verdade, nem deveria falar, porque daqui a pouco eu vou ter que falar outra vez, mas eu queria cumprimentar o Conselho da Universidade, que estão aqui, me olhando e analisando quantos erros de português eu vou cometer no meu discurso.

E queria dizer para vocês... Se puder tirar esse púlpito, aqui, que é muito bom. Eu queria dizer que seria muito importante que a gente acompanhasse com bastante atenção o que está acontecendo no nosso país. E quando eu digo prestar atenção sobre o que está acontecendo no nosso país é porque o Brasil vive um momento quase que mágico na sua história.



Eu tenho 64 anos de idade. Quem quiser me dar presente, dia 27 de outubro, eu completo 65 anos de idade. Desses 65 anos de idade, 30 anos da minha vida, ou 35, eu passei na luta do Movimento Sindical. Eu, em 1975, foi a primeira vez que eu vim a Juiz de Fora, a convite do companheiro Ivan, que era presidente do DCE aqui, da universidade, me deu um cálculo renal desgraçado, eu tomei duas Buscopan com glicose na veia e nem pude participar do debate. Mas, nesses 35 anos, eu passei parte da minha vida reivindicando, brigando e tentando conquistar milímetro por milímetro de conquista para melhorar a vida do povo brasileiro. Não foi uma luta fácil, até que eu tomei consciência de que era preciso a gente, para fazer aquilo que a gente queria fazer, a gente não apenas reivindicar, mas a gente postular o direito de governar este país. Parecia um desejo impossível de ser alcançado, primeiro porque não tinha, na história do país, um exemplo da criação de um partido político criado por operários e dirigido por operários. Historicamente, historicamente, diziam que operários não tinham cultura suficiente para pensar e para agir, tinha que ter sempre alguém mais estudado do que ele para dizer o que ele deveria fazer. A primeira coisa que nós fizemos foi desmistificar essa história do conhecimento científico e acadêmico das pessoas com a inteligência que cada um de nós sai do útero da nossa mãe e que a gente pode aperfeiçoá-la vivendo. Mas, também, não tinha muita prática de que a gente pudesse chegar ao governo, não tinha exemplo de que um trabalhador pudesse criar um partido e pudesse pleitear a presidência e pudesse chegar à presidência. Não tinha exemplo. Ou seja, mesmo nos partidos comunistas, que fizeram a revolução pelo mundo afora, não eram os trabalhadores que governavam os países, apesar de dizerem que os trabalhadores participavam ativamente, mas eles não dirigiam.

Pois bem, para que a gente chegasse onde nós estamos hoje, era preciso passar por um processo de provação. Primeiro, vencer todos os preconceitos que a gente passa pela vida, todos os preconceitos, sobretudo o



preconceito de que não tem um diploma universitário. Depois, era preciso vencer o medo da sociedade. A sociedade, com muita razão, ela tinha dúvida de saber: “Será que esse tal de Lula, chegando lá, ele vai dar conta? O Brasil é muito grande, tem muitos problemas, os militares não vão deixar ele chegar”. Os empresários ameaçavam ir embora para Miami. Então, era preciso votar em alguém que fosse do lado deles, que tivesse a pele deles e que, de preferência, soubesse falar mais que uma, duas ou três línguas, e não apenas falar “menas laranja”, como eu falava em 1989, quando disputei as eleições para presidente da República.

Eu, ao mesmo tempo, eu tinha consciência de que, ao chegar à Presidência da República, a gente tinha que provar que existe uma diferença muito grande entre a teoria e a prática. Na teoria, a gente pode colocar coisas que, na prática, a gente não pode executar. E para pegar uma coisa simples da diferença da teoria e da prática: um teórico, ele diz simplesmente que o dia tem 24 horas, e tem uma música do Djavan que diz que o prático divide o dia entre tarde, manhã e noite, porque é assim que vive a humanidade, que ela se distribui para dormir, para trabalhar, para comer e para levantar.

Pois bem, nós chegamos depois de perder. Eu perdi muitas eleições, muitas. Agora quero agradecer a Juiz de Fora, porque aqui eu ganhei todas as eleições que eu participei. Eu, realmente, realmente sou agradecido ao carinho de Juiz de Fora, porque, mesmo quando parecia que eu perdia até em Garanhuns, onde eu nasci, Juiz de Fora se revelava e dizia: “Aqui nós não perderemos”.

Pois bem, chegando à Presidência da República, era preciso a gente provar que nós tínhamos que transformar o aprendizado de toda uma vida, uma relação política de toda uma vida, em coisas concretas. A primeira coisa que nós fizemos foi estabelecer uma nova relação entre o governo e a sociedade, entre o Estado e a sociedade, entre o governo e o movimento social organizado. Por isso, nós fizemos mais de 70 conferências nacionais. Cada



conferência era feita, primeiro, a nível municipal; depois, a nível estadual; depois, a nível federal. Era Conferência de Comunicação, era Conferência de Segurança Pública, era Conferência de Educação, era Conferência de Saúde, era Conferência de GLTB. Era conferência de tudo o que vocês possam imaginar. Conferência de Índio, Conferência de Negro, Conferência de Portadores de Deficiência. Ou seja, tudo o que vocês possam imaginar. Foram 72 conferências ajudando a gente a elaborar as políticas públicas que nós tínhamos que colocar em prática neste país. Assim, nós estamos terminando o mandato, e eu falo com muito orgulho, falo com muito orgulho: eu não sei na história, eu não sei na história do Brasil, quantas vezes um presidente pode sair de uma reunião com trabalhadores, se reunir com os empresários, sair de uma reunião dos Sem-Terra, se reunir com os estudantes, sair dos estudantes, se reunir com os catadores de papéis, sair dos catadores de papéis, se reunir com os reitores, com os intelectuais, falando sempre a mesma linguagem, porque um político não pode ter duas caras. E também... E também porque nós não temos o direito de governar para nós. A proposta da Educação não é para contemplar o Ministro da Educação e o presidente da República. A proposta de Ciência e Tecnologia não é para contentar o Ministro de Ciência e Tecnologia e o presidente. É preciso que a gente contemple o acúmulo que a comunidade criou e que a comunidade construiu na área da Educação, na área da Saúde, na área da Ciência e Tecnologia, na área de todas as coisas que nós, a vida inteira, brigamos para construir.

Pois bem, eu não sei se é motivo de orgulho, eu não sei se é motivo de orgulho. Para mim, é, mas, para o Brasil, não é motivo de orgulho. Primeiro, não é motivo de orgulho a gente saber que este país, durante todo o tempo que teve a Proclamação da República, que este país, que só teve doutores, fazendeiros, empresários, advogados, até professor que renunciou seis meses depois que tomou posse já teve, e seja exatamente um presidente que não tem



diploma universitário a ser o presidente que mais fez universidades na história deste país, que mais fez escolas técnicas.

Em cem anos, em cem anos, a elite brasileira fez 140 escolas técnicas, em um século; em oito anos, nós fizemos 214 escolas técnicas. Não são apenas as 14 universidades que disse o companheiro Fernando Haddad, que eu acho que, sem dúvida nenhuma, este companheiro vai passar para a história, até agora, como o melhor ministro da Educação que este país já teve. O Ministro, aqui mesmo nesta universidade, o ministro da Educação passado foi até sequestrado aqui, não conseguiu nem falar, porque eles não se reuniam nem com reitores, eles tinham medo de se reunir com reitores, de se reunir com sindicalistas, de se reunir com prefeito, de se reunir com os estudantes. Ou seja, eu me reúno com reitores, com os estudantes, com prefeitos, com delegados de polícia, com militares, com empresários, e estou inteirinho, da mesma forma que eu entrei, e muito mais consciente de que a democracia brasileira está fortalecida.

Portanto, o que nós estamos conquistando hoje não é uma obra nossa. Nós apenas somos os fios condutores e aqueles que tornam público. Cada um de vocês, cada um de vocês tem a responsabilidade pelo que está acontecendo no Brasil. Este país... A elite política deste país permitiu, durante um século, que este país fosse tratado como se fossem homens e mulheres de segunda classe, como se tudo o que viesse de fora fosse melhor, como se nós não fôssemos capazes de nada. Este país vivia pedindo favor. Este país não conseguia tomar decisão na área econômica, porque o FMI não deixava. Este país utilizava as palavras “gasto em Educação”, quando deveria utilizar as palavras “investimento em Educação”.

Veja, prefeito, veja, Padilha, veja, reitores, veja, ministros, quantos anos faz que eu vou a um ato público e não tem uma faixa “Fora FMI”. Se fosse em outros tempos, eu nem conseguia ver a cara de vocês, de tanta faixa que tinha



"Fora FMI". Hoje, o FMI está fora, nós não devemos nada para eles, e eles nos devem US\$ 14 bilhões que nós emprestamos para eles.

Eu queria dizer para vocês que é muito gratificante, nesses 50 anos desta universidade, a gente estar aqui comemorando mais investimento, comemorando mais conquista de vocês, e isso não para mais, porque nós tomamos consciência. Não eu, não o Fernando Haddad; a sociedade brasileira tomou consciência de que o Brasil não quer mais ser apenas exportador de *commodities*, que o Brasil não quer ser apenas o grande exportador de minério, que o Brasil não quer ser apenas o grande exportador de carne ou o grande exportador de soja, ou o grande exportador de sujo de laranja. Nós queremos competir é na exportação de produtos com valor agregado, do conhecimento, da inteligência do povo brasileiro, e daí por que nós temos que investir mais em Educação, cada vez mais em Educação, porque somente a Educação é que vai transformar este país em um país efetivamente soberano, dono do seu nariz, um país dono do seu território, dono da Amazônia, dono das suas águas, dono do seu petróleo e dono do seu nariz. É isso que vai transformar esta pátria em uma pátria grande, livre e soberana, sem ficar dependendo de ninguém. É por isso que, no pré-sal... É por isso que no pré-sal...

Gente, eu vou contar uma coisa para vocês. Eu não vou dizer o nome do santo, mas vou contar o milagre. No dia 24, este país vai acordar vendo acontecer uma coisa que jamais vocês imaginaram ver acontecer. Nós vamos à Bolsa de Valores de São Paulo, e este país vai presenciar a maior capitalização de uma empresa da história da humanidade. Aqui, nós, Brasil e Petrobras, mostrando ao mundo que nós vamos, diferentemente daqueles que vieram antes de nós, que iam à Bolsa para bater uma plaquinha, para vender as empresas estatais, nós vamos bater um martelinho para capitalizar a nossa querida e sonhada Petrobras, para garantir que o pré-sal seja nosso, para garantir que, do pré-sal, a gente crie um fundo de Educação, para que a gente crie um fundo para combater a pobreza, para investir em Cultura, em Ciência e



Tecnologia, para que este país, daqui a dez ou 15 anos, se transforme na quarta, na quinta, na terceira, e por que não dizer, a gente competir para ser uma das primeiras economias do mundo, com justiça social, com educação de qualidade.

Por isso, meu querido, magnífico Reitor, é com muita alegria que eu estou aqui, não falando mais “menos laranja”, “menas laranja”; estou aqui dizendo para vocês: eu aprendi, investi na Educação, não porque eu tivesse aprendido na universidade. Não pense que eu falo isso porque também não gosto, eu adoraria ter um curso superior, adoraria. Quem sabe agora, depois de Presidente, eu possa tirar um curso ou dar aula para ensinar algumas pessoas como governar este país, como governar esta nação.

Pois bem, companheiros e companheiras, primeiro, o que faz a gente estar fazendo isso é o fato de a gente não ter tido Educação. O fato de eu não ter podido fazer uma universidade é que me fez, junto com o Fernando Haddad, transformar esse desejo quase em uma obsessão. Eu garanti para os filhos dos brasileiros, para os meus filhos e para os meus netos aquilo que eu não pude receber dos meus pais. Garanti que vocês possam ter muito mais e melhor, porque este país terá que dar aos seus filhos um futuro digno.

E hoje, quando eu venho à universidade e quando eu vejo o que está sendo feito aqui... São 65 obras aqui, são milhões de investimentos, são milhões de investimentos. E nós vamos fazer por todo o território nacional. Só para vocês terem ideia, são três milhões, são três milhões... Imagina isso, são três milhões e meio de metros quadrados de obras que nós estamos fazendo em todas as universidades deste país.

Portanto, queridos companheiros, eu quero dizer para vocês: estejam certos de que não existe nenhuma razão para a gente desanimar. A nossa passagem pela terra é muito curta. Alguns, como Oscar Niemeyer, vivem 103 anos; alguns, como Dona Canô, que fez aniversário ontem, a mãe do Caetano Veloso, fazem 102; outros morrem antes de chegar aos 70, a média de vida é



75. Então, nós não temos o direito de fraquejar na nossa passagem pela terra, nós não temos que ter medo de obstáculo, nós precisamos brigar 24 horas por dia para a gente poder conquistar aquilo que a gente quer, sobretudo quando a gente é jovem, homem e mulher. É preciso estudar, é preciso se preparar, porque o mundo do futuro será o mundo do conhecimento, e quem não tiver conhecimento vai ficar para trás, e eu acho que não é justo que a nossa juventude não possa, no século XXI, viver mais dignamente do que a nossa juventude viveu no século XX.

Um grande abraço, meus amigos. Um grande abraço, companheiras. E vamos continuar investindo na Educação brasileira.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração de unidades habitacionais do Programa Minha
Casa, Minha Vida no Residencial Casas do Parque**

Campinas-SP, 18 de setembro de 2010

Bem, primeiro dizer a todos vocês, companheiros e companheiras, da minha alegria de estar mais uma vez em Campinas, com meu companheiro e amigo prefeito da cidade de Campinas, o companheiro Hélio, com os meus ministros e com os empresários e, sobretudo, com o presidente da UNE, que está aqui. Eu não sei o que a UNE está fazendo aqui, mas a UNE está aqui, a União Nacional dos Estudantes está fazendo engenharia, veio aprender como é que faz casa antes de se formar. A alegria de abraçar cada companheiro e companheira que recebeu a sua casa.

Apenas dizer para vocês o seguinte: Campinas tem já aprovado, na Caixa Econômica Federal, 12 mil casas. Dessas 12 mil casas, dessas 12 mil casas, seis mil casas são até 3 salários mínimos e outras seis de 3 a 6 salários mínimos. E Campinas já mandou para Casa [Caixa], que está sendo estudado pela Caixa, mais 16 mil casas de zero a seis.

Ora, isso significa o quê? Isso significa que nós entramos em um processo em que construir casas está ficando cada vez mais fácil. E nós estamos, cada vez mais, adaptando as condições de financiamento e de pagamento à realidade das pessoas que precisam de mais casas no Brasil, que são as pessoas que ganham menos, neste país. Quem ganhar 10 salários mínimos, 15 salários mínimos, pode escolher o bairro para morar, pode escolher o apartamento para comprar. Quem ganha de zero a três, quem ganha de zero a três são pessoas que não podem comprar um apartamento no centro de Campinas. Mas é preciso que a gente dê, para essas pessoas, a



dignidade nos bairros, para que elas possam morar decentemente e não levar as pessoas para bem distante do centro da cidade, como se a gente estivesse escondendo as pessoas.

Essas casas aqui, vocês viram, são casas de, em média, 60 metros quadrados, 59, 63, casas bem acabadas, com azulejo, tudo direitinho, com lajota. Ou seja, a pessoa vai pagar... O Agnaldo, que eu fui ver ali, ganha R\$ 1.400,00, vai pagar R\$ 300,00 por mês. O Mário, que eu não perguntei quanto ganha, porque parece que ganha um pouquinho mais, pegou uma casa um pouco maior, vai pagar R\$ 359,00 por mês.

Então, vocês percebem que é possível a gente construir casas a um preço mais barato, com o governo subsidiando uma parte do valor da casa e permitir que as pessoas mais pobres vivam com dignidade. Porque neste país se criou uma cultura de que pobre não tem gosto. Até que, em 1978, o Joãozinho Trinta, para defender o luxo da Beija-Flor, que tinha sido campeã do Carnaval de [19]77, se não me falha a memória, disse categoricamente: “Quem gosta de miséria é intelectual. Pobre gosta de luxo, de coisa bonita, de coisa bem feita”.

Bem, obviamente, obviamente que a maioria dos intelectuais também gosta de coisa boa. Afinal de contas, o cara não estudou para ser bobo, o cara estudou para ser mais sabido. Então, logicamente que ele quer também casa boa.

Mas, vocês estão vendo ali, é importante que a imprensa possa tirar fotografia, ao invés de fotografar a minha cara, que eu já estou manjado, vocês fotografarem aquele prédio lá. Aqueles prédios, é o seguinte: aqueles prédios têm 150... aqueles apartamentos são para pessoas que ganham de zero a três salários mínimos. Vai ser entregue em fevereiro. São 150 apartamentos. Ali vai ser um condomínio chique, ou seja, para as pessoas que moram [ganham] até três. E aquelas casas serão entregues em fevereiro. Eu estou fazendo... Não, as casas em fevereiro... Não, os apartamentos em fevereiro e as casas em



maio. Eu não estarei mais presidente, mas eu espero que o Hélio me convide para vir aqui participar da inauguração. Certamente, certamente já teremos novas pessoas governando o país, mas eu posso dar uma “bicadinha” aí e ser convidado. Bem, as casas serão entregues em maio, serão 750 casas e serão 150 apartamentos entregues em fevereiro. Tudo nessa qualidade que vocês estão vendo aqui.

E eu queria, antes de continuar a minha fala, Hélio, que você explicasse uma coisa para mim: eu estou vendo aqui “Estação Móvel de Tratamento de Esgoto”, o que é isso? Pode me explicar?

Prefeito de Campinas: Gente, para que nós pudéssemos viabilizar, com a rapidez que o presidente Lula queria entregar as casas Minha Casa, Minha Vida, nós estabelecemos um projeto de estação móvel de tratamento de esgoto. Essa estação móvel de tratamento de esgoto fez com que o Ministério Público aceitasse, e nós tivéssemos a aprovação das Secretarias de Meio Ambiente para poder entregar as casas para as pessoas morarem. Vou aguardar até que tenhamos o emissário do Capivari, da Estação de Tratamento do Capivari 2, que aqui está próximo, quando concluir o emissário, que eu creio que até o ano que vem deve estar concluído, essa estação móvel de tratamento de esgoto vai para outra região, para poder entregar mais casas Minha Casa, Minha Vida.

Presidente: Bem, só vai sair daqui, só vai sair daqui quando vier o emissário, para levar todo o esgoto para o Capivari 2, já está sendo construído. Porque essa é uma coisa, companheiros, é uma coisa, é uma coisa que era grave no Brasil, era a questão de tratamento de esgoto. Ou seja, todo mundo sabe, a gente vai ao banheiro, faz as necessidades da gente, dá descarga no banheiro e a gente não sabe para onde vai. É, a gente não sabe. Normalmente, normalmente, como a classe política brasileira, durante muito tempo, utilizava



um comportamento hipócrita, ou seja, as pessoas só queriam fazer ponte, porque numa ponte, ou num viaduto, você pode colocar o nome da mãe, o nome do pai, “Viaduto não sei das quantas”, porque aparecia em época eleitoral, dá visibilidade, tira fotografia. Agora, enterrar uma desgraçada de uma manilha, as pessoas entendiam que não dava voto. Ninguém vota em coisa que está enterrada. A ignorância era tanta, que um político valorizava mais uma ponte na fotografia do seu cartaz do que uma criança brincando descalça, numa rua sem esgoto, pisando no gramado, numa coisa limpa.

Então, o que nós, o que nós estamos fazendo é dando não meia dignidade. Quando, quando for escrever a história de Campinas, daqui a algum tempo, eu e esse companheiro aqui, mais esse aqui, mais essa gente aqui, nós vamos ser lembrados como o Prefeito de Campinas e o Presidente da República que conseguimos fazer com que 100% de Campinas tivesse tratamento de esgoto, coleta de esgoto, ou seja, e jogar a água nos rios limpa, limpa, para que a gente possa parar com essa vergonha de ver as pessoas morando em casa e o esgoto escorrendo na rua, na porta de casa. Isso acabou.

Por isso, Hélio, meus parabéns. Eu acho que, inclusive, queria fazer, aqui, um chamamento, um apelo aos nossos empresários. Eu acho que, daqui para frente, quando a gente for fazer casa, nós temos que lembrar aqui que tem que criar condições de a gente entregar a casa, se não estiver pronto, a gente tentar criar a estação móvel, para a gente mostrar que o povo brasileiro, no século XXI, aprendeu a gostar de respeito, aprendeu a gostar de coisa boa, aprendeu a ser tratado dignamente. Porque essa mania de dizer que povo pobre só vai à feira às 11 horas, para comprar a xepa, não é verdade, não é verdade. A gente quer comprar o que tem de melhor, a gente quer comprar o que tem de melhor, e a situação, hoje...

Eu, quando vi essa casa aqui, olha, eu queria dizer para vocês: eu, eu, a primeira casa que eu comprei, do BNH, foi em 1976, no Jardim Lavínia, lá em



São Bernardo do Campo. A minha casa tinha 33 metros quadrados, 33 metros, o quartinho era 3 X 2,80, Marisa entrava, eu tinha que sair; abria a porta do guarda-roupas, tinha que tirar a cama. Eu não vou mostrar as canelas para vocês, de tanta marca que tem, de eu bater no espelho da cama, para poder entrar, atravessar no meu ladinho, para deitar.

Então, eu sei o que é, eu sei o que é e o que foi a falta de respeito que se teve com esse povo, durante décadas, e décadas, e décadas em que as pessoas olhavam apenas para aqueles que não precisavam do Estado, e aqueles que precisavam iam sendo tangidos, cada vez mais para longe da cidade, cada vez mais para a periferia, e cada vez mais as pessoas iam sendo tangidos como se fosse gado. Acabou, acabou. E o povo pobre deste país está dizendo a todos nós: respeito é bom e eu gosto de receber e gosto de dar.

É por isso que a gente está melhorando as condições de criar essas casas, é por isso que a gente está dando mais dignidade, e é por isso que a gente fez o Programa Minha Casa, Minha Vida. O Programa Minha Casa, Minha Vida é um programa que começou em março do ano passado. Até a gente resolver todo o problema da burocracia, levou muito tempo. Foram dezenas e dezenas de reuniões até a gente tirar um monte de coisas que tinham que atrapalhavam, até a gente construir um programa.

Ou seja, lançamos um milhão, já tem 656 mil casas contratadas. Faltam 350 mil para chegar a 1 milhão. Já tem mais de 1 milhão na Caixa, para a gente contratar, e a gente, se Deus ajudar, até o dia 31 de dezembro, nós teremos 1 milhão de casas contratadas com as cidades brasileiras e com os estados.

Mas a gente não para por aí, porque nós já lançamos o Programa Minha Casa, Minha Vida número dois, que serão 2 milhões de casas a serem construídas a partir de 1º de janeiro do ano que vem. Ou seja, serão dois milhões de casas, porque nós aprendemos, os empresários aprenderam – e, aqui, eu queria chamar um empresário aqui, porque é importante a gente pegar



depoimento. A construção civil, a construção civil brasileira, vivia se arrastando. Tinha mês que vendia, tinha mês que não vendia; tinha ano que o governo contratava, tinha ano que não contratava. Depois do Minha Casa, Minha Vida, conta como é que ficou a situação dos empresários, aqui.

_____ : A HM vendia 120 casas por mês, antes do Minha Casa, Minha Vida, antes do dia 13 de abril. A partir do dia 13 de abril, passamos a vender 500 unidades. Por quê? Porque o juro, que era 8%, foi para 4; o seguro baixou; as prefeituras deram isenção de (incompreensível), de taxas, enfim, todos se envolveram.

Para nós, Presidente, que estou há 34 anos nesse ramo, em 34 anos sempre fiz o (incompreensível) de baixa renda, sempre tive uma média de 1.200 colaboradores. Pensei em ir embora do país, porque nós não tínhamos recursos. Hoje, eu sou grato e sou um admirador do senhor, porque foi a redenção da construção civil no país o Programa Minha Casa, Minha Vida. A gente tem, agora, um horizonte para trabalhar, podemos programar nossas empresas, sabendo que a gente vai ter recurso no médio e no longo prazo.

Presidente: Então, e, e uma coisa, uma coisa importante que está acontecendo no Brasil é que antes, antes o governo contratava uma obra e não tinha certeza se ia conseguir pagar. Então, o empresário começava a fazer uma obra, a coisa mais costumeira era a gente ver a obra ficar paralisada. Aí o empresário, não podia ficar com as máquinas paradas, tirava as máquinas, levava para outra obra, se tivesse obra, todos os empresários.... Aqui está o Luiz Nascimento, presidente da Camargo Correa. Todos os empresários brasileiros estavam trabalhando mais no exterior do que no Brasil. Eles estavam trabalhando na Argentina, no Peru, no Equador, na Colômbia, na Bolívia, no Chile, na África, e não estavam trabalhando no Brasil, porque desde o governo Geisel que não tinha investimento em infraestrutura neste país. E



nós resolvemos acabar com esse, com essa... esse ostracismo a que o nosso país tinha sido submetido, e hoje os empresários brasileiros estão construindo como jamais construíram na vida deles.

Ou seja, nós, nós estamos vendo os empregos crescerem na construção civil. Só... Eu vou terminar o mandato, a gente vai ter gerado, no Brasil, 15 milhões de empregos com carteira profissional assinada, coisa que nós ficamos praticamente 20 anos sem gerar muitos empregos neste país.

Portanto, gente, a alegria minha é muito grande, de vir aqui, nesse empreendimento. É muito grande, porque é um empreendimento planejado, as casas são de qualidade. E a gente percebe que é possível as pessoas que ganham menos ter uma casa de qualidade.

A Inês sabe, a minha companheira do Ministério das Cidades, o Marcio sabe, a Caixa Econômica sabe, os prefeitos sabem, os governadores sabem, o tanto que eu brigo para a gente melhorar a qualidade das casas, o tanto que eu brigo. Ou seja, não é possível que as pessoas não percebam que a gente quer uma casa direitinho. Outro dia me disseram: “Pobre não gosta de azulejo”. Ô gente, somente um imbecil é que pode imaginar que a gente não gosta de azulejo. Eu, eu quando reformei a minha casa, eu coloquei azulejo até no teto, assim, de tanto que eu gostava, e quanto mais colorido, melhor.

Então, eu quero, gente, dizer para vocês da minha alegria. Dizer ao Hélio que você tem mais dois anos de mandato, Hélio, Deus queira que você continue fazendo. Eu, se Deus quiser, serei convidado para inaugurar Capivari 2, porque eu quero bater um carimbo ali, de dizer: “Eu ajudei Campinas a ter 6% de tratamento de esgoto neste país”. Nós temos cidade, no país, nós temos cidade que é zero de tratamento de esgoto, zero. Você imagina fazer um investimento em um conjunto desses e você não colocar esgoto. O que vai acontecer daqui a três, quatro anos, quando estiver todo mundo morando aqui?

Então, gente, então eu quero dar os parabéns ao povo de Campinas, ao prefeito de Campinas, ao Ministério das Cidades, aos empresários e aos



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

moradores de Campinas, pela conquista extraordinária.

Um abraço, gente, e até daqui a pouco.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura da Medida Provisória do Alto Rendimento, que altera a Lei nº 9.615/98, instituindo normas gerais sobre o esporte, e a Lei nº 10.891/04, que institui o Bolsa-Alela, e cria os programas Alela Pódio e Cidade Esportiva

Palácio do Planalto, 20 de setembro de 2010

Eu tinha assumido um compromisso com o Orlando de que ele ia falar pouco, para que eu não falasse nada, e a gente pudesse permitir que vocês fossem almoçar. Mas como o Nuzman disse que normalmente atleta não gosta de comer muito, e quem gosta de comer são os dirigentes, que já estão todos gordos, eu falei: eu vou falar um pouco, porque os atletas não estão com tanta fome como eu, por exemplo.

Bem, primeiro, cumprimentar os companheiros ministros Orlando Silva, Ministério do Esporte; o companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação; o nosso companheiro Juca Ferreira, ministro da Cultura; o Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão; o nosso Luís Inácio Adams, advogado-geral da União; o Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais; o nosso companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, que trabalha na Secretaria de Assuntos Estratégicos – a incumbência do companheiro Samuel é me entregar, ao final do meu mandato, o que nós queremos que o Brasil seja em 2022, quando nós estaremos completando 200 anos de Independência. E, como para chegar a 2022, a gente vai ter que passar por 2016, significa que ele vai ter que colocar no seu planejamento estratégico, aí, 2016.

Quero cumprimentar o companheiro Nuzman,

Quero cumprimentar os companheiros, os atletas que estão aqui, o David Lourenço, deste tamanho, campeão de boxe. Pega um marmanjo



como o Fernando Haddad, toma tanta bordoadada que vai cair sem saber por que caiu. O Daniel,

Quero cumprimentar o Presidente do Comitê Olímpico,
Companheiros que vieram de Cingapura, dirigentes,

Não se preocupem, que eu não vou ler o discurso porque ele é longo. Eu vou apenas dizer algumas coisas que eu acho que é importante. Eu, no dia 31 de dezembro, estarei terminando o meu mandato e, ao terminar um mandato, a gente começa a fazer uma reflexão daquilo que foi feito, que é uma espécie de prestação de contas para o país. E, certamente, nós vamos constatar que nós fizemos muito nesses oito anos, muito, mas tudo o que nós fizemos é muito pouco diante do que ainda nos resta fazer para atingir o estágio de um país que tem o investimento no esporte como uma questão de decisão de política de Estado e que seja uma coisa perene, que não seja uma coisa ocasional, dependendo de quem esteja ou não na Presidência da República.

E não existe outra possibilidade de nós conseguirmos isso se a gente não conseguir introduzir, como matéria escolar, a questão do esporte. Não existe outra... Não tem momento mais adequado para uma criança ou um adolescente começar a gostar de fazer alguma coisa, ou compreender a necessidade de fazer alguma coisa, do que ela ter uma chance, na sua escola, de ter uma quadra, de ter uma pista, de ter uma piscina, de ter alguma coisa que ela possa escolher para praticar esporte.

Ora, muita gente que teve sorte de pertencer a setores médios da sociedade, muitas vezes, compensa o fato de não ter na escola pagando um clube, podendo frequentar um clube e treinar. Não é a realidade da grande maioria do povo brasileiro.

Nós estamos, Nuzman – e você já deve conhecer –, fazendo junto com o Orlando, junto com o ministro da Educação, um trabalho enorme que certamente nós vamos colher os frutos em 2016, que é o de tentar, em cada



bairro pobre deste país, em cada lugar, você criar espaço para que as pessoas possam treinar, possam lutar, possam... É ocupar o espaço e o tempo ocioso de uma criança, porque, se não tiver o que fazer, ela vai para um computador, se tiver computador, passar o dia inteiro em um computador e não vai deixar um minuto sequer para poder praticar, para poder correr, para poder lutar, para poder fazer qualquer treinamento de qualquer coisa. É quase que um desafio. E qual é a coisa importante que vai ficar de ensinamento, Orlando, para essa juventude?

O vôlei brasileiro, como tanto outros esportes, andou capengando durante muito tempo até que resolveu-se – não sei se na década de 80 ou no final – a profissionalizar a questão do vôlei, a fazer com que a gente tivesse uma profissionalização e que a gente pudesse oferecer aos atletas as condições plenas daquilo que existia de melhor no mundo para que eles treinassem e, de lá para cá, o Brasil se transformou na maior potência de vôlei do mundo. Eu lembro que, quando eu tinha um pouquinho menos anos do que eu tenho hoje, a Seleção brasileira de vôlei ia jogar com os Estados Unidos: “Ah, já perdemos”, parecia que a gente tremia; ia jogar com a Rússia: “Ah, já perdemos”; teve um tempo em que o Japão era metido: “Ah, já perdemos”; teve um tempo que Cuba parecia invencível: “Já perdemos”, e assim nós éramos... íamos, entrávamos em campo como se fôssemos atletas de segunda categoria que já íamos jogar para perder. Até que a gente fez a virada e, hoje, eles é que entram com medo do Brasil, eles é que falam: “Vamos jogar com o Brasil. Ih, já perdemos, ih, já perdemos”. É só ver a quantidade de títulos que nós tivemos nos últimos vinte títulos que nós participamos. Nós estamos tão presunçosos que, mesmo quando a gente tiver um campeonato, mas a gente perde uma única partida, a gente fala: “Ah, não podia ter perdido”, como se os atletas não pudessem perder uma coisa.

Então, eu acho que a profissionalização é a razão principal pela qual a gente pode atingir a plenitude do investimento e da prática do esporte, e eu



acho que nós precisamos ser presunçosos mesmo. Nós precisamos chegar às Olimpíadas de 2016 mais preparados do que já estivemos em qualquer outro momento, com mais atletas do que já tivemos em qualquer outro momento e com mais perspectiva de ganhar medalha do que em qualquer outro momento. Afinal de contas, vai ser a primeira vez, na América do Sul, que a gente vai ter a realização de uma Olimpíada. Até então, nós tínhamos tido no México, em [19]68, e depois só nos países ricos, nunca tinha vindo para cá. E o Nuzman sabe, o Orlando sabe, todo mundo que participou sabe o sacrifício, o trabalho. Foram dois anos de trabalho para a gente poder tirar a pecha de que nós éramos um país perdedor, porque ninguém acreditava que o Brasil poderia realizar uma Olimpíada. Nós realizamos, e vamos realizar.

Então, veja, nós vamos ter, agora, em 2011, Olimpíadas Militares, com quase 5 mil atletas; vamos ter, em 2013, Copa das Confederações; vamos ter, em 2014, Copa do Mundo; vamos ter, em 2016, Olimpíadas; e, em 2015, vamos ter a Copa das Confederações... a Copa América, que tinha havido um jeito de fazer uma pergunta, mas parece que não deu certo a pergunta com o Chile. Então nós vamos ter cinco anos, quase que consecutivos, alucinantes, da prática de eventos esportivos importantes no Brasil.

Isso, do ponto de vista da imagem do Brasil lá fora, será extraordinário; do ponto de vista de motivação da sociedade será extraordinário; e do ponto de vista do despertar, aquele despertar da meninada querer praticar esporte, eu acho que vai ser uma coisa extraordinária. Eu fui, agora, à Rocinha, Nuzman – não sei se você estava quando nós fomos inaugurar um centro lá. (incompreensível). Eu até tenho dito o seguinte: a meninada que gostar de brigar, em vez de gostar de brigar, vai treinar boxe; bota uma luva e vai bater no seu adversário, sem a violência da briga de rua.

E nós precisamos criar essa consciência no Brasil. Ela não está criada, e acho que o Bolsa-Atleta, Orlando, é a consagração de uma coisa. É muito fácil, é muito fácil o empresário privado querer patrocinar um atleta que já ganhou



medalha de ouro. Agora, é muito difícil você convencer alguém a pegar um menino de 12 anos de idade, de 13 anos, da periferia, e falar “nós vamos patrocinar”. Enquanto não tiver retorno financeiro, não existe essa hipótese. E quem tem que fazer isso? Sem medo de dizer, é o Estado brasileiro e as empresas públicas brasileiras que têm que bancar a garantia de que essas pessoas vão ter oportunidade. Bem, e isso eu acho que nós estamos garantindo hoje.

Agora, nada disso dará certo se não houver uma motivação na nossa consciência. Eu acho, Nuzman, que é preciso a gente colocar todos os dirigentes, de todas as modalidades, com o coração na ponta da língua. São seis anos de trabalho, são seis anos. Se a gente não começar ontem, a gente pode perder o bonde. Nós primeiro temos que acreditar que este país não nasceu para ser de segunda categoria; segundo: que nós não somos inferiores a ninguém, o que nós queremos é apenas uma oportunidade.

Um menino como esse, para ser campeão de boxe, para ser campeão mundial, um menino com esse mora em um quarto e cozinha com seis ou sete pessoas dentro de casa. Só chega onde chegou porque está na alma dele ser maior do que as condições objetivas permitiriam que ele fosse; é quase que uma vocação. E nós, muitas vezes sentados em frente a uma televisão, ficamos cobrando coisas de vocês que nós nunca contribuimos para vocês fazerem. A gente não quer saber quantas dores nas costas vocês têm, a gente não quer saber quantas lesões no joelho, a gente não quer saber quantas dores no pescoço, a gente não quer saber quantas horas e horas de treinamento uma menina ou um menino tem que fazer para ganhar uma medalha de prata ou para disputar uma olimpíada, até para ser classificada! Nós ficamos com a exigência, muitas vezes, apenas de cobrar como torcedor ou como brasileiro e não com a obrigação de fazer enquanto brasileiro e enquanto governo.

Nós vamos fazer a nossa parte, Nuzman, nós vamos fazer a nossa



parte. Esses meninos que ganham medalhas de ouro, esses meninos que disputam, que vão a Cingapura, todas essas pessoas poderiam fazer muito mais se tivessem, da parte do Estado brasileiro, a compreensão de que atleta não é apenas a sorte que cria. A natureza cria o talento, ele tem que ser aperfeiçoado; e quem o aperfeiçoa são, na verdade, os clubes, se tiver; se não tiver clube, os patrocinadores, se tiver; se não tiver nada disso, é o Estado brasileiro que tem que assumir responsabilidade e cuidar do potencial de atleta que têm as nossas meninas e os nossos meninos.

Por isso, Orlando, meus parabéns mais uma vez pela iniciativa. Eu, quando descer aquela escada ali, no dia 1º de janeiro, eu vou começar a pensar não no que nós fizemos, mas o que nós deixamos de fazer, porque eu acho que ainda precisa fazer muito para este país conquistar a sua respeitabilidade definitiva. Mas, pelo dia de hoje, parabéns ao ministro Orlando; parabéns, Nuzman; parabéns aos atletas; parabéns, porque eu sei que tem o dedo dos outros ministros aí, e eu espero que em 2016 o Brasil esteja afiado para surpreender até o Nuzman... de achar que será a décima, nós poderemos ser... se o Brasil está se preparando para ser a quinta potência econômica nos próximos seis anos, sete anos, a gente pode fazer muito mais pelo esporte. Basta que a gente assuma como tarefa e responsabilidade.

E da minha parte, mesmo não sendo mais presidente da República, você trate de criar uma coisa qualquer para a terceira idade, que lá estaremos eu e o Bernardo jogando e disputando para ver se a gente ganha uma medalha.

Um grande abraço, que Deus abençoe todos vocês e todos nós.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do trecho Colinas do Tocantins-Palmas da Ferrovia Norte-Sul e dos pátios multimodais de Palmas/Porto Nacional e Guaraí/Tupirama

Palmas-TO, 21 de setembro de 2010

Eu não sei se os maquinistas vão ouvir o que eu estou falando, mas bem que seria propício para a festa que estamos fazendo aqui, se as nossas locomotivas pudessem apitar um pouco, agora, para a gente consagrar o início da inauguração de mais esse trecho da Ferrovia Norte-Sul.

Enquanto elas não tocam, eu queria cumprimentar o meu companheiro e amigo presidente da República, presidente do Senado, o companheiro José Sarney,

Quero cumprimentar o ministro interino dos Transportes, o companheiro Mauro Barbosa, (apito do trem)

Espero que os mesmos que ouviram eu pedir para continuar, ouvissem agora em pedir para parar.

Bem, eu acho que nem precisava mais discurso, eu acho que a gente poderia todo mundo voltar para casa, com o barulho, porque os mais jovens irão ouvir, durante muito tempo, daqui para frente, essa buzina, e cada vez que verem [ouvirem] esse apito de uma locomotiva vão se lembrar de que o progresso está passando pelo estado de Tocantins.

Queria cumprimentar o companheiro Alcides Rodrigues, governador do estado de Goiás,

O companheiro Eduardo Machado, vice-governador e governador em exercício do estado de Tocantins,

Quero cumprimentar a companheira Tereza Martins, prefeita de Porto Nacional,



E o companheiro Raul Filho, prefeito de Palmas, por intermédio de quem eu quero cumprimentar todos os prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Juquinha, presidente da Valec,

E quero cumprimentar a todos vocês que vieram aqui para esse momento de inauguração de 256 quilômetros a mais da Ferrovia Norte-Sul.

Eu queria, em umas breves palavras - não vou precisar do meu discurso aqui - dizer para os companheiros que eu toda vez convido o presidente Sarney para vir aqui, porque esta ferrovia é um marco e será um marco na história do país. Quando foi introduzida a indústria automobilística no Brasil, na década de [19]50, se tomou como decisão também diminuir o ímpeto pela construção de ferrovia e aumentar o ímpeto pela construção de rodovias. E o Brasil não apenas não construiu novas ferrovias como o Brasil foi destruindo as ferrovias que existiam. Só para vocês terem ideia, nos anos [19]50, nós tínhamos, Sarney, 37 mil quilômetros de ferrovias, ou seja, 37 mil quilômetros de trilhos nós tínhamos em 1950. E por conta de decisões equivocadas, poucos anos depois, nós caímos para menos de 29 mil quilômetros e, pouco depois, a gente percebeu que só estavam sendo utilizados, no Brasil, apenas 10 mil quilômetros de ferrovias; o restante estava praticamente parado.

Ora, o equívoco foi você entrar na era do automóvel, na era dos caminhões e na era dos ônibus, e imaginar que você tinha acabado com a era da ferrovia. Quando no mundo inteiro, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, as ferrovias significavam a grande forma de transporte de carga no mundo, e alguns países, combinando carga com passageiros. Mas, no Brasil, se resolveu, então, abandonar as ferrovias.

Ora, quando o presidente Sarney anunciou a construção da Ferrovia Norte-Sul, nós, um pouco da classe política brasileira, incrédulos como nós somos, em vez de procurar o presidente Sarney e discutir o projeto da Ferrovia Norte-Sul, eu, particularmente, e outras pessoas fizemos coro no Congresso



Nacional contra a Ferrovia Norte-Sul. A gente nem conhecia o projeto, mas a gente era contra, como hoje muita gente é contra, sem saber o que está acontecendo para ele ser contra.

Ora, o destino quis que o presidente Sarney, começando em [19]87 a Ferrovia, terminasse o seu mandato com a conclusão de 115 quilômetros, se não me falha a memória, Juquinha, 115 quilômetros, aí o Sarney deixou a Presidência da República. Aí, depois do Sarney veio o Collor, depois veio o Itamar, depois veio o Fernando Henrique Cardoso, ou seja, praticamente, praticamente todos esses outros presidentes fizeram mais cem quilômetros. Nós passamos, então, a ter 215 quilômetros.

Veja, Sarney, que cinco anos de Collor e Itamar, e oito anos do meu antecessor, 13 anos, portanto, fizeram apenas cem quilômetros de ferrovia. Nós... E você, Sarney, já está convidado para, no dia 20 de dezembro – se não acontecer isso, a gente vai puxar a orelha do Juquinha – para, no dia 20 de dezembro, a gente vir inaugurar, de Açailândia, onde você começou, até Anápolis, perfazendo um trecho de 1.359 quilômetros, ou 59 ou 50 quilômetros. De qualquer forma, passa a ser a maior ferrovia do Brasil.

Mas a gente não vai parar por aí, porque já foi licitado o trecho Anápolis até Estrela d'Oeste, em São Paulo, e também o trecho que vai até Belém, para que a gente possa, como vocês viram no mapa, quando passou o filme, viram a gente fazer uma espécie de “espinha de peixe” e, depois, a gente vai ter que fazer, primeiro, a coluna vertebral do peixe e, depois, vamos fazer as costelinhas do peixe, ali, para a gente poder interligar a totalidade do território nacional.

Inclusive, inclusive fazendo uma coisa que nós vamos recomençar agora, no PAC 2. No dia 8 outubro eu vou inaugurar a eclusa lá do estado de Tocantins... de Tucuruí, de Tucuruí, a eclusa de Tucuruí. E nós vamos começar a combinar, agora, um sistema de transporte que é ferrovia, hidrovia e estrada. Nós não queremos abandonar nenhum. Mas a verdade é que o Ministério dos



Transportes sabe, o Denatran sabe que caminhão não foi feito para andar três, quatro mil quilômetros para entregar carga, ou seja, o caminhão deveria andar 200 ou 300 quilômetros e, depois, a ferrovia e, depois, a hidrovía, porque a gente torna mais barato para os produtos chegarem à casa das pessoas e os companheiros que têm caminhão, na verdade, é para pegar trecho do porto, levar à cidade, fazer a entrega e não para andar quatro ou cinco dias de caminhão como a gente costuma ver no Brasil de hoje, gastando óleo diesel quando, na verdade, a gente poderia fazer muito mais barato.

Mas não é apenas isso que nós estamos fazendo. Essa obra é uma obra, para mim ela é marcante, porque ela atravessa uma região nobre do país, que é a região Centro-Oeste. Mas, mais importante é que ela vai ligar o Porto de Itaquí ao Porto de Santos, e pode ligar ao Porto de Paranaguá, e que depois vai poder ligar ao Porto de Belém, e que depois vai poder ligar ao Porto de Ilhéus, porque também, na semana que vem, nós vamos, o Ministro dos Transportes, o Juquinha e eu, nós vamos à Bahia, anunciar a conclusão do projeto – já teve licença, Juquinha? – da Ferrovia Oeste-Leste, que ela vai sair de Ilhéus, ela vai sair de Ilhéus, onde vai ter um porto, um porto público e um porto privado, e ela vai atravessar por onde, Juquinha? Figueirópolis. Eu esqueço toda hora, porque ainda não está, não está no PAC Figueirópolis. Mas só tem sentido a gente fazer essa ligação se a gente trazer ela até Figueirópolis. Então, são mais quase mil quilômetros de ferrovia.

A outra coisa importante é que nós também começamos mais 1.720 quilômetros de ferrovia, ligando o Porto de Suape, em Pernambuco, ao Porto de Pecém, no Ceará, passando por Eliseu Martins, no Piauí. São 1.720 quilômetros de ferrovia que nós estamos fazendo no Nordeste brasileiro.

Mas a coisa mais gratificante que nós estamos fazendo, para mim, além das ferrovias, Sarney, é o canal do São Francisco. O canal do São Francisco, nós vamos pegar um pouco d'água do rio São Francisco, lá na Bahia, e vamos levar para o estado da Paraíba, para o estado do Rio Grande do Norte, para o



estado de Pernambuco e para o estado do Ceará. Ou seja, nós vamos atender a 12 milhões de brasileiros que moram no semiárido, a região mais pobre do país.

O que é grave é que Dom Pedro tentou fazer essa obra em 1847. Desde 1947... 1847, do tempo do Império, que o Imperador queria fazer esta obra. Não sei por que desgraça não deixaram ele fazer. Certamente, Sarney, quem não deixou ele fazer nunca tinha carregado um pote d'água na cabeça. Nunca, nunca tinha.

Eu não sei... Eu digo todo dia: vocês percebem que eu não tenho pescoço. Na casa que eu morava, lá em Caetés, tinha um açude na frente e eu tinha sete anos de idade, a estrutura óssea não estava nem formada ainda, mas eu era obrigado a carregar pote d'água na cabeça. Aí, meu cocuruto foi afundando, o pescoço ficou só desse tamanho. E eu vejo na televisão gente com pescoço de quatro metros, parecendo uma ema, eu só queria ter metade daquilo, de pescoço. Vocês não sabem, vocês não sabem que eu boto gravata, as pessoas não veem nem o nó, de tanto carregar.

Essas pessoas é que proibiram Dom Pedro a fazer, depois proibiram o Sarney, depois proibiram... Todos os presidentes que quiseram fazer, tinha gente que não queria deixar: hora deputado, a Bahia achava que era dona da água, depois era Sergipe que achava que era dono da água, depois era Alagoas, depois tinha gente que não queria, e nós, então, resolvemos fazer, quase por uma questão de honra. E, hoje, nós estamos fazendo um canal de 642 quilômetros, que vai levar água para todos esses estados que a vida inteira viram o seu povo morrer de seca por falta de água.

Bem, nós, nós aprendemos a fazer, nós aprendemos a fazer. Eu vou deixar a Presidência no dia 31 de dezembro... não, no dia 1º de janeiro, que eu tenho que botar a faixa em alguém. Então, no dia 1º eu vou... dia 1º eu vou terminar o meu mandato. Quando a gente terminar o mandato, quando a gente terminar o mandato é que a gente vai poder fazer uma avaliação daquilo que



foi feito e daquilo que não foi feito.

Certamente, Sarney, você fez muitas avaliações. Porque, muitas vezes, a gente não tem noção do que é governar, porque a gente pensa que é difícil. Se a gente olhasse para a vida interna da gente, para a vida íntima da gente, a gente poderia pegar, marido e mulher, quantas vezes, antes de casar, a gente fez planos. Quantas vezes a gente fez plano de construir a casa, de comprar o carro, de estudar, e quantas vezes a gente vive 20 ou 30 anos e não consegue concluir os nossos sonhos.

Eu estou vendo a Raimundinha aqui, sentada, nossa querida quebradora de coco aqui, do Tocantins, companheira que deve ter planos há 30 anos... Eu acho que ela até teve plano de casar comigo quando eu passei aqui, em [19]93. Ela só bateu palmas porque não ouviu o que eu falei. Mas quantas vezes a gente faz planos e a gente não consegue concluí-los? Porque não depende só da gente.

Então, quando eu terminar o governo, a gente vai poder fazer planos. Eu já pedi, Sarney, uma novidade que nós vamos tirar, no Brasil: cada ministro vai ter que fazer uma prestação de contas, e ele vai no cartório registrar essa prestação de contas, para que a gente possa mandar para todas as universidades, mandar para o Congresso Nacional, mandar para as bibliotecas, mandar para o Movimento Sindical, para que todo mundo, quando quiser saber o que aconteceu de 2003 a 2008, neste país, a 2010, cada centavo gasto, cada metro de asfalto feito, cada mulher que recebeu o Bolsa Família, cada pessoa que recebeu uma casa, cada criança que foi para a escola, a gente vai ter registrado o que aconteceu neste país. Porque a gente quer criar um novo jeito de governar este país. Um novo jeito de governar significa a gente ouvir mais a sociedade e significa a gente prestar contas daquilo que ele fez, porque aí a sociedade está mais sabida, está mais esperta, e a sociedade vai cobrar mais de quem vier depois de mim. Ou seja, não pensem que quem vier depois de mim vai ter capacidade de fazer menos, porque se fizer menos, o povo vai



estar querendo mais.

O povo aprendeu, o povo aprendeu. Porque tinha um pessoal que governou este país e que dizia: “É difícil, é difícil”. Eu posso dizer para vocês: é menos difícil do que eles falavam, é menos difícil do que eles falavam. Ou seja, primeiro, primeiro, este país, para chegar ao ponto em que chegou, para criar 15 milhões de emprego; este país, para fazer com que os trabalhadores tivessem aumento real de salário; este país, para ter 14 universidades novas, para ter 214 escolas técnicas, para ter 118 extensões universitárias; este país, Sarney, nos últimos dois anos, com o Reuni, nós dobramos a entrada de novos alunos na universidade. Nós tínhamos uma renovação de 113 mil e, este ano, foi para 259 mil apenas com o Reuni, mais 704 mil jovens no ProUni, que certamente Tocantins tem muito adolescente fazendo universidade no ProUni, porque não podiam pagar.

Este país mudou, e este país, portanto, não volta mais. Não volta mais ao passado, de obras inacabadas, de obras paralisadas, de falta de projeto. Sabem o Ministro dos Transportes, Sarney, e o Padilha, que quando nós chegamos à Presidência da República, nós gastávamos, por ano, 1 bilhão no Ministério dos Transportes, era o que a gente conseguia contratar e executar: 1 bilhão por ano. Agora, nós estamos gastando 1 bilhão e 300 por mês, não por ano, por mês.

Nós conseguimos fazer quase uma coisa extraordinária no Brasil, que é fazer com que o Brasil pudesse ser o país em que o povo participasse. Quando eu criei o Bolsa Família, acharam que era esmola. Ora, para quem ganhava R\$ 10 mil, R\$ 12 mil, para quem dava R\$ 100,00 de gorjeta, depois de encher a cara em um bar, R\$ 85,00 não vale nada, mas para uma pessoa pobre, R\$ 85,00, R\$ 100,00 vale muito. Quando essas pessoas não conheciam isso, essas pessoas ficavam dizendo que era assistencialismo, que era demagogia, que era populismo. Agora, essas mesmas pessoas estão indignadas. Como é que eles são tão sabidos, tão sabidos, e precisou chegar ao governo um não



tão sabido como eles para fazer o que os sabidos deveriam ter feito e não fizeram, neste país.

Vocês, vocês estão acompanhando a imprensa, vocês veem pela internet, vocês assistem a televisão, vocês ouvem rádio, e vocês veem, às vezes, chega quase a beirar ódio, porque eles ficam torcendo, desde o começo, para o Lula fracassar, Sarney: “Esse peão não pode dar certo. Esse peão não pode dar certo. Ele tem que dar errado, porque se ele der certo, nós estamos desgraçados”. E torceram a vida inteira, torceram a vida inteira.

Chega na época da campanha, vocês já viram: eu já fui vítima do que está acontecendo hoje. Agora, o que eles não percebem é que nós aprendemos, nós aprendemos, o que eles não percebem é que o povo de 2010 não é mais massa de manobra como era o povo de 30 anos atrás. Ele, ele já não pode colocar alguém para mentir e achar que o povo vai acreditar. Eles têm que perceber que o povo está sabendo que quando escrevem coisas erradas é mentira, que quando falam coisas erradas é mentira. Não tem mais aquele negócio: deu, deu na televisão é verdade, acabou. É verdade, quando é verdade. Mas o povo sabe quando é mentira, o povo sabe quando eles estão tentando mistificar coisas, criar coisas novas. E é isso, é isso que está deixando a situação do Brasil, que eles, veja, eles, durante muito tempo, não acreditavam que a economia brasileira fosse chegar do jeito que chegou. Não tem uma revista internacional, uma, seja francesa, inglesa, americana, alemã, que não tenha a capa elogiando a economia brasileira, elogiando a agricultura brasileira, elogiando o governo brasileiro. Eu não... (incompreensível) nada do que está escrito, mas só pela manchete eu já acho bonito.

Agora, daqui eu entendo tudo e percebo como é que tem, às vezes, má-fé, às vezes, má-fé. Porque eu, eu, quando falam mal, que eu estou errado, eu dou a mão à palmatória, porque acho que liberdade de imprensa é uma coisa sagrada, para a gente fortalecer a democracia no nosso país. Agora, a liberdade de imprensa não significa que você pode inventar coisas o dia inteiro.



Liberdade de imprensa significa que você tem liberdade para informar corretamente a opinião pública para fazer crítica política e não, e não o que a gente assiste de vez em quando.

De qualquer forma, de qualquer forma, eu já aprendi muito, já tenho... Eu já tomei tanta chibatada que as minhas costas são mais grossas, as minhas costas são mais grossas do que casco de tartaruga, são mais grossas. Aqui, não adianta bater mais, não adianta bater mais. Se quiser dialogar, tem diálogo; se quiser conversar, vamos conversar. Agora, tem que entender o seguinte: um torneiro mecânico, que tem apenas o quarto ano primário e um diploma de torneiro, conseguiu fazer mais do que muita gente da elite fez neste país.

E esse, Sarney, esse é o grande legado para este povo, esse é o grande legado. Não é um viaduto, não é uma ponte, não é uma estrada. A grande herança que eu me orgulho de deixar é de ter despertado, em cada homem e em cada mulher deste país, do mais humilde, desde o que está colocando dormente aí na estrada até o engenheiro que está lá em cima do vagão, de que todos nós somos iguais. O que nós precisamos é ter oportunidade e saber que todos nós poderemos governar este país. Acabou o tempo em que apenas uma casta podia tudo e a outra não podia nada. Agora, todos nós podemos um pouco, todos nós temos direitos, todos nós temos deveres, todos nós temos compromisso e este país só está crescendo por conta disso. Acabou o tempo... eu ontem falei: faz dois anos que eu faço ato neste país e eu nunca mais vi uma faixa escrito: "Fora FMI". Nunca mais. Vocês estão lembrados de que quando eu não tinha chegado ainda na Presidência e que o governo era outro, vocês estão lembrados que vira e mexe aparecia na televisão uma moça e um homem descendo no aeroporto, ou no Rio de Janeiro ou lá em Cumbica, em São Paulo. "A missão do FMI chegou ao Brasil para dizer o que tem que fazer o governo brasileiro". E aí, toca o governo a cortar despesa, toca o governo a querer mandar funcionário embora, toca o governo a querer privatizar e toca a



querer fazer as coisas tudo ao contrário do que precisava ser feito. Eu tomei posse, arrumei um pouquinho a casa, porque eu sou filho de gente muito pobre, mas a gente gosta das coisas bem arrumadinhas. Eu nunca comprei nada que eu não pudesse pagar! Eu e a Marisa, às vezes, a gente ficava um ano sem trocar uma coisa dentro de casa, mas a gente só trocava quando a gente tivesse dinheiro para trocar. A gente não fazia dívida que a gente não podia pagar.

Quando arrumamos a casa, chamamos o FMI e dissemos: Companheiro, tchau e benção! *“Não, presidente Lula, nosotros não estamos precisando de plata, pode se quedar com o dinheiro”*. Não, nós não queremos dinheiro, não, nós queremos pagar! Eu quero é a minha liberdade, é o direito de andar com a cabeça erguida, é o direito de decidir pelo meu país.

E hoje, quem me deve são eles, porque nós emprestamos na crise americana. Veja, na crise americana, na crise europeia, nós emprestamos US\$ 15 bilhões para o FMI ajudar a eles. Agora, agora, o Brasil está arrumado. Está arrumado, as coisas estão acontecendo, vai acontecer mais. Não será mole, nós temos que estar juntos, eu vou deixar a Presidência, mas não pense que eu vou me esconder, não. Não pense que eu vou me esconder, eu vou andar por este país porque eu quero continuar ajudando o Brasil, é a única coisa que eu aprendi a fazer na vida, aprendi a entender que o povo pobre deste país precisa ser ajudado com mais urgência. A coisa mais barata do mundo é cuidar do povo pobre, o que é caro é cuidar de rico, porque rico, porque rico... É verdade, rico, quando entra no meu gabinete que quer um empréstimo, é logo um bilhão, três bilhão. O pobre, não, Sarney, o pobre quer R\$ 80,00, R\$100,00, R\$ 500,00, R\$ 1.000,00, R\$ 1.500,00. E o que é mais importante é que quando você empresta R\$ 1.000,00 para um pobre, ele paga. Porque o único patrimônio que o pobre tem é a sua honra e a sua cara.

Veja que engraçado: as pessoas muito ricas, vão a uma festa e gostam de dizer: eu devo dez bilhões, eu peguei um bilhão não sei onde, outro bilhão



não sei onde... É chique dizer que deve muito. Mas a gente tem vergonha de dizer que deve, mesmo que seja pouco. Então, a gente... Se tem uma coisa que pobre tem vergonha é de passar na frente da padaria em que compra o pão e ter que baixar a cabeça porque não pode pagar. A gente quer passar, olhar para o dono da padaria e cumprimentá-lo e dizer: “Daqui a pouco eu venho lhe pagar, para continuar levando o seu pão lá para casa”. É coisa de orgulho.

A outra coisa de orgulho para mim é a Educação. Nós melhoramos muito a Educação, ainda falta melhorar muito mais, muito, porque nós temos muita coisa atrasada. Mas é por isso que nós colocamos na nossa nova lei de petróleo que uma parte do dinheiro do petróleo será para cuidar de Educação. Cuidar da educação infantil, cuidar da universidade, cuidar da ciência e tecnologia, para que a gente dê um salto de qualidade.

E eu queria que vocês prestassem atenção: na sexta-feira, às 10h, sexta-feira, dez horas da manhã, eu, o ministro da Fazenda, o presidente da Petrobras, vários ministros, se você quiser ir está convidado, se vocês quiserem ir estão convidados, mas é longe, é lá no centro de São Paulo, na Bolsa de Valores. Diferentemente dos que eu sucedi, que só iam à Bolsa de Valores para vender as empresas públicas, eu vou à Bolsa de Valores para capitalizar a Petrobras. Eu (incompreensível), não sei quanto vai ser a capitalização, só vou dizer uma coisa para vocês: parece ironia do destino. Se existe ironia, essa é uma. Ou seja, poderia ser a China, poderia ser os Estados Unidos, poderia ser a fusão da Microsoft com a General Motors, poderia ser qualquer outra coisa. Mas é exatamente um país que é governado por um torneiro mecânico que vai fazer a maior capitalização da história que a humanidade já conheceu, ou seja, eu que fiz a minha vida política toda dizendo que era socialista, vou fazer a maior capitalização que o mundo capitalista já conheceu. Nós vamos capitalizar a Petrobras, nós vamos colocar ações da Petrobras para vender, para a gente poder explorar o pré-sal, porque nós



passamos uma quantidade enorme de barris de petróleo para a Petrobras. Então, a Petrobras vai ficar mais rica, mais poderosa, mais forte e, conseqüentemente, o Brasil vai ficar mais rico, mais poderoso e mais forte. E se os meus adversários já tinham bronca de mim antes de capitalizar a Petrobras, depois de sexta-feira eu não sei o que eles vão pensar de mim. Não importa, o que importa é o que vocês pensam de mim e o que vocês irão fazer junto comigo.

Parabéns, meu querido Juquinha, parabéns a Valec, parabéns ao estado de Tocantins, parabéns ao estado de Goiás, parabéns, presidente Sarney, pelo começo da Ferrovia Norte-Sul, parabéns, Porto Nacional, e parabéns, povo brasileiro, porque o Brasil aprendeu a gostar de si próprio e não permite mais ser tratado como se fosse de segunda categoria.

Um abraço e até, até... Até quando, Juquinha? Até 20 de dezembro, quando a gente vai vir inaugurar o trecho final, mas antes eu venho inaugurar uma ponte, onde? Onde que é a ponte?

_____ : Araguatins.

Presidente: Araguatins. Antes eu vou vir a Araguatins para inaugurar a ponte.

A ponte de Lajeado? Não, não, claro. Eu vou vir inaugurar. O que estiver pronto, pode deixar que eu posso perder o gol, mas não sou de perder o pênalti, meu filho.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
inserção dos trilhos de ligação entre os estados de Goiás e Tocantins**

Plataforma da Ferrovia Norte-Sul-TO, 21 de setembro de 2010

E agora vai falar com vocês o presidente Lula.

Deixa vir... alguém tem que subir aqui para segurar, Gonçalves. Alguém tem que subir para segurar, aí. Segura aqui. Aí. Não, eu pedi a cadeira, eu pedi a cadeira pelo seguinte: porque eu vou embora daqui, se eu não vir a cara de vocês e vocês não virem a minha cara, a gente vai se encontrar e não vamos nos conhecer. Então, eu estou aqui, alguém fica de olho nesta cadeira porque se a “bichinha” abrir as pernas, eu caio aqui.

Mas, olha, companheiro Alcides,
Companheiros do Ministério dos Transportes,
Companheiros empresários,
Companheiros prefeitos aqui presentes,
Companheiros trabalhadores desta obra,
Povo do Tocantins e povo do estado de Goiás,

Para mim é quase a realização de um sonho a gente ver uma obra da magnitude da Ferrovia Norte-Sul, prestes a acabar o seu primeiro trecho histórico, que era de Açailândia, no Maranhão, até Anápolis, em Goiás. Esta obra, só para vocês terem ideia, sobretudo para as crianças, para os mais jovens, esta obra, ela foi lançada pelo presidente Sarney em 1987, eu era deputado constituinte, e eu, durante muito tempo, fiz crítica a esta obra dizendo que ela ia ligar o nada ao nada.

O dado concreto é que esta obra, em 17 anos, andou apenas 215 quilômetros. A verdade é que vários governos depois não se interessaram pela obra. Quando eu assumi a Presidência, em 2003, eu disse que era necessário



a gente retomar as ferrovias existentes, tentar arrumar aquelas que tinham sido privatizadas e que não estavam tendo serviço e, ao mesmo tempo, tentar fazer um novo traçado para fazer novas ferrovias no Brasil. E a primeira que nós tomamos a decisão de acabar foi a Ferrovia Norte-Sul. É uma ferrovia que vai estar pronta no dia 20 de dezembro, até Anápolis, mas nós, agora, no dia 30 de outubro, já vamos anunciar – porque já foi licitada – a sequência desta ferrovia até Estrela d'Oeste, em São Paulo, ligando o estado de Goiás, o estado de Tocantins, o Maranhão, o Porto de Itaquí ao Porto de Santos.

Mais importante é que a gente também vai levar a Ferrovia até Belém. A gente vai levar até Belém, ligando uma outra capital do país. E, mais importante, é que na semana que vem nós vamos à Bahia anunciar também a Ferrovia Oeste-Leste, que sai do Porto de Ilhéus e vai chegar – qual é a cidade? – a Figueirópolis, aqui em Tocantins, ligando a Ferrovia Norte-Sul e a Ferrovia Oeste-Leste. E aí a gente vai fazer como se fosse uma espinha de peixe, com uma grande ferrovia atravessando todo o território nacional e várias ferrovias ligando a Norte-Sul a outros estados.

Nós também já estamos fazendo 1.720 quilômetros de ferrovia, ligando Pernambuco ao Ceará – o Porto de Suape ao Porto de Pecém –, passando por Eliseu Martins, no Piauí, para pegar a soja e depois indo até Alagoas e indo... São quase 500 quilômetros, passando por Sergipe e por Alagoas.

Tudo isso significa, mais ou menos, quase 6 mil quilômetros de ferrovias que nós pretendemos, até 2012, 2013, estar terminando no Brasil. Isso vai ser importante porque vai baratear o custo da produção, vai ajudar os produtores rurais, vai ajudar os empresários e vai significar o quê, que é mais sagrado? Vai significar desenvolvimento, que vai significar mais empregos, que vai significar mais salário, que vai significar mais poder de compra, e que vai significar a melhoria da qualidade de vida do nosso povo.

Então, meus queridos e minhas queridas companheiras, é uma alegria. Aqui não estava previsto discurso. Aqui era só para descerrar a placa, mas



vendo um bando de companheiros e companheiras aqui, que saíram das suas casas e vieram para cá, a gente não dar uma palavrinha, não valia a pena a gente ter vindo aqui.

Agora... nós vamos pegar aqui, agora, o avião, vamos até... até onde? Nós vamos até Palmas agora, até Palmas, vamos inaugurar um outro trecho, vai ter um ato lá, e, no dia 20 de dezembro, preparem uma grande festa, que nós vamos inaugurar a Ferrovia Norte-Sul até Anápolis e começar um outro trecho.

Companheiros e companheiras... Ele, vejam, o Gaguim, o Gaguim... o Governador não pôde vir porque, como ele é candidato, a lei eleitoral proíbe ele de estar em ato institucional. Mas, de qualquer forma, eu quero agradecer aos dois governadores pela colaboração que tiveram, quero agradecer aos nossos engenheiros, aos nossos empresários, mas, sobretudo, agradecer ao povo “porreta” que trabalhou carregando trilhos, colocando brita, colocando dormente e produzindo dormente. E parabenizar... E a nossa prefeita aqui, aqui.

Então, gente, olhe, um abraço. Que Deus abençoe vocês, que Deus abençoe, e vamos... Marisa ficou em casa, o meu xodozinho. Se a galega tomar um sol desses aqui, a bichinha derrete. A bichinha... a bichinha é lá de São Bernardo.

Gente... não pode... Gente, um abraço, um abraço, um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva às visitas e assinatura da ordem de serviço para finalizar as obras de rebaixamento da Linha Férrea de Maringá

Maringá-PR, 23 de setembro de 2010

Bem, meus queridos companheiros de Maringá,
Meus queridos companheiros do estado do Paraná,
Meus queridos companheiros prefeitos e prefeitas aqui do estado do Paraná,

Estudantes,

Atletas,

Futuros atletas,

Mulheres e homens desta região extraordinária do nosso país,

Meu querido companheiro Orlando Pessuti, governador do estado do Paraná, e sua senhora, Regina Fischer,

Meus caros companheiros Mauro Barbosa, ministro dos Transportes; Paulo Bernardo, do Planejamento e Gestão; Orlando Silva, do Esporte; e Orlando [Alexandre] Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais,

Meu caro Silvio Magalhães Barros, prefeito de Maringá, por intermédio de quem cumprimento todos os companheiros,

Meu caro vereador Hossokawa, presidente da Câmara Municipal de Maringá,

Meu caro Pagot, presidente [diretor-geral] do DNIT,

E nosso querido – na verdade, herói, porque aquela imagem dele com a bandeira do Brasil jamais será apagada das nossas mentes –, nosso companheiro Vanderlei Cordeiro, nosso maratonista, em nome de quem eu cumprimento todos os atletas presentes,



Bem, não poderia ser melhor para um presidente da República do que terminar a primeira parte da sua visita a uma cidade como Maringá no Ginásio de Esportes, discutindo investimentos em esporte. Nós viemos aqui... vamos fazer uma pista de esquite para o companheiro aí que está... uma pista de esquite com capacete e tudo.

Bem, nós, depois de visitarmos a Ferrovia e depois de visitarmos o Contorno, estamos aqui neste extraordinário ginásio. O ginásio que, queira Deus, venha possibilitar que da cidade de Maringá saiam algumas dezenas ou centenas de atletas brasileiros que atingirão a média para participar das Olimpíadas de 2016. Mas mais importante é que Maringá seja uma espécie de elo motivador para que outras cidades criem as suas Praças Olímpicas e para que cada cidade do Paraná e cada cidade do Brasil leve muito a sério que as Olimpíadas são um marco que pode dividir muito a história do esporte no Brasil de antes e depois das Olimpíadas.

Nós jamais seremos uma grande potência esportiva se a gente não tratar o investimento em esporte como uma decisão do Estado brasileiro, como uma decisão do governo, porque a iniciativa privada tem um comportamento extraordinário, mas ela cuida mais do atleta pronto, do atleta acabado, do atleta que dá retorno financeiro, do atleta que serve publicidade, e nós precisamos cuidar do atleta antes de ele ser atleta, antes de ele ser famoso, antes de ele ter nome na praça. E somente o Estado é que pode fazer isso, somente a Prefeitura é que pode fazer isso, somente o governo do estado é que pode fazer isso e somente as empresas públicas é que podem fazer isso.

E não existe nada de errado, nem a privada ter a preocupação de fazer e nem a pública ter quase que a obrigação de fazer, porque é muito difícil. Às vezes, a gente vê um atleta nosso disputando as Olimpíadas, a gente fica orgulhoso de vê-lo com a roupa da Seleção Brasileira, a gente fica querendo que ele ganhe; se ele erra, a gente fica nervoso. E a gente nunca parou para perguntar como é que é a vida daquele atleta, como é que ele chegou aqui,



como é que ele treinou, quem pagou salário para ele, quem sustentou ele... Às vezes, até o tênis que eles têm teve que comprar para pagar à prestação, porque não tinha dinheiro para ter um tênis.

Nós, então, resolvemos mudar essa situação e, por isso, nós criamos o Bolsa Atleta; por isso, nós incluímos no Bolsa Atleta todos os atletas paraolímpicos, porque os paraolímpicos, aqueles portadores de deficiência que participaram das Olimpíadas na China, foram motivo de orgulho para o Brasil tanto ou mais do que os atletas que não tinham nenhuma deficiência.

Mas hoje também é um dia gratificante. Gratificante porque o IBGE acaba de divulgar uma coisa importante, Pessuti: em agosto, o salário médio dos trabalhadores brasileiros foi o maior dos últimos oito anos, a média de R\$ 1.472,00. E uma outra notícia importante também divulgada agora pelo IBGE: o desemprego é o mais baixo dos últimos anos, 6,7%. É engraçado, porque a minha geração nunca acreditou que a gente pudesse ter um desemprego de apenas 6,7%. Isso era coisa da Europa, isso era coisa para os Estados Unidos. Hoje, os Estados Unidos estão a 10[%], a Europa está a 10[%], a Espanha está a 20[%], e o Brasil está a apenas 6.7%. Isso era considerado, Pessuti, isso é considerado, na Europa, como pleno emprego, e nós sabemos que ainda temos muita coisa para fazer neste país.

Uma coisa que nos deixa alegres, Pessuti, é que quando, no dia 1º de janeiro, eu estiver entregando a Faixa para quem assumir a Presidência da República, eu estarei meditando sobre o que aconteceu neste país no meu governo. Primeiro, eu cheguei ao governo, e muita gente torcendo, dizendo que eu não ia dar certo porque eu não tinha diploma universitário, eu não tinha estudado Sociologia, Engenharia, Medicina, não era fazendeiro, não era empresário. Como é que poderia um simples torneiro mecânico querer governar o Brasil? E ficaram torcendo para eu não dar certo. Quando eu criei o Bolsa Família, começaram a dizer que o Bolsa Família era uma esmola. Quando nós fizemos o programa Luz para Todos, diziam que o Estado não



deveria se meter. Quando nós começamos a cuidar da agricultura familiar, disseram que a gente estava querendo dividir o mundo e o Brasil. Qual é o resultado hoje deste país?

Eu queria, Pessuti, que você prestasse em um número que eu vou citar. Eu, a vida inteira, fiz discurso dizendo que eu era socialista, e isso causava pânico em muita gente, muita gente tinha medo. Quando a gente falava em socialismo, muita gente logo pensava em Cuba, logo pensava na Rússia, logo pensava em não sei onde. Mas as pessoas tinham medo. E veja que engraçado, eu tinha na cabeça uma tese: se este país é um país capitalista, onde está o capitalismo deste país? Porque não era possível você ter uma sociedade de economia capitalista se você não tivesse crédito, se você não tivesse financiamento. E vejam o que aconteceu no Brasil com este metalúrgico e com a ajuda de vocês, e com a ajuda de vocês: o crédito que o Brasil tinha para o Brasil inteiro, para 190 milhões de brasileiros era de apenas R\$ 380 bilhões. Esse era o crédito que o Brasil tinha para 190 milhões de brasileiros: R\$ 380 bilhões. Hoje, Pessuti, sabe quanto é o crédito? Um trilhão e seiscentos bilhões de reais neste país. Hoje, somente o Banco do Brasil tem, de crédito, tudo aquilo que o Brasil tinha em 2003. A Caixa Econômica Federal, ela só tinha 5 bilhões para financiar casas. Este ano, vamos terminar com mais de R\$ 70 bilhões de financiamento de casas. O crédito para agricultura foi o maior da história deste país; o crédito para a safra 2010/2011 foi de R\$ 116 bilhões: cem bilhões para o agronegócio e 16 bilhões para a Agricultura Familiar e para o Pronaf. Quando nós chegamos, eram apenas R\$ 2 bilhões.

Então, muita gente pergunta: O que está acontecendo no Brasil? É sorte? Não, não é sorte. Nós criamos uma coisa chamada crédito consignado, que era para emprestar dinheiro para quem não podia nem entrar em um banco, para os pobres que não podiam entrar em um banco. Vocês sabem quanto, sabem quanto tem hoje emprestado para os pobres deste país? Cento e vinte e nove bilhões de reais. É a maior linha de crédito para pessoa física



que nós temos no Brasil, é o crédito consignado.

E nós não poderíamos deixar de recepcionar as extraordinárias meninas do vôlei brasileiro, que estão aqui... acho que vão jogar amanhã, vão jogar... era bom vocês subirem aqui para todo mundo ver vocês. Pelo menos para as pessoas verem como vocês são baixinhas diante de mim, aqui. Olhem, essas meninas amanhã vão jogar... amanhã ou domingo, contra os Estados Unidos? Sábado e domingo contra os Estados Unidos. Lamentavelmente, o ginásio que elas vão jogar, por conta de problema de licitação – porque foi feita a licitação e foi anulada –, não vai ter o ar condicionado que a gente esperava que tivesse no ginásio ainda, mas no próximo jogo, quem sabe, eles terão aqui... elas terão o ar condicionado necessário para continuarem ganhando o que elas ganharam de título com a camisa da Seleção Brasileira.

Olhem, eu, sinceramente, queria terminar só dizendo para vocês o seguinte: Amanhã, além de as nossas meninas, sábado, derrotarem os Estados Unidos... sábado e domingo; e depois de domingo, também derrotar outra vez, e depois de depois de domingo... Porque ontem eu estava dizendo que houve um tempo em que o Brasil ia jogar contra os Estados Unidos – não faz muito tempo – tanto o masculino quanto o feminino, tanto o vôlei quanto o basquete, e a gente ficava na televisão já achando que a gente era inferior e que a gente iria perder o jogo, não é isso? Eram Estados Unidos, Rússia, Japão, Cuba – eu lembro das brigas homéricas que a Seleção brasileira tinha... a Mireya, isso.

Pois bem, então, houve um tempo em que o Brasil se achava inferior, o Brasil ia jogar a gente já sabia, ficava na televisão: “Ah, as meninas vão jogar com a Rússia? Já perdemos. Vão jogar com Cuba? Já perdemos. Vão jogar com os Estados Unidos? Já perdemos”. Valia também para o basquete, valia para a seleção masculina. O que acontece hoje, depois que o Brasil resolveu profissionalizar o vôlei, que agora está profissionalizando o basquete? O que a gente agora vê? Não é mais o Brasil que tem medo de jogar com os Estados



Unidos ou com a Rússia; são eles que têm medo de jogar com as meninas do Brasil e com os meninos do Brasil, porque o centro de treinamento dessas meninas lá em Saquarema, no Rio de Janeiro, é o que existe de melhor, eu diria, acho que no mundo. E depois, eles foram profissionalizados, essas pessoas precisam ganhar alguma coisa para sobreviver, precisam comer bem e treinar bem.

Por isso eu acho que todos nós temos que, com muito orgulho, tirar o chapéu para essas meninas do vôlei brasileiro, que são motivos de orgulho. E vocês podem ficar tranquilas, que vocês são motivo de orgulho mesmo quando vocês perderem uma partida. Nós estamos aprendendo que ganhar é o objetivo, mas se a gente não ganhar, a gente tem que respeitar o adversário. Como o Coringão, que ontem bateu no Santos, e a gente tem que ter noção de como foi importante.

Mas eu queria dizer para vocês uma coisa... eu não quero segurar a Seleção aqui, porque elas têm que treinar para amanhã... ou melhor, treinar para sábado. Mas eu queria que vocês ouvissem uma coisa que vai acontecer no Brasil amanhã: amanhã, às 10h da manhã, meu caro Prefeito e meu caro Governador, eu estarei na Bolsa de Valores de São Paulo. E amanhã nós vamos fazer uma coisa que nunca aconteceu. Eu estou acostumado a dizer “nunca antes na história do Brasil”. Eu poderia dizer para essas meninas: Nunca antes na história da Humanidade, nunca antes na história do capitalismo aconteceu o que vai acontecer amanhã na Bolsa de Valores de São Paulo. Nós vamos capitalizar a Petrobras por conta do pré-sal, e vai ser a maior capitalização já feita na história da Humanidade. A maior até agora foi feita na China e valeu US\$ 27 bilhões. A nossa não será menos do que US\$ 70 bilhões, e isso vai acontecer amanhã, e aí, quem sabe, a Petrobras possa até ajudar a patrocinar mais a Seleção de vôlei.

Então, amanhã vai ser um acontecimento histórico neste país, e vai ser um acontecimento histórico também porque nós, agora, completamos 704 mil



alunos que passaram pelo ProUni, ou seja, foi o maior, foi o maior programa de bolsa de estudos já feito neste país, sobretudo para as jovens e os jovens da periferia deste país. E logo depois das eleições – eu não quero fazer agora para não dizerem que é uma coisa de eleições – nós vamos apresentar o Fies, que é um programa de financiamento de bolsa, e vai ser um programa de financiamento que eu acho que vai ser um dos mais importantes do mundo, porque nós não queremos deixar que nenhuma jovem e nenhum jovem neste país deixem de estudar por falta de dinheiro. Nós queremos garantir o crédito e queremos garantir também aquele que vai garantir o crédito.

No mais, Prefeito, eu quero dar os parabéns pelas obras de Maringá, e pode ficar certo de que Maringá sempre será exemplo de cidade que nós sonhamos para todo o Brasil. Só tem uma coisa que eu vou sair daqui sem explicação, Prefeito: É por que o Paulo Bernardo não trata a minha Garanhuns, lá em Pernambuco, com o mesmo amor que ele trata Maringá. Porque eu fico olhando a quantidade de dinheiro que tem de obras aqui – são quase que R\$ 322 milhões de obras aqui –, e na minha Garanhuns não foi sequer um centavo. Então... E ele não é de Maringá, ele é de Ribeirão Preto. E, depois, não mora aqui, mora em Londrina. Eu quero saber qual é a paixão dele por Maringá. Eu vou... Não devem ser os belos olhos do Prefeito, não deve ser a simpatia do Pessuti, mas, sobretudo, deve ser a grandeza de administrador que é o companheiro Paulo Bernardo, que sabe que um contorno ferroviário aqui é necessário para esta cidade. Aqui aconteciam muitos acidentes e, com essa obra, nós vamos diminuir em muito os acidentes.

Um beijo e até outro dia, se Deus quiser. Parabéns, Prefeito.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de fechamento da operação de capitalização da Petrobras e início do pregão da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa)

São Paulo-SP, 24 de setembro de 2010

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu querido Guido Mantega, ministro da Fazenda,
Márcio Zimmermann, ministro de Minas e Energia,
Alexandre Padilha, ministro de Relações Institucionais,
Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação [Social],

Meu caro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras, e quero, José Sergio, aproveitar e cumprimentar toda a diretoria da Petrobras que está aqui presente,

Meu caro Edemir Pinto, diretor-presidente da BM&F, por intermédio de quem cumprimento todos os diretores dessas instituições,

Quero saudar os membros do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República, aqui presentes,

Quero saudar os diretores de bancos aqui presentes: do Banco do Brasil, do Bradesco – com quem eu estive agora –, do BNDES, da Previ,

Quero cumprimentar meus companheiros dirigentes sindicais aqui presentes,

Cumprimentar a imprensa,

E dizer para vocês que eu quero, em primeiro lugar, agradecer a Deus por estarmos vivendo este momento. Eu acho que Deus foi muito generoso neste momento, não pessoalmente comigo, mas com o Brasil, com o povo brasileiro, que há muito tempo esperava a chance de ser respeitado no mundo como nós somos hoje. E isso se deu à custa de muito trabalho. Muito trabalho,



e eu quero manifestar a minha alegria em comparecer a esta Bolsa, no momento em que ela se torna um ponto de referência de um singular capítulo do desenvolvimento brasileiro.

É importante lembrar que eu vim aqui em 2003. A Bolsa de Valores movimentava naquele tempo, quem sabe, 200 bilhões por ano. Hoje a Bolsa está movimentando quase 2 trilhões por ano, quase 2 trilhões. A Bolsa tinha o equivalente a 14 mil pontos em 2003. Hoje ela tem 70 mil pontos, ou seja, a mudança foi extraordinária. Portanto, eu quero que vocês saibam que o Brasil está muito orgulhoso do Brasil neste dia 24 de setembro, na primavera de 2010.

Nós estamos participando da maior oferta de ações já registrada na história econômica mundial que acontece aqui nesta Bolsa verde e amarela, com uma empresa em cujo nome reluz o interesse nacional: a nossa querida Petrobras.

Ao contrário do passado, não estamos aqui para debilitar o Estado ou alienar o patrimônio público. Um Estado fraco nunca foi sinônimo de uma iniciativa privada forte. O que se materializa aqui é a decisão soberana de uma sociedade de capitalizar o seu futuro, o futuro do seu sistema produtivo em benefício das gerações do presente e das gerações que virão depois de nós.

No próximo 3 de outubro, a festa democrática das urnas coincidirá com a festa histórica dos 57 anos de existência da nossa Petrobras. Maior empresa da América Latina, uma das maiores companhias do mundo, a Petrobras é um trunfo extraordinário para o desenvolvimento do Brasil.

É preciso lembrar que em nenhuma crise internacional nossa economia ficou sem petróleo. A consciência política de sucessivas gerações criou esse patrimônio público estratégico, soube defendê-lo quando esteve ameaçado, e consolida hoje um novo marco histórico com essa capitalização.

O empenho extraordinário que nos levou à autossuficiência pavimentou a descoberta dos campos do pré-sal e comprovou, mais uma vez, a



competência brasileira para explorar essa riqueza com tecnologia de ponta sem equivalência no mercado internacional. A maior descoberta de petróleo dos últimos 30 anos permite-nos agora ampliar o canteiro de obras do presente e fortalecer os alicerces do futuro.

A capitalização é uma das salvaguardas criadas pelo governo para evitar que essa riqueza se perca num labirinto de desperdícios e interesses equivocados. Seu destino é sagrado. Trata-se de impulsionar a competitividade do sistema econômico para garantir um longo ciclo de desenvolvimento, capaz de erradicar de vez a pobreza na vida do nosso povo. Mas, sobretudo, trata-se de universalizar a educação pública de qualidade que garanta um mesmo ponto de partida para todos os filhos da nossa terra.

Nunca tínhamos assistido a uma convergência feliz como essa, de uma economia com a base industrial que temos e uma reserva estratégica de recursos com a dimensão do pré-sal. Não por acaso a palavra Brasil se apresenta hoje aos olhos e ouvidos do mundo como sinônimo da fronteira mais promissora do desenvolvimento no século XXI. Tivesse emergido em outros tempos, esse patrimônio poderia ter sido alienado; alienado na voragem de liquidações impostas pelo estrangulamento de uma economia fragilizada e no vazio de um Estado dissociado dos interesses nacionais. Hoje, ao contrário, é uma riqueza que se incorpora naturalmente à solidez de um percurso em marcha. O investimento produtivo bate recordes e lidera a expansão de nossa economia; a infraestrutura retornou à agenda das prioridades nacionais; multiplicam-se cada vez mais os canteiros de obras por todas as regiões; o emprego, o crédito, a demanda avançam em sintonia com um inquebrantável compromisso de solidez monetária e fiscal.

O que temos em mãos é superior a todas as oportunidades que já foram propiciadas pela nossa história. Somos protagonistas privilegiados dos sonhos e projetos pelos quais tantos brasileiros e brasileiras se mobilizaram e não poucos deram a própria vida: o sonho de um Brasil de todos. Estamos muito



mais confiantes. O país que todos nós herdamos chegará mais próspero, livre e justo aos que vierem depois de nós.

Eu quero – meu querido Gabrielli, meu querido Estrella, que eu vi aqui agora há pouco, que é o nosso diretor que vai buscar o petróleo lá embaixo, no fundo – contar aos companheiros da Bolsa o dia que me liga o Gabrielli e diz que tem uma grande novidade para me contar, e marca uma data comigo em Brasília. E às sete horas da noite chegam o Estrella e o Gabrielli na minha sala, com um monte de papel, para dizer que tinham descoberto um tal de petróleo numa tal de camada pré-sal. E me mostraram os mapas, os estudos, e disseram que esse petróleo estava a mais de seis mil metros de profundidade, e pediram para eu não contar para ninguém, que eles não iam contar para ninguém. Então eu fui para casa, não contei nem para a Marisa. No outro dia, eu li o jornal, estava no jornal. Essa tal de “fonte” conseguiu dizer para o Brasil o que eu não queria dizer para a dona Marisa.

De lá para cá, eu quero dizer para vocês que foram momentos gloriosos: momentos de autoafirmação da Petrobras enquanto empresa tecnologicamente competitiva; a afirmação da engenharia da Petrobras; a afirmação dos técnicos da Petrobras, dos nossos geólogos; a afirmação dos funcionários. Eu, quando pus esta camisa aqui, era para que não fosse apenas o Presidente da República falando. Faz de conta que aqui está um trabalhador da Petrobras que está na plataforma agora; ou um daqueles mais humildes que está fazendo limpeza; ou, quem sabe, alguém que está trabalhando em algum pregão do mundo a esta hora, gritando que nem um maluco naquele megafone: “Sobe, desce, vale tanto, perdi, ganhei...” Eu, se fosse trabalhar no pregão, ficava louco, ou iria ser pastor evangélico, que a gente fala menos e grita menos.

Mas, de qualquer forma, eu queria que vocês soubessem que a alegria de estar aqui não tem tamanho. Não tem tamanho porque... eu estava vendo o Presidente da Bolsa falar, estava ouvindo o discurso dele e estava imaginando: quem diria que eu viria à Bolsa de Valores ouvir o que eu ouvi aqui hoje. Isso



só pode ser uma dádiva de Deus. Só pode ser uma dádiva de Deus porque, dez anos atrás eu passava aqui na porta da Bolsa, as pessoas tremiam de medo: “Onde é que vai esse comedor de capitalismo?”. E exatamente esse comedor de capitalismo deixa a Presidência da República, depois de oito anos, como o Presidente que participou, de forma honrosa – com o Presidente da Petrobras, com o Presidente da Bolsa, com o Vice-Presidente da República, com o Ministro da Fazenda, o Ministro de Minas e Energia e com vocês –, do momento mais auspicioso do capitalismo mundial. E aí, Guido, a gente tem que dizer o seguinte: nunca antes na história da Humanidade nós tivemos um processo de capitalização da envergadura que a nossa Petrobras está fazendo aqui hoje.

Para alguns, para alguns parece pouco; para outros parece nada. Para mim parece tudo o fato deste ato estar se dando numa Bolsa com a cara verde e amarela, chegar aqui com a bandeira verde e amarela, e dizer ao mundo: não foi em Frankfurt, não foi em Londres e não foi em Nova Iorque. Foi em São Paulo, na nossa Bovespa, que a gente consagrou o maior processo de capitalização da história do capitalismo mundial.

Um grande abraço. Parabéns à Petrobras, parabéns à Bovespa, e parabéns ao povo brasileiro porque nós fizemos por merecer chegar a este momento. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da primeira planta industrial de eteno verde do
Brasil**

Triunfo-RS, 24 de setembro de 2010

Antes de ler o meu discurso aqui, eu queria dizer ao povo gaúcho torcedor do Internacional, que se prepare que o Coringão está vindo aí, se prepare. Podem botar a mão no bolso, comprar o seu ingresso para ver o Internacional. Eu vou torcer para dar empate, Olívio, porque eu sou torcedor do Internacional, então, quando o Corinthians joga aqui, eu torço para dar zero a zero, para ninguém se preocupar...

Bem, eu quero cumprimentar o companheiro Olívio Dutra, nosso querido ex-prefeito, ex-governador do estado do Rio Grande do Sul, ex-ministro das Cidades, ex-deputado constituinte junto comigo, ex-sindicalista junto comigo. Ou seja, quero, Olívio Dutra, dizer que é uma alegria tê-lo aqui presente neste ato.

Segundo, eu quero cumprimentar os companheiros ministros que estão comigo, não vou dizer os nomes deles porque ninguém é candidato a nada.

Quero cumprimentar o prefeito de Triunfo, Pedro Francisco Tavares,

Quero cumprimentar o Emílio Odebrecht, e cumprimentando o Emílio eu queria cumprimentar todos os companheiros diretores da Braskem e da Odebrecht aqui presentes,

Quero cumprimentar o Paulo Roberto e a Graça, da Petrobras,

O nosso Miguel Rossetto, da Petrobras Biocombustível, que ele chamava de Pbio,

Quero cumprimentar o nosso companheiro, o companheiro Marcelo. Eu vou cumprimentar pai e filho, porque o pai trabalha nas indústrias e o filho vai ter que construir o estádio do Corinthians logo, logo.



Quero cumprimentar o companheiro Mescolotto, aqui, diretor-presidente da Eletrosul,

O companheiro Bernardo Gradin, presidente da Braskem,

Quero cumprimentar a companheira Inácia (incompreensível), coordenadora da Pastoral da Criança do Rio Grande do Sul,

Quero cumprimentar o Júlio Marques Miranda e a Graziela Teixeira, por meio dos quais cumprimento todos os funcionários,

Quero cumprimentar a imprensa,

Cumprimentar os fornecedores e os clientes da Braskem,

E dizer para vocês que foi com muita alegria que nós estamos, nesta primavera de 2010, inaugurando, finalmente, essa fábrica que vai produzir o primeiro balde verde, o primeiro carro verde, a primeira tigelinha de limpar arroz verde. Ou seja, eu lembro o dia em que o Emílio entrou na minha sala, há uns três, quatro anos, e o Emílio disse: “Presidente, eu vim aqui para lhe comunicar que a Braskem vai, junto com uma empresa automobilística japonesa, Toyota, a gente vai poder produzir o primeiro carro verde do mundo”. E dito isso, eu falei para o Emílio: Emílio, então, é o seguinte, você me traz um modelo de um carro aí para eu poder fazer divulgação disso, já que eu viajo o mundo, cada vez que eu chegar lá eu mostro o carro verde; e ele me levou um carro branco. E eu ficava imaginando como é que era possível as pessoas mais humildes do Brasil ficarem vendo o seu Presidente falar que o Brasil iria produzir o primeiro carro verde do mundo e apresentava um carro branco? Tentei convencê-lo a pintar um carro verde para eu andar com o carro, até que não foi possível, e a fábrica está pronta agora, certamente nós vamos ter o primeiro carro verde; quando a Toyota fizer o carro, certamente ela vai pintar de verde, e eu espero poder comprar o primeiro carro verde que a Toyota vai vender no mercado brasileiro.

Queria dizer, companheiros, que eu sinto uma imensa alegria ao



constatar que, mesmo após quase oito anos como Presidente da República, ainda me surpreendo positivamente com a capacidade de nossa indústria, de nossa tecnologia e de nossos trabalhadores. Como já foi dito aqui, o Brasil está sendo pioneiro mundial na produção em larga escala de polietileno verde e certificado, e mostra ao mundo que o etanol pode encontrar um espaço importante mesmo em setores que antes dependiam unicamente do petróleo. Estou certo de que esse pioneirismo não ocorre por acaso. Ele acontece porque o Brasil aprendeu a conciliar suas riquezas naturais de solo e clima com intensos investimentos em pesquisa e tecnologia.

Fomos, afinal, um dos primeiros países do mundo a investir pesadamente em combustíveis renováveis. Estou falando de um volume de recursos e incentivos estatais superior a US\$ 16 bilhões que, aplicados, desde 1975, nos colocaram na vanguarda mundial da agroenergia.

O fato é que temos a indústria sucroalcooleira mais eficiente do mundo e produzimos hoje de sete a oito mil litros de álcool por hectare, cerca de quatro vezes mais do que a média de dois mil litros nos anos 70.

O álcool da cana-de-açúcar já substituiu 53% da gasolina utilizada em automóveis, no nosso país, ocupando menos de 1% da área agrícola brasileira. Temos a maior frota de veículos movida à base de etanol em todo o mercado internacional e somos o segundo maior produtor mundial de etanol.

Nosso país criou, ao longo de décadas, uma cultura que nos alçou ao posto de uma potência mundial da agricultura, da agroenergia e das fontes de matérias-primas renováveis. E esta cultura rapidamente se transformou, também, em cultura da sustentabilidade.

A verdade é que, aliando experiência e tecnologia a nossos recursos naturais, sabemos que somos um povo com mais condições de dar respostas consistentes aos desafios ambientais do século XXI. Uma dessas respostas, tenho certeza, está sendo dada com a implantação dessa linha de polietileno verde.



A partir daqui, do Rio Grande do Sul, a Braskem vai mostrar a todo o mundo que o plástico poderá ter no etanol uma matéria-prima tão eficiente como é o petróleo. E com a vantagem de ele ser renovável e não gerar, em seu processo produtivo, gases de efeito estufa.

A indústria brasileira está dando, mais uma vez, a prova de seu caráter inovador. Ao mesmo tempo em que aposta em uma matéria-prima na qual temos incontestável vantagem competitiva, está possibilitando que transformemos nossas *commodities* agrícolas em bens com valor agregado cada vez maior.

O que está ocorrendo aqui, enfim, é uma ampliação dos horizontes de nossas possibilidades produtivas. E essa ampliação decorre de nossas próprias competências e da confiança depositada pela Braskem no Brasil e no povo brasileiro.

Quero, aliás, lembrar que este pioneirismo da Braskem reafirma a vocação de seus dois grupos controladores, de duas empresas das quais temos muitas razões para nos orgulhar. Estou falando da Odebrecht, responsável por alguns dos nossos maiores feitos no que se refere à infraestrutura e à indústria de base e por tornar a engenharia brasileira conhecida e respeitada em todo o mundo. E também da nossa querida Petrobras, que talvez seja um dos maiores patrimônios de cada cidadão brasileiro e cuja atuação tem demonstrado, ao longo da história, a nossa capacidade de construir um país mais desenvolvido, livre e soberano.

Estou certo de que essa virtuosa parceria entre duas de nossas maiores empresas públicas e privadas foi um dos ingredientes mais importantes para o sucesso a que estamos assistindo hoje.

Igualmente importante, contudo, foi a competência e a dedicação de cada operário, cada engenheiro, cada gestor que participou da construção desta planta que consolida nossa posição de vanguarda no uso do etanol. E que aumentará, ainda mais, a autoestima que sentimos por sermos brasileiros.



Eu quero, companheiro Emílio, companheiro Marcelo, companheiros diretores da Braskem, companheiros diretores da Petrobras, convidados e amigos da imprensa, eu penso que hoje, o dia 24 de setembro de 2010, vai ficar marcado na história do nosso país. Algumas coisas aconteceram de ontem para hoje, que nos trazem muita alegria.

Primeiro, ontem nós conseguimos, na Bolsa de Valores, a primeira PPP em um projeto de irrigação no Brasil, uma coisa que estávamos tentando há muitos anos e, finalmente, nós conseguimos fazer a primeira PPP na área de irrigação. Ontem, quando o ministro João Santana me disse, no aeroporto, eu disse: Isso é pouco, diante do que vai acontecer amanhã.

E hoje pela manhã eu tive o prazer de ser o presidente do Brasil em um momento, eu diria, que será inesquecível para os brasileiros, para a Petrobras, para os petroleiros e, eu diria, para todos nós que amamos este país. Hoje de manhã nós fomos à Bolsa de Valores capitalizar a Petrobras. E a Petrobras teve, hoje, um dia de gala. Primeiro, o orgulho de que a gente não foi fazer na Bolsa de Nova York, como habitualmente seria recomendável, entre aspas, por alguns. Nós fizemos na Bolsa de Valores em São Paulo, com a bandeira verde e amarela pendurada lá, para anunciar a maior capitalização da história do capitalismo mundial de todos os tempos.

E a Petrobras, certamente - em muitos projetos, sócia da Braskem -, a Petrobras, certamente, logo, logo, será a segunda empresa em importância, em valorização do mundo, perdendo apenas, na área do petróleo, para a Exxon, me parece, não é? Por enquanto, logo, logo eles querem passar à frente. E foi um momento histórico, porque eu ouvia, Emílio, o presidente da Bolsa dizer que quando... você sabe que eles tinham muito medo de mim. Quando eu era sindicalista, que a gente fazia passeata ali, no centro de São Paulo, eles fechavam a porta da Bolsa com medo do Lula fazer alguma coisa; coisa que eu não ia fazer nada, até porque eu não ia entrar na Bolsa. Mas eu percebi que eles tinham um certo medo de mim, e é com muito orgulho, assim,



com a generosidade que Deus, acho que teve comigo, é que a gente movimentava US\$ 200 bilhões por ano quando eu cheguei à Presidência, Emílio, e agora nós movimentamos R\$ 2 trilhões. Ou seja, são algumas dezenas de vezes mais do que aquilo que a gente movimentava; então, fiquei muito orgulhoso, porque a Petrobras está mais forte, na verdade, o que nós fizemos foi capitalizar o povo brasileiro, porque o petróleo no pré-sal não é mais da Petrobras, não é mais das empresas, é do povo brasileiro, e a gente vendeu para eles uma quantia equivalente a 5 bilhões de barris, foi isso que nós capitalizamos.

Então, na verdade, o que nós fizemos foi fortalecer 190 milhões de brasileiros através da nossa querida Petrobras. Então, foi um dia gratificante. E mais gratificante ainda terminar o dia, quando a gente vê aqui uma empresa brasileira, com tecnologia brasileira, com pesquisador brasileiro, com trabalhador brasileiro, com matéria-prima brasileira, a gente poder mostrar ao mundo: “aquilo que vocês falam, nós fazemos”. Porque eu fui a Copenhague, em dezembro do ano passado, participar da COP 15, para discutir a questão do clima e, de repente, todo mundo falava, falava, falava e o Brasil foi o país que chegou lá com a proposta mais consequente e a proposta mais séria. O Brasil assumiu um compromisso de diminuir o desmatamento da Amazônia em 80% até 2020 e de reduzir a emissão de gás de efeito estufa de 36% a 39% até 2020. A Europa, que parecia que era a “bambambã” para despoluir o mundo, chegou lá oferecendo apenas 20%; os Estados Unidos chegaram oferecendo apenas uma diminuição de 4%, e na hora de colocar dinheiro, na verdade, eles não querem colocar dinheiro, porque eles querem que um país recém-industrializado tenha a mesma responsabilidade que eles têm, já que eles emitem gás de efeito estufa há 200 anos e que nós começamos apenas agora. Então, é preciso que as responsabilidades sejam iguais, porém diferenciadas nos atributos de responsabilidade para cada pessoa.

E agora, na COP 16, no México, eu agora vou chegar com um carrinho,



eu vou levar... Pode já levar, Emílio, para Brasília, um saco desse polietileno branco aí. Pode levar um saco, que eu vou chegar lá e derramar aonde eles passarem, cada um vai ter que pisar ali, no nosso polietileno feito da cana-de-açúcar, para eles saberem que, enquanto eles falam, enquanto eles ditam regras, nós aqui, no Brasil, falamos menos e fazemos mais.

E este país, hoje... Porque, Emílio, o que, o que nós estamos assistindo neste momento é a construção de uma nação. Uma nação não é o território, uma nação não é apenas a quantidade de habitantes, uma nação é a qualidade e a dignidade, e a autoestima de um povo, é como é que esse povo vê a sua própria nação. E houve um tempo em que a gente se achava inferior, houve um tempo que tudo que vinha de fora era melhor, tudo que acontecia lá fora era melhor. E nós, agora, estamos assumindo para nós a responsabilidade de que as pessoas podem ser iguais, melhor, nós não aceitamos. Nós não queremos ser melhores do que ninguém, mas não queremos ser inferiores a ninguém.

E quando nos é dada a oportunidade de a gente, no mesmo dia, assistir uma empresa brasileira, com tecnologia como a Petrobras, maior detentora de pesquisa de petróleo em águas profundas, descobriu o pré-sal, e hoje, por ser a empresa que participou da maior capitalização da história da humanidade; e vir aqui à tarde, e participar de um evento onde uma empresa brasileira, com tecnologia brasileira, com pesquisador brasileiro, com operário brasileiro, no solo brasileiro, a gente poder dizer ao mundo: enquanto vocês falam, nós fazemos, e está aqui o nosso polietileno verde, feito da cana-de-açúcar, feito do álcool produzido pela cana-de-açúcar, que produz duas vezes mais do que o álcool americano do milho. Então, se quiserem, fazer parceria, nós, brasileiros, estamos de braços abertos para ajudar o mundo a sequestrar carbono e a emitir menos gás de efeito estufa.

Portanto, o dia de hoje, se acabasse agora, já seria gratificante para mim. Parabéns à Braskem, parabéns à Petrobras e parabéns ao povo brasileiro pelo dia de hoje.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um abraço e boa sorte para todos nós.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a inauguração simultânea de oito usinas termelétricas a biomassa de cana no estado de São Paulo

Barra Bonita - SP, 27 de setembro de 2010

Bem, primeiro, eu quero dizer ao povo de Barra Bonita da minha alegria de estar participando deste evento.

Companheiros de Bauru, companheiros de Jaú, companheiros corintianos, palmeirenses, são-paulinos, santistas,

Eu queria dizer para vocês que eu estou muito feliz de estar aqui nesta região porque faz tempo, Elio, que eu não venho para cá, faz tempo que eu não venho fazer uma reunião que atinge uma expectativa que eu sonhei, que os empresários sonharam e que o Brasil precisava e o mundo precisava, e que agora nós estamos concretizando, senão na plenitude que nós gostaríamos, mas estamos dando passos extraordinários para construir e mostrar ao mundo opções de produção de energia alternativa que possam garantir o mundo, ou livrar o mundo da emissão de gases de efeito estufa, que tanto problema tem causado ao planeta Terra.

Por isso, eu queria cumprimentar os meus companheiros ministros que estão aqui,

O prefeito de Barra Bonita, José Carlos de Mello Teixeira,

Cumprimentar o meu querido companheiro Suplicy, senador da República,

Cumprimentar o Rubens Ometto, presidente do Conselho de Administração da Cosan, e cumprimentando o Rubens, eu quero cumprimentar todos os empresários aqui presentes,

Quero cumprimentar o nosso querido Marcos Jank, presidente da Unica,

E o nosso querido companheiro Elio Neves, presidente da Feraesp, por



intermédio de quem eu cumprimento os trabalhadores aqui presentes,

Quero cumprimentar o nosso querido Zimmermann, que estava falando lá em Narandiba,

E também quero cumprimentar o prefeito Enio Magro, de Narandiba,

Quero cumprimentar também o diretor de Tecnologia da Eletrobras, Ubirajara Rocha Meira,

E quero cumprimentar o senhor Carlos Ubiratan, diretor da Cocal II,

Quero cumprimentar, no Mirante do Paranapanema, o nosso prefeito Eduardo Quesada,

Quero cumprimentar o Ildo Grüdtner, secretário de Energia Elétrica do Ministério de Minas e Energia,

E quero cumprimentar o Luiz Pereira de Araújo Filho, vice-presidente da ETH Bioenergia,

Quero cumprimentar os prefeitos aqui presentes: prefeito de Areiópolis, senhor José Pio de Oliveira; prefeito de Bauru, Rodrigo Agostinho; prefeito de Bocaina, Marco Antonio; prefeito de Brotas, Antonio Salla; prefeito de Fartura, Paulo Amamura; prefeito de Igarapu do Tietê, Carlos Augusto Gama; prefeito de Mineiros do Tietê, João Sanches; prefeito de São Manuel, Tharcílio Baroni Júnior e acho que acabaram os prefeitos aqui.

E quero cumprimentar aqui todas as pessoas que nós estávamos vendo na televisão, e eles também estavam nos vendo.

Eu acho que, para ser rápido e preciso, eu queria apenas dizer para as pessoas que hoje é um marco importante para nós – para nós do governo, para nós trabalhadores, para nós empresários e, sobretudo, para o setor de energia do Brasil. Nós estamos, na verdade, hoje, inaugurando praticamente 543 megawatts de energia alternativa em todas as empresa que foram citadas: são 136 megawatts em Barra Bonita; são 35 megawatts em Clealco/Queiroz, em Queiroz; são 160 megawatts em Narandiba; são 100 megawatts em Conquista



do Pontal - Mirante do Paranapanema; são 33 em Pitangueiras; são 30 megawatts em Cosmópolis; são 19 megawatts em Jacanga; 30 megawatts em Noble Energia, em Sebastianópolis.

Eu não sei se faltou alguma coisa, mas são essas as usinas – algumas já estão funcionando há algum tempo – e eu queria, Elio, dizer para você da alegria de estar aqui inaugurando essas usinas. Essas usinas fazem parte do PAC. Na verdade, um total de investimento de R\$ 900,41 milhões, sendo que, dos 900 milhões, R\$ 853 milhões serão investidos até o dia 31 de dezembro de 2010. Aqui tem um forte financiamento do BNDES. Eu acho que a parceria construída entre o empresariado do setor e o BNDES é que permitiu que a gente pudesse, no dia de hoje, estar comemorando o fortalecimento da produção de energia através da biomassa.

É importante que as pessoas saibam o seguinte: entre janeiro de 2003 e agosto de 2010, o parque brasileiro de geração elétrica teve um acréscimo de 28.409 megawatts em sua potência instalada. Desse total, 4 mil megawatts são de usinas termelétricas que utilizam a biomassa como combustível. Apenas no estado de São Paulo, a biomassa passou a gerar mais 2.186 megawatts. Marcos, se eu estiver errado, você vai balançando a cabeça que não ou que sim, porque aí eu mudo o meu discurso aqui.

Bem, esse acréscimo de potência de energia no estado de São Paulo é suficiente para suprir a energia de aproximadamente 3,6 milhões de pessoas. Apenas neste ano de 2010, foram acrescentados 4.051 megawatts de potência instalada no país. Desse total, 1.261 megawatts - 31% - veio de usinas térmicas a biomassa, dos quais 665 megawatts foram instalados aqui, no estado de São Paulo.

As usinas térmicas de biomassa representam hoje o equivalente a 6,6% da matriz energética em todo país. Atualmente estão em operação 375 usinas, representando 7.265 megawatts. Verdade, Marcos? Verdade. Muito bem.



Bem, eu digo isso aqui, companheiros... eu vou deixar o meu discurso aqui e vou falar ali, onde estão as mulheres cortadoras de cana que eu vi aqui, no canto. É importante, é importante que vocês saiam daqui sabendo que o dia de hoje é importante para vocês, é importante para os empresários, é importante para os prefeitos, importante para o governo de São Paulo e para o presidente da República do Brasil. Por quê? Porque hoje nós estamos produzindo energia de uma coisa que era jogada fora, ou de uma coisa que era queimada, que não servia para nada, que era o bagaço da cana. Depois de moído, depois de fazer a cachaça, depois de fazer o álcool, depois de fazer o que eles quisessem fazer... Certamente aqui não produz uma caninha, não, produz? Só uma reserva especial para os donos, que eu espero, um dia, que eu e o Elio sejamos premiados com uma *garrafita*.

Pois bem. Então, agora, agora, aquilo que era jogado fora, aquilo que era um estorvo, aquilo que era uma inquietação para os empresários, porque não sabiam o que fazer, agora está virando energia elétrica para tocar a usina, para acender a luz da casa da gente, para acender a televisão, para acender o nosso liquidificador, a nossa geladeira, no domingo – quando a gente vai tomar uma cervejinha, se ela não estiver gelada, a gente acha ruim; se ela estiver geladinha, a gente pode saber que a gente está com a cervejinha gelada com energia produzida não por óleo diesel e não apenas por água, mas produzida por bagaço de cana.

E agora vai ter uma coisa mais importante: vocês que são do corte de cana sabem como é desagradável cortar cana cheia de folhas, não é? Como machuca! Então, se inventou de queimar a cana, fazer aquelas queimadas para depois entrarem os cortadores, e aquilo também não era bom. Aquilo matava rato, matava cobra, matava um monte de coisas aí, e vocês depois tinham que entrar para cortar e saíam de lá como se estivessem trabalhando em uma carvoaria, não é?

Pois bem, a gente agora não vai precisar mais, porque, como a máquina



vai cortar cana no lugar de vocês – e isso é uma coisa irreversível. Eu estive agora, nesses dias, visitando uma exposição de máquinas lá em Esteio, no Rio Grande do Sul. Cada máquina daquela vai substituir 100 pessoas no corte de cana, cada máquina. Agora, veja, eu acho que é motivo para apreensão, como disse o companheiro Elio, mas também é importante saber que o que vai acontecer com a entrada das máquinas, é porque nós achamos que é desumano um ser humano trabalhar no corte de cana. Então, nós temos que assumir a responsabilidade de criar condições de formar vocês para que vocês possam aprender uma profissão e ganhar o mesmo que ganham no corte de cana – ou mais –, trabalhando em outra atividade. Porque, se os empresários, se os prefeitos, se o governador, se o presidente da República, se o sindicato não estiverem preocupados com isso, a gente vai colocar máquina, e, em vez de a gente ter uma trabalhadora ou um trabalhador mais especializado, a gente vai ter uma pessoa desempregada, sem receber salário, passando necessidade, passando privações, às vezes tendo que sair da casinha que mora para ir para um barraco bem longe, e, em vez de a gente estar construindo desenvolvimento, a gente estaria construindo miséria e pobreza neste país. Não é isso que nós queremos, e eu tenho a certeza de que não é isso que vai acontecer no nosso país.

E a gente não vai precisar mais queimar a cana lá. Por que não vai precisar? Não só porque do ponto de vista ambiental não é correto, mas também porque agora as folhas da cana, a palha da cana vai ser utilizada para fazer o quê? Energia elétrica. Então, você também vai pegar tudo aquilo que antes a gente cortava e deixava lá para queimar, agora a gente vai produzir energia com aquilo lá, e isso vai ajudar que o país seja... que o Brasil seja o país do mundo com a energia mais limpa e mais eficiente do mundo.

Porque você tem algumas opções para produzir energia hoje: você tem a elétrica, que é a mais famosa do Brasil, que é energia elétrica construída à base da água; você tem a energia nuclear, que é... nós temos duas aqui,



estamos, agora, começando a terminar a terceira, mas é que, em países como a França, 90% é energia nuclear. É sempre muito importante, é muito garantido, mas sempre tem o problema de Chernobyl, que a gente não esquece até hoje. No Brasil não aconteceria o que aconteceu em Chernobyl nunca, mas nuclear é sempre nuclear. Depois, é uma energia limpa, é uma energia cara, e é uma energia que o Brasil... se quiser fazer, o Brasil tem que importar tecnologia.

Depois, tem a energia eólica, que é aquela de vento. Nós temos alguns lugares no Brasil em que a gente está fazendo um exemplo de produção de energia com aquela hélice que vocês veem rodando aí. Nós já temos boas experiências, e no Nordeste a gente tem um potencial de produzir energia eólica, mas não é tão consistente quanto a energia hídrica ou quanto a biomassa.

Depois, nós temos outros tipos de energia: óleo diesel, por exemplo. Não nos interessa fazer, porque é muito poluente e é muito cara. Você tem a gás. É muito importante, é menos poluente, mas nós não temos todo o gás que nós precisamos, do mundo. Agora, com o pré-sal, talvez a gente tenha gás. Só que o nosso gás tem muito enxofre, então é preciso saber o que a gente vai fazer com o enxofre para a gente separar o enxofre e trazer o gás mais limpo, para a gente poder aumentar a hidrelétrica [termelétrica].

Fora isso, é biomassa, fora isso, é biomassa... nós... tanto para produzir energia elétrica, quanto para produzir etanol de segunda geração.

Há uma coisa importante que vocês, que cortam cana, devem se orgulhar. Nem sempre a gente sabe o benefício que a gente faz na função. Nem todo trabalhador da indústria automobilística sabe para que serve a peça que ele coloca no carro.

Vocês, hoje, têm que ter dimensão do seguinte: o Brasil passou a ser respeitado no mundo com a questão da cana. Por que o Brasil passou a ser respeitado no mundo? Porque o mundo rico – seja Europa, seja Japão, sejam



Estados Unidos –, eles têm obrigação de parar de utilizar combustível no seu carro ou na sua indústria que gere gases de efeito estufa, que poluam o planeta Terra. Então, eles têm que utilizar outra coisa, e vão ter que utilizar etanol, vão ter que utilizar o nosso álcool. Nos Estados Unidos, eles produzem álcool de milho, diferentemente de nós que aprendemos que milho a gente dá para a galinha, para engordar para a gente comer depois, sobretudo se a galinha for poedeira, para colocar uns ovinhos para a gente comer, nos Estados Unidos, eles produzem álcool. O mesmo que nós fazemos de cana, eles fazem de milho. Só que, fazendo de milho, eles encarecem a ração animal, eles encarecem o milho que a gente dá para o cavalo, dá para a cabra, dá para... não pode dar muito milho para bode porque o bicho estufa e morre. Mas... Tudo aquilo que era ração animal, na hora que os Estados Unidos produzem, de milho, eles encarecem, e o álcool americano custa três vezes o preço do nosso álcool.

É por isso que nós ficamos importantes. É porque agora eles têm uma tarifa para impedir que o nosso etanol chegue lá. Eles têm uma tarifa, eles cobram uma taxa. Mas eu acho que a realidade vai obrigá-los, a qualquer momento... e o Marcos disse que o Congresso americano está para votar, eles vão ter que abrir para importar o álcool nosso.

Quando eles abrirem para importar o álcool nosso, aí vai ter mais empregos, vai ter mais cana, vai ter mais usina, e vai ter mais emprego, necessariamente, não no corte da cana, mas no trabalho na usina, no setor de serviço, como maquinista, como mecânico. Nós vamos ter que criar outro tipo de serviço para vocês, sobretudo para as mulheres. Esse serviço é duro, esse serviço é duro porque as mulheres trabalham em parte porque elas querem ajudar a sustentar a sua família. Em muitos casos, a mulher é quem manda na família. Em muitos casos, ela é a única que trabalha para sustentar a família. Essa é uma razão. A outra razão é que, mesmo que a mulher tenha marido, ela quer ajudar, porque o salário dele sozinho não dá. Uma outra razão é que o



trabalho doméstico é chato para caramba. Nenhuma mulher... Se empregado [trabalho] doméstico fosse bom, Eduardo, quem fazia era a patroa. Se empregado [trabalho] doméstico fosse bom, quem fazia era a patroa, ou o marido, não deixava a mulher fazer: “É tão bom que eu vou fazer”. Então, a mulher trabalha também para se livrar do trabalho doméstico, porque é chato a mesma coisa todo dia: limpa cama, limpa mesa, limpa sofá, varre o chão, lava a cozinha, lava banheiro, dá banho na molecada, almoço para a molecada, café para a molecada, janta para a molecada; o marido chega de noite, e pede cafezinho, e pede cervejinha. O filho da mãe não levanta a bunda nem para mudar o canal de televisão.

Então, por tudo isso, nós temos que pensar no trabalho da cana como alternativa, mas humanizar o trabalho da cana. Daí porque eu quero agradecer a compreensão do companheiro Elio, um dos mais importantes sindicalistas que eu conheço da área, talvez o mais comprometido com os trabalhadores do corte de cana do Brasil; quero cumprimentar o Marcos, porque a Unica teve um papel extremamente importante representando os empresários do setor; e quero cumprimentar o companheiro Dulci, que foi o ministro que, da parte do governo, coordenou para a gente humanizar o trabalho na cana-de-açúcar.

Enquanto vocês estiverem trabalhando, tem que ter a garantia da água de qualidade, tem que ter a garantia do banheiro, tem que ter a garantia do bom transporte para vocês irem e para vocês voltarem, tem que ter a garantia de condições de trabalho mínimas que qualquer cidadão precisa na face da Terra. Não é possível que você pegue um caminhão velho, um ônibus velho, como era antigamente, leva lá, solta aquele bando de homens e mulheres e vai buscar no final da tarde só, deixa lá como se fossem bichos.

Então, humanizar o trabalho é uma coisa importante que nós estamos construindo, e eu tenho fé em Deus que a gente vai servir de exemplo para todo o território nacional, e que a gente vai juntos, juntos – não é apenas o governo sozinho, ou os empresários sozinhos, ou os trabalhadores sozinhos –,



juntos, empresários, governo e trabalhadores, envolvendo prefeitos, governo do estado, governo federal, a gente vai construir uma alternativa para que vocês que trabalham no corte de cana hoje possam trabalhar amanhã, depois de amanhã, no ano que vem, em um outro trabalho tão digno do ponto de vista do trabalho, mas menos penoso, menos sofrível do que é o trabalho no corte da cana.

Por isso, eu quero dar os parabéns aos empresários pela inauguração das usinas térmicas, da termelétrica a biomassa... da termo a biomassa, e quero dizer para vocês que, da parte do governo federal, nós vamos continuar fazendo todo o incentivo para que a gente ensine a Europa e os Estados Unidos de que nós, aqui no Brasil, nós não apenas falamos em um mundo menos poluído, em um mundo menos, eu diria, com menos gás do efeito estufa. Nós estamos cumprindo a nossa parte: o Brasil é hoje o país do mundo que tem a energia mais limpa do planeta, mais limpa do planeta. Ninguém pode levantar o nariz ou empiná-lo para conversar com o Brasil sobre energia; quando alguém quiser utilizar a palavra energia limpa, esteja onde estiver, em qualquer lugar do mundo, eles têm que olhar para o mapa e saber que tem um país chamado Brasil que não fala, faz a energia mais limpa do planeta Terra.

Um abraço, parabéns e boa sorte aos trabalhadores e ao povo brasileiro.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
cerimônia de comemoração dos 60 anos da Refinaria Landulpho Alves**

São Francisco do Conde-BA, 29 de setembro de 2010

Bem, eu quero... Rapaz, quanta máquina fotográfica!

Meus queridos companheiros e companheiras,

Meus queridos companheiros ministros Márcio Zimmermann, de Minas e Energia; e Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República,

Nossa querida companheira Rilza Valentim, prefeita de São Francisco do Conde,

Meu querido companheiro Mário Nogueira, presidente da Câmara dos Vereadores de São Francisco do Conde,

Meu querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu querido James Correia, secretário estadual de Indústria, Comércio e Mineração,

Nosso querido companheiro Paulo Roberto Costa, diretor da área de abastecimento da Petrobras,

Nosso querido companheiro Paulo César Martin, representante da FUP Regional,

Meu querido companheiro Osvaldo Celestino, ex-funcionário desta Refinaria, por meio de quem cumprimento todos os trabalhadores,

Companheiros demais diretores da Petrobras,

Companheiro Lima,

Não colocaram o nome do meu japonês aqui na minha nominata, portanto, eu não tenho o nome aqui. Nosso companheiro Furukawa,

Companheiros prefeitos aqui presentes: Maria Quitéria, de Cardeal da



Silva; Antônio Magno, de Vera Cruz; e o nosso companheiro Luiz Caetano, de Camaçari,

Meus amigos e minhas amigas,

Sinceramente... Eu vou descer, meu filho. Mas se eu falar daí, ninguém me vê. Olhe, deixa... Eu vou lhe dar um abraço, querida, vou lhe dar um abraço. Mas deixe, deixe só eu terminar essa parte aqui, aí eu vou cair nos braços de vocês.

Bem, primeiro, é com muita alegria que participo das comemorações dos 60 anos da Refinaria Landulpho Alves, que todos nós podemos considerar uma espécie de irmã mais velha da família Petrobras. Esta foi a primeira grande refinaria construída com dinheiro público, e começou a operar três anos antes da criação da Petrobras, que completa 57 anos de existência no próximo domingo, junto com o Zé Sergio Gabrielli. Ele nasceu exatamente... quando a gente estava lutando pelo “O Petróleo é Nosso”, ele estava nascendo, e gritou... o primeiro choro dele foi “petróleo”, e depois virou presidente da Petrobras.

Também, companheiros, no domingo, nós vamos ter no Brasil uma grande festa da democracia: o povo brasileiro vai às urnas para expressar seu discernimento, sua visão soberana sobre o país e o projeto de desenvolvimento que deseja para a nossa nação.

A hora do voto é a hora sagrada da democracia. Dentro da cabine, cada cidadão vale um voto; rico ou pobre, vale um voto; dono de um milhão ou dono de um tostão, vale um voto.

Essa é uma grande conquista do nosso povo: mais de 135 milhões de homens e mulheres votam sem estar subordinados a qualquer tipo de discriminação, e ajudam a consolidar o mais longo período de plena democracia em nosso país.

Esse avanço é ainda mais significativo se lembrarmos que o primeiro



projeto de Constituição do Brasil, em 1823, Gabrielli, vinculava o voto à propriedade da terra. Ou seja, o que valia era o título de posse de pelo menos 150 alqueires de terra, e não o título de eleitor.

A pessoa tinha que ter, no mínimo, 150 alqueires para poder votar – significa que nós todos aqui estaríamos fora, nós todos aqui. Só via os outros passar ali para escolher... Agora somos nós, agora somos nós. Também... Esse é um dado importante para as mulheres, esse é um dado importante: Também é significativo lembrarmos que, até 1932, mulheres não podiam votar, e que os analfabetos só conquistaram o direito de voto há 25 anos, na Constituição de [19]88; até então, analfabeto também não podia votar. A primeira mulher que conquistou o direito de votar, no Brasil, foi uma mulher, no estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Mossoró; ela foi à Justiça e, na Justiça, ela ganhou o direito de votar, mas só ela votou.

Hoje, felizmente, ninguém cobra pedágio ou explicação dos brasileiros e brasileiras na hora de votar, e todos podem exercer, com altivez e independência, o seu sagrado direito democrático. A história nos ensina que é assim, pensando com a própria cabeça, sem ceder a pressões de nenhuma espécie, que a sociedade brasileira obtém as maiores conquistas de sua história.

E a Refinaria Landulpho Alves e a Petrobrás, como um todo, são exemplos concretos do que estou falando.

Companheiras e companheiros,

Em 3 de outubro de 1953, depois da campanha do “O Petróleo é Nosso”, e sob as críticas ferrenhas de seus opositores, Getúlio Vargas criou a Petrobras. Hoje é fácil a gente estar aqui participando desta festa, mas quando Getúlio pensou em criar a Petrobras, ele foi muito criticado. Esses mesmos que hoje nos criticam, criticavam Getúlio, dizendo que o Brasil não tinha que se meter a procurar petróleo; que aqui não tinha petróleo; que o Brasil deveria não ficar investindo onde ele não tinha conhecimento, não tinha engenharia, não



tinha tecnologia; que a gente era de segunda classe, vira lata; que, portanto, a gente não tinha que ter petróleo. Hoje nós estamos aqui graças à coragem de Getúlio Vargas e do povo brasileiro, que, em 1953, criaram a Petrobras. Naquele dia, conquistamos a soberania na exploração, produção e refino de petróleo.

A empresa cresceu, se consolidou e se tornou um orgulho nacional. Mas um pedaço dessa conquista foi revogado nos anos 90. Esse rebaixamento foi promovido por aqueles que diziam que o Brasil não tinha recursos para expandir a indústria petrolífera, e que não havia mais sentido em se investir em novas refinarias.

Pois bem, a partir de 2003, passamos a inverter essa lógica que vinha impedindo a Petrobras de exercer todo o seu enorme potencial de induzir o nosso desenvolvimento.

Demos início a um vigoroso processo de fortalecimento da empresa, cujo capítulo mais recente ocorreu na Bovespa, na última sexta-feira. Vocês viram que, na sexta-feira, a Petrobras foi protagonista da maior capitalização da história mundial, e se tornou a segunda maior empresa do setor do mundo.

Hoje, nós podemos olhar uns nas caras dos outros e, com muito orgulho, dizer: não apenas o petróleo é nosso, a Petrobras é mais nossa e o pré-sal também é nosso!

Vocês... E aqui eu queria dizer para vocês da alegria que eu senti na sexta-feira. Porque vocês sabem que a minha origem vem do movimento sindical; vocês sabem que eu nasci em Garanhuns, Pernambuco, e que fui para lá de pau-de-arara em 1952 - treze de dezembro de 1952; e que... vocês sabem também que eu tenho pouca formação escolar – eu tenho o curso primário e tenho um curso técnico; e que Deus e vocês, o povo brasileiro, guiado pelo povo de São Francisco do Conde, que eu virasse presidente da República.

Pense em um cabrinha que veio de Garanhuns virar presidente da



República; já era o máximo do máximo. Agora pense nesse cabra, junto com esses cabras aqui, participar do maior processo de capitalização do Sistema Capitalista da história da Humanidade. Nem no tempo dos dinossauros, quem vendeu os dinossauros conseguiu fazer a capitalização, nem o dono da Microsoft, nem George Soros, nem o dono da GM, nem o dono da Ford, nem o dono do Citibank; foi exatamente um torneiro mecânico, um economista e milhares de trabalhadores que, na Bolsa de Valores de São Paulo, fizemos a capitalização de US\$ 70 bilhões à Petrobras. É a maior capitalização da história da Humanidade, e isso é motivo de orgulho, é motivo de orgulho para todos nós.

Portanto, a Petrobras agora tem mais recursos, e atributos e os atributos regulatórios necessários para assumir o papel de operadora soberana na maior reserva de petróleo descoberta nos últimos 30 anos em todo o mundo.

Para que a riqueza do pré-sal fique em mãos brasileiras, porém, tivemos que enfrentar os mesmos interesses que tentaram derrotar Getúlio Vargas e a Petrobras, há mais 50 anos.

Com essa vitória, legamos às gerações futuras uma gigantesca poupança nacional, capaz de promover a eficiência da economia e a erradicação da miséria e, sobretudo, capaz de universalizar o acesso a uma educação pública de qualidade, da creche à universidade.

A escola pública há de fazer neste país aquilo que o voto faz na democracia: tratar com igualdade todas as crianças, todos os adolescentes, todos os homens e todas as mulheres da nossa terra, para que não existam mais duas categorias de infância em uma só geração – uma que a gente já sabe que vai ser doutora e uma que a gente já sabe que vai morrer analfabeta. Acabou! Com o dinheiro do petróleo, nós não vamos jogar fora, nós vamos cuidar de investir no fortalecimento e na formação do nosso povo.

Eu quero repetir aqui o que eu disse na Bolsa de Valores na última sexta-feira: Se tivesse emergido em outros tempos, o patrimônio do pré-sal



poderia ter se alienado na voragem de liquidações impostas pelo estrangulamento de uma economia fragilizada e no vazio de um Estado dissociado de interesses nacionais. Hoje, felizmente, não corremos mais esse risco. A economia e o Estado verdadeiramente democrático estão pavimentando os caminhos para que essa riqueza possa, de fato, acelerar a convergência de direitos e oportunidades em nossa terra.

Companheiras e companheiros,

Vivemos em um Brasil completamente diferente do Brasil que tínhamos em 2003: Nossa economia registra taxas recordes de crescimento; o consumo industrial de energia cresceu 13% até agosto passado, refletindo a consistência da expansão liderada pelo investimento produtivo; o desemprego atingiu o nível mais baixo dos últimos anos; o salário médio é o mais alto desde 2002. Há 15 anos o Dieese acompanha os resultados das negociações coletivas neste país. Nunca, como agora, foram fechados tantos acordos com ganhos expressivos, acima da inflação, inclusive para os petroleiros e para os metalúrgicos.

Nossas reservas, em dólares, que praticamente não existiam, passaram, agora, a mais de US\$ 270 bilhões. Nós, que vivíamos devendo ao FMI, não devemos mais nada; é ele que nos deve, agora, US\$ 14 bilhões. A habitação popular tornou-se um dos motores do crescimento, depois de 25 anos de ocaso habitacional.

Os investimentos do PAC expandem a infraestrutura, transformando o país em um imenso canteiro de obras. Quase 28 milhões de brasileiros saíram da pobreza, mais de 35 milhões foram para a classe média. O mercado de consumo popular reúne hoje metade da população e 46% da renda nacional.

Um fato é especialmente importante: o Nordeste deixou de ser o primo pobre da economia e se consolidou como um dos polos mais dinâmicos da produção e do consumo do nosso país.

A verdade é que o Brasil caminha rapidamente para se tornar a quinta maior potência econômica e industrial do planeta. Não voltará, sob hipótese



alguma, a ser terreno fértil para a desigualdade e a exclusão, e tampouco se reduzirá a um mero exportador de produtos primários – inclusive, nós não queremos ser exportadores de petróleo bruto. É exatamente por isso que a extração do óleo do pré-sal será efetuada de acordo com a nossa capacidade de processar e exportar combustíveis de maior valor agregado.

Estamos construindo cinco novas refinarias e, ao mesmo tempo, ampliando e modernizando as já existentes, como é o caso desta refinaria, onde a Petrobras está investindo nada mais, nada menos do que R\$ 4,8 bilhões, gerando quase 10 mil empregos durante o processo de construção. Isso constitui um sinal claro das escolhas que fizemos para o desenvolvimento.

A última refinaria a entrar em operação no Brasil havia sido concluída em 1980. Havia, portanto, 30 anos que a gente não fazia uma refinaria neste país. Hoje somos um dos quatro países do mundo que mais investe nesse setor, ao lado da China, da Índia e da Arábia Saudita.

Os planos da Petrobras preveem que seremos totalmente autossuficientes em derivados até 2014. Além disso, estamos adquirindo refinarias em mercados estratégicos, como Estados Unidos e a Ásia, para processar o óleo do pré-sal em unidades próximas aos grandes centros importadores.

Meus caros petroleiros e petroleiras da gloriosa Landulpho Alves,

Hoje, mais que nunca, vocês são parceiros de uma agenda que desloca e amplia o patamar das possibilidades nacionais. O Brasil aprendeu, de uma vez por todas, que pode construir o seu desenvolvimento, e não irá renunciar a essa oportunidade. Ele aprendeu, sobretudo, que é possível trilhar esse caminho, fortalecendo a democracia política para que ela seja também uma democracia social, e para que todos os cidadãos tenham pesos iguais não apenas na hora do voto, mas também na hora de exercer seus direitos e compartilhar das oportunidades na vida deste país.

Eu quero, meu querido companheiro José Sergio Gabrielli, queridos



companheiros diretores da Petrobras, nosso querido primeiro trabalhador da Petrobras [Refinaria]... eu queria dizer para vocês parabéns, porque não é qualquer país que pode construir uma empresa da envergadura da Petrobras, e não é qualquer povo capaz de fazer, durante 60 anos, uma refinaria continuar sendo uma jovem promissora refinaria, da qual o Brasil ainda depende muito.

Eu queria agradecer a cada um de vocês, agradecer à Petrobras e dizer para vocês que eu estou terminando o meu mandato. No dia 31 de dezembro, à meia-noite, eu irei dormir Presidente e acordarei ex-Presidente. Mas, uma coisa que vai fazer a gente refletir, é que eu vou encostar a cabeça no travesseiro, no dia 2, em São Bernardo do Campo, com a consciência tranquila, a consciência de quem foi honesto com o povo brasileiro, a consciência de quem tem... a consciência de quem sabe que fez muita coisa, mas, ao mesmo tempo, tem consciência de que ainda falta muita coisa para fazer.

Uma coisa nós aprendemos: a não acreditar mais naqueles que diziam que era difícil governar, naqueles que diziam que o Brasil não tinha jeito; naqueles que diziam que não era possível o Brasil dar um salto de qualidade que o Brasil deu; aqueles que governavam o Brasil para apenas 35 milhões de brasileiros, sem levar em conta que nós tínhamos 190 milhões de brasileiros.

Portanto, é com muito orgulho, Gabrielli, você que é PHD em economia pela Universidade Federal da Bahia, você sabe que é com muito orgulho que eu posso olhar na cara destes trabalhadores e destas trabalhadoras; olhar na cara de uma prefeita negra, que nunca pensou em ser prefeita e virou prefeita, e dizer... Imagina que o Obama falou que eu era “o cara” há dois anos. Ele ainda não conhecia as pesquisas que estão saindo nesses dias, em que nós vamos terminar o mandato com mais de 80% de aprovação, de bom e ótimo; se colocar regular, nós vamos chegar a 96%. Acho que, se o Obama soubesse disso e se ele soubesse que eu, com o quanto ano primário, sou o Presidente que mais fez universidades no Brasil, que mais fez escolas técnicas no Brasil, e



que peguei o orçamento da educação com 20 bilhões e, hoje, deixei o orçamento da educação com 70 bilhões, ele iria falar: “Pô, não é que esse cara é o cara do cara! Não é que esse cara...”.

Porque na verdade, o Obama... o Obama, uma vez eu o convidei para vir à Bahia, eu falei: “Obama, eu queria que você fosse ao Brasil, mas fosse à Bahia. Eu queria que você conhecesse o povo baiano”. Porque, na hora em que o Obama botasse o pé aqui... Eu não sei se ele vem, porque ele tem tanto problema lá – também, se mete em problema, é problema dele. Aqui, eu procuro não me meter em problema; aqui, eu procuro resolvê-los. Mas eu queria que ele viesse aqui, porque ele iria falar: ”Puxa vida, eu me enganei quando eu disse que o Lula era ‘o cara’, porque, na verdade, o Lula é apenas um presidente. ‘Cara’ são aqueles caras da Bahia, é aquele povo da Bahia que são os caras que representam a dignidade deste país “.

Então, gente, olha, eu não poderia deixar de faltar [vir] aqui, Gabrielli, nesses 60 anos, porque eu acho que tudo que a Petrobras faz é motivo de orgulho para nós; acho que a Petrobras, nesses próximos anos... Só para vocês saberem: a Petrobras, até 2015, 2017, são US\$ 224 bilhões. Ou seja, é muito dinheiro, é muito dinheiro, é muito navio, é muita sonda, é muita perfuração, é muita refinaria, é muita exportação, é muito emprego que vai ser gerado, é muito dólar que vai entrar, é muita exportação que vai sair...

A verdade é a seguinte. Definindo tudo isso, eu vou dizer para vocês: nós aprendemos a gostar de nós. Nós, hoje... Hoje não é o brasileiro que fica olhando para a Alemanha e fala “Lá tudo é bom”; para a França, “Tudo é bom”, para os Estados Unidos... Não. Hoje, eles estão de olho aqui. Essa semana, Zé Sergio, eu saí em quatro revistas francesas, o Brasil saiu em umas oito, cada uma falando melhor do Brasil.

Porque uma coisa eles aprenderam: Quando veio a crise econômica, que era um teste que precisava, porque Deus escreve certo por linhas tortas. Os meus adversários diziam: “Ah, o Lula teve apenas sorte. O Lula... Eu queria



ver se ele enfrentasse uma crise”. Nós enfrentamos a maior crise do Capitalismo desde 1929, a maior crise. Eu fui para a televisão e disse: isso é uma marolinha; aí me acusaram que eu estava falando bobagem. Eu disse que a crise iria chegar por último aqui e sair primeiro; ela chegou por último e saiu primeiro.

É o Nordeste hoje que é... o maior consumo popular deste país se dá aqui no Nordeste. Agora, o James estava me dizendo que ele está impressionado com a quantidade de vendas de motocicletas aqui no Nordeste. Pois é, eu fui à minha terra, Zé Sergio. A coisa que dá mais orgulho é que os caras estão trocando o nosso querido jegue por uma motocicleta. Rapaz, eu estou até prevendo que, se continuar nesse ritmo, os jegues vão entrar em greve, vão construir um sindicato e onde eu passar eles vão relinchar e vão dar uns coices, e nós vamos ter que voltar a educar as pessoas a andarem um pouquinho de moto, mas, pelo menos, de sábado e domingo, montem no “jeguinho”, que é para ele poder ter razão de ser. Porque, desde o tempo de Jesus Cristo, que ele carregou Jesus pequeno, então acho que é um meio de transporte, para nós, extraordinário. E eu fico com saudade, porque no Nordeste – é verdade –, em vários lugares do interior, o cidadão, que andava até com as pernas meio tortas de andar de “jeguinho”, agora está com as pernas tortas de andar de moto, está moderno.

E isso se deve a cada um de vocês. Não é a mim, não é ao Gabrielli, mas é a cada um de vocês, porque, nos momentos mais difíceis que eu passei no governo, quem acreditou, quem foi para as ruas, e quem disse “Se mexer com ele, mexe comigo” foram vocês.

Portanto, eu aproveito para agradecer ao povo de São Francisco do Conde... Eu já recebi muitas cartas, eu já recebi muitas cartas, muitas cartas para eu vir aqui, estou vindo aqui, mas, Prefeita, pode ficar tranquila que a partir do dia 1º de janeiro eu vou ter mais tempo, pode colocar mais água no feijão, porque um dia desses eu apareço por aqui para tomar café, almoçar e



jantar.

Um abraço, gente, que Deus abençoe cada um de vocês, e viva a Refinaria Landulpho Alves!

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de entrega de obras de três viadutos do Complexo Rótula do
Abacaxi – Via Expressa Baía de Todos os Santos**

Salvador-BA, 29 de setembro de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras de Salvador,
Meus queridos companheiros e companheiras da Bahia,
Trabalhadores que fizeram esse túnel chegar ao ponto que chegou,
Companheiros da OAS que trabalharam – parece a Seleção Canarinho
ali, todo mundo de verde e amarelo,

Meu companheiro... Minha querida companheira Fátima Mendonça,
nossa primeira-dama do estado da Bahia,

Nossos queridos companheiros ministros Paulo Sérgio, do Transporte, e
Alexandre Padilha, das Relações Institucionais,

Meu caro companheiro prefeito João Henrique,

Meu caro companheiro Luiz Antonio Pagot, diretor-geral do Dnit,

Companheiros secretários estaduais Cícero Monteiro, do
Desenvolvimento Urbano; Fernando Schmidt, chefe de Gabinete; e Eva
Chiavon, da Casa Civil.

Nosso querido companheiro Saulo Pontes, superintendente regional do
Dnit na Bahia,

Senhor Milton Villas-Bôas, diretor-presidente da Companhia de
Desenvolvimento Urbano do estado da Bahia,

Meu caro José Adelmário Pinheiro Filho, presidente da OAS,

E nosso querido Carlos Antônio, esse motorista que falou aqui em nome
das pessoas que sofriam aqui, nesta região, antes do viaduto,

Eu, eu não vou... eu não vou falar, eu não vou falar da obra, não vou



falar da obra, porque aqui já falaram quatro pessoas, do dinheiro que colocaram na obra, da importância da obra para a cidade de Salvador, do sossego que vai trazer aos motoristas que têm que transitar por aqui. Mas uma coisa me disseram, quando eu cheguei aqui: esta obra só foi possível ser feita por conta da paciência do povo que mora aqui nesta região, que, embora reclamasse da demora da obra, eles estavam vendo que esta obra estava sendo feita.

E hoje nós estamos aqui, entregando mais uma parcela de uma obra e de um investimento que custa R\$ 380 milhões, quase meio bilhão de reais, e eu fico feliz quando os companheiros da Bahia dizem que é a maior obra viária urbana sendo feita neste momento no país.

A Bahia merece isso, foi aqui que Cabral chegou, foi aqui a primeira capital; o povo baiano é o povo mais extraordinário que tem neste país. Portanto, eu já disse uma vez, na Praça Castro Alves, que, na outra encarnação, eu nasci na Bahia. Agora, o que é importante é vocês perceberem que as coisas começaram a andar em um ritmo no Brasil que não tem mais jeito de voltar atrás, não tem mais jeito. A primeira coisa é que o povo começou a acreditar em si próprio; cada um de nós hoje tem mais orgulho, cada um de nós hoje tem mais autoestima, cada um de nós hoje acredita que nós somos capazes de fazer muito mais. Vocês sabem perfeitamente bem.

Eu pensei que o ministro Paulo Sérgio ia falar, mas ele (incompreensível) falou, e eu vou dizer: quando nós entramos no governo, a gente gastava R\$ 1 bilhão por ano na área do transporte, um bilhão por ano. Hoje, a gente, este mês, nós pagamos R\$ 1,6 bilhão. Ou seja, nós estamos pagando o dobro em um mês do que a gente fazia em um ano, quando eu cheguei à Presidência da República, porque este país estava há 25 anos sem fazer investimentos em obra pública, há 25 anos.

Vocês não se lembram da última obra pública de grande porte feita neste país, porque foi no governo Geisel, em 1975, que muitos de vocês não



tinham nascido ainda. E o Geisel só pode fazer, porque teve que tomar dinheiro emprestado. Aí tomou dinheiro emprestado a 3% de juros, o dólar, ao ano; os americanos, para resolver o problema da dívida deles, aumentaram os juros para 21%. Aí, surgiu a dívida externa, que a gente ficou 25 anos devendo, só pagando juros e sem poder fazer nada aqui dentro. Para a gente chegar ao nível que nós chegamos nós precisamos primeiro arrumar a casa.

Olha, eu sou casado há 36 anos e eu nunca comprei uma coisa que tivesse uma prestação que me deixasse dúvida de que eu não pudesse pagar. Eu tinha um medo desgraçado de gastar mais do que eu ganhava, porque todo mundo que gasta mais do que ganha, um dia, a casa cai. Um dia vão à casa dele tomar a geladeira, um dia vão tomar a televisão... É verdade, Edvaldo, é verdade, Edvaldo. É verdade, porque, veja: eu morava em um quarto e cozinha... em um quarto e cozinha, que não tinha nem pia dentro da cozinha para lavar louça. Eu pagava R\$ 100,00 por mês. Naquele tempo, era cem cruzeiros, uma nota meio avermelhada. Eu cada vez que eu recebia o meu pagamento e eu tinha que pagar o aluguel, eu ia da minha casa até o dono da casa amaldiçoando o aluguel. Então, eu criei na minha cabeça um sistema de defesa contra endividamento. Não me venha vender uma coisa, uma televisão 3G, um rádio de não sei das quantas, porque eu só vou comprar se eu tiver dinheiro sobrando para comprar, se não fizer falta para uma coisa mais importante. Não venha me dizer que precisa de um carro novo, porque eu compro se eu puder, mas se eu tiver que fazer dívida não me peça para fazer.

Pois bem, no governo, eu levei essa experiência para o governo. A gente estava devendo para o FMI. Então, o que eu pensei? Bom, nós precisamos nos livrar do FMI. Um belo dia - eu já estava há dois anos no governo - eu chamei o presidente do FMI e falei para ele: Olha, eu não quero mais o seu dinheiro. Vocês têm US\$ 16 bilhões aqui, nós não queremos mais. "Não, mas pode ficar, nós não estamos precisando agora". Eu falei: eu não quero, pode levar o seu dinheiro embora. Pagamos os US\$ 16 bilhões, porque



eu não quero ver vocês dando palpite na nossa economia. Este país é nosso e quem dá palpite na nossa economia somos nós. Se a gente acertar, ótimo; se a gente errar, ótimo, mas nós queremos pensar com a nossa cabeça e tomar decisão com a nossa consciência.

Hoje, não só a gente pagou o FMI como a gente emprestou US\$ 14 bilhões para eles, agora são eles que nos devem, e hoje nós temos US\$ 271 bilhões guardadinhos lá, guardados, para defender o nosso país. E vamos chegar ao final do mandato, querida Fátima, a US\$ 300 bilhões. Ninguém imaginava que isso pudesse acontecer no Brasil, ninguém. Ninguém jamais imaginou que este país pudesse ter US\$ 300 bilhões de reserva. Ninguém jamais imaginou que este país pudesse ter hoje o menor desemprego da sua história, inclusive na cidade de Salvador. Ninguém imaginou que este país pudesse ter a maior renda salarial dos últimos 15 anos. Ninguém jamais imaginou que a gente fosse sair, que a gente fosse sair de um ministério que tinha 1 bilhão por ano, para um ministério que tem 16 bilhões por ano, hoje. Ninguém imaginou que a gente pudesse criar 15 milhões de empregos, com carteira assinada, em dois mandatos. Ninguém imaginou que a agricultura brasileira ia bater recorde como bateu este ano, de 149 milhões de toneladas de grãos. Ninguém imaginou que a gente pudesse aumentar o salário mínimo em 74%.

Ninguém imaginou que a gente pudesse fazer aposentadoria em meia hora. Hoje, não precisa ir ao INPS [INSS], pegue o telefone e ligue 135, e resolva os seus problemas com um telefonema. Qualquer aposentado, hoje, em meia hora, recebe a sua aposentadoria, e não tem que mostrar documento, é o governo que tem que provar que ele trabalhou. E, agora, estamos cadastrando o pessoal do campo. Quando completar a idade, ele vai ser chamado: “Fulano de tal, você completou a sua idade de se aposentar, o seu salário vai ser tanto, pode vir aqui na agência”, que estamos inaugurando 700 no nosso mandato”.



Então, nós arrumamos o Brasil, arrumamos o Brasil, e daqui a 30 dias, Maria de Fátima, companheiros da Bahia... É uma pena que o nosso governador não possa estar aqui, pela questão eleitoral, mas daqui a 30 dias, o senhor Paulo Sérgio e o Ministério do Meio Ambiente me prometeram que eu vou a Ilhéus para anunciar, definitivamente, a Ferrovia Oeste-Leste, que já estará pronto o problema do Eia-Rima, a licença, porque é uma região que tem, muita caverna, e a gente precisa fazer um projeto, estudando corretamente a caverna.

E tem mais ainda: eu ainda quero estar vivo para atravessar, aqui, até Itaparica, em uma ponte, aqui, (incompreensível) eu quero estar vivo para isso. Agora, veja, eu já estou com 64 anos e vou completar 65 no dia 27, agora, quem quiser me dar presente pode me dar, antecipado, mas... Então, quando a gente chega aos 65 anos, o tempo para frente é pouco. Então, esta ponte vai ter que sair logo, porque se esta ponte demorar muito, o Lulinha – pá – escafedeu-se e não vai ver a ponte.

Mas, olhem, eu, eu vim aqui, eu vim aqui para dizer para vocês da minha alegria, do meu prazer de ver que uma coisa como essa está acontecendo aqui em Salvador e está acontecendo no Brasil inteiro. Eu estou vindo lá de São Francisco do Conde, lá nós fomos visitar a obra de renovação da nossa refinaria. São 4 bilhões e 800 milhões de investimento da Petrobras, gerando 8.500 empregos com carteira assinada, para o povo da Bahia trabalhar e sustentar a sua família honestamente.

Eu vim aqui para dizer para vocês que faltam três meses para eu deixar a Presidência da República. E quando eu deixar a Presidência, eu vou voltar muitas vezes à Bahia, vou voltar como eu vinha antes. Mas eu vou continuar percorrendo o Brasil, para ajudar este país. Este país, este país aprendeu a se valorizar. Antigamente, a gente era tratado como se fosse, como se fosse gente de segunda categoria, ninguém respeitava a gente, ninguém respeitava. Porque, muitas vezes, a gente também não se respeitava, a gente andava de



cabeça baixa, os governos não cuidavam dos pobres, o governo não tinha nenhuma atenção, governava para meia dúzia. Agora vocês sabem o tipo de governo que a Bahia tem.

Ou seja, o povo aprendeu, o povo aprendeu que o povo não quer mais coronel na política, o povo quer companheiro, parceiro. O povo quer, no Brasil inteiro. E eu digo todo dia, eu digo todo dia: só tem um jeito de a gente governar e não errar: é se a gente ouvir o povo, é se a gente tiver sensibilidade, é se a gente utilizar o coração da gente, é se a gente conversar com esse povo. Um governante não pode ter medo do povo. Quanto mais a situação estiver difícil, mais a gente tem que ir para a rua conversar com o povo. A gente, se for o caso, tem que ouvir desaforo, tem que ouvir, porque nós temos dois ouvidos, que é para a gente ouvir mais do que falar – e eu já estou falando mais do que ouvindo – mas... É que eu não venho aqui todo dia, então, eu posso falar um pouco.

Então, eu queria, queria, gente, olhem, queria dizer para vocês do meu prazer. Eu, no dia 30, (incompreensível) aí, dia... até o final de outubro eu estarei aqui outra vez. Nós temos que ver a licença do Porto de Ilhéus, o porto privado está pronto, o porto público de Ilhéus é que está com problema. Nós precisamos resolver o problema da licença, dona Eva, o problema da licença ambiental. Aqui, o Ibama estadual com o Ibama federal tem que se colocar de acordo, porque a gente só vai começar a ferrovia quando a gente tiver a licença dela inteira, e quando tiver a licença do porto, porque eu não vou começar a fazer uma ferrovia para os adversários dizerem: “Essa ferrovia vai para onde? Vai ligar o que a o quê?” E eu quero dizer: Essa ferrovia vai pegar todos os produtos que a Bahia produz, vai trazer lá do Tocantins, vai trazer lá de Barreiras, vai trazer para o Porto de Ilhéus, e vai levar coisas do Porto de Ilhéus para outros estados. Nós vamos interligar essa ferrovia com a Norte-Sul, até Estrela D’Oeste, em São Paulo, e até Belém, no Pará. Nós vamos fazer, nós vamos fazer mais de 6 mil quilômetros de ferrovia neste país, que estava



desativada.

Portanto, meus queridos companheiros e companheiras de Salvador, do fundo do coração, eu espero que vocês tenham muita sorte, muita sorte no dia 3 de outubro. E, depois, eu voltarei aqui, junto com o meu companheiro governador. As eleições já acabaram [terão acabado] e a gente vai poder percorrer o estado da Bahia inaugurando obras, anunciando novas obras, porque a Baía de Todos os Santos não pode parar, e o Brasil não pode parar e, por isso, nós temos que trabalhar cada vez mais.

Um abraço, companheiros, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)